



UFRJ

O CAMPO POLÍTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO: TENSÕES, IMAGINÁRIOS E
CONTRADIÇÕES

Carlos Henrique Galvão Biscardi

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientadora: Liana Cardoso

Rio de Janeiro
Janeiro de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

O CAMPO POLÍTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO: TENSÕES, IMAGINÁRIOS E
CONTRADIÇÕES

Carlos Henrique Galvão Biscardi

Orientadora: Liana Cardoso

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Liana Cardoso

Prof^o Aluizio Alves Filho

Prof. Ronaldo Helal

Rio de Janeiro
Janeiro de 2010

Biscardi, Carlos Henrique Galvão.

O campo político do futebol brasileiro: tensões, imaginários e contradições / Carlos Henrique Galvão Biscardi - Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010.

xi, 150.: il.; 31 cm.

Orientadora: Liana Cardoso

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS/ Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 148-150 .

1. Futebol brasileiro, 2. Imaginários, 3. Identidade nacional. 4. Cultura e campo político. 5. Poder. I. Cardoso, Liana. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciência Política. III. O campo político do futebol brasileiro: tensões, imaginários e contradições.

RESUMO

O CAMPO POLÍTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO: TENSÕES, IMAGINÁRIOS E CONTRADIÇÕES.

Carlos Henrique Galvão Biscardi

Orientadora: Liana Cardoso

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

O futebol é uma atividade humana bastante praticada e difundida no Brasil. Desde a sua chegada até o presente momento, passou por inúmeras transformações que ocorreram paralelamente à organização e ao desenvolvimento da própria sociedade republicana brasileira. Pensar o futebol como um espaço de lutas, traçando um paralelismo com os movimentos políticos do Brasil constitui o objetivo deste trabalho que, para esse fim, optou pela análise das tensões, dos imaginários e das contradições que agiram sobre o futebol brasileiro ao longo do século XX, uma vez que ele se tornou ao longo desse período uma das mais importantes identidades culturais do país.

Palavras-chave: futebol brasileiro, imaginários, identidade nacional, cultura e campo político, poder.

Rio de Janeiro

Janeiro de 2010

ABSTRACT

THE POLITICAL FIELD OF BRAZILIAN SOCCER: TENSIONS, IMAGINARYS AND CONTRADICTIONS

Carlos Henrique Galvão Biscardi

Adviser: Liana Cardoso

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

‘Soccer’ is an human activity highly practiced and widespread in Brazil. Since its arrival until the present days, it has undergone many changes that have occurred in parallel with the organization and development of Brazilian Republican society. Thinking of football as a space of struggle, drawing a parallel with political movements in Brazil is the objective of this work, which, for that purpose, chose to look at the tensions, the imaginary and the contradictions that have acted on Brazilian football over the past XX century, as it became during this period one of the most important cultural identities of the country.

Key words: *Brazilian soccer, imaginary, national identities, culture and political field, power*

Rio de Janeiro

Janeiro de 2010

Aos meus pais Sérgio e Therezinha, por minha criação,
aos meus amigos e incentivadores, Ronaldo Helal e Liana Cardoso
e ao meu filho, Fernando, com todo o amor.

Agradecimentos

Mais uma vez aos meus pais por terem me orientado tanto nesse longo caminho que venho percorrendo, desde os tempos de colégio até a faculdade. Obrigado por terem sempre acreditado em mim e confiado na minha capacidade de realização.

Minha grande orientadora. Grande no saber, na paciência e nas broncas, sempre incentivadoras. Pela amizade e incentivo. Por não deixar eu voar demais, me mantendo focado no meu objeto e mostrando o caminho para o aprimoramento de minha pesquisa.

Ao meu grande amigo Ronaldo Helal, de quem tenho profunda admiração acadêmica. Por seu incentivo, por suas obras que iluminaram os meus caminhos, aperfeiçoaram as minhas buscas e me conduziram quando tudo parecia tão nebuloso. Foram palavras animadoras, discussões teóricas que me levaram a consertar o meu percurso e me colocaram num caminho satisfatória, mediando o possível e o necessário para a realização desse trabalho.

Aos meus amigos de turma, especialmente ao Francisco e ao Pompeu, que sempre foram fonte de inspiração para mim, pela seriedade, clareza e tranqüilidade com que conduziram as suas pesquisas, servindo de exemplo para o meu aprimoramento como pesquisador.

À FAPERJ pela bolsa que me foi concedida, sem a qual o meu caminho teria sido de grandes dificuldades financeiras.

Ao professor Aluísio Alves Filho, pelas conversas nos corredores e bares onde muitas vezes aprendemos bem mais do que em salas de aula. O senhor professor é um pouco da história desse país. O meu muito obrigado por compartilhar esse seu vasto conhecimento sobre a identidade nacional do brasileiro comigo.

Ao meu irmão e amigos que sempre estiveram ao meu lado e que contribuíram direta ou indiretamente para a finalização desse trabalho.

A Ana Rosa Lattanzi, minha grande amiga do peito, pelas palavras amigas, pelo socorro que sempre me presta, por ter me ajudado nos momentos de desânimo e ter confiado em minha capacidade profissional.

A todos os funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política que estiveram conosco nesses dois anos de curso.

A minha amiga Ana Paula Tatagiba pelos papos descontraídos após os fichamentos do dia e ao Sr. Bira por manter a lanchonete aberta aos sábados, única no local.

LISTA DE SIGLAS

Apea – Associação Paulista de Esportes Amadores

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da

Fundação Getúlio Vargas

FGV – Fundação Getúlio Vargas

Fifa – Federação Internacional de Futebol Associados

FPF – Federação Paulista de Futebol

LMEA – Liga Metropolitana de Futebol Amador

NFB – O Negro no Futebol Brasileiro

UEFA – União das Federações Europeias de Futebol

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1. Sobre a sociedade, suas Tradições e Instituições	9
A força das tradições	
A secularização das tradições e suas instituições	
O poder político das instituições	
A sociedade: um campo de luta	
O futebol e as estratégias de conservação de poder	
O poder simbólico	
A idéia do futebol como instrumento civilizador	
O capital simbólico	
Modernidade, tradição, subjetividade e dominação no Brasil	
Capítulo 2. As velhas e as novas Aristocracias: Alterações no comando e de significados	31
O velho e o novo futebol	
Rio X São Paulo: a origem dos conflitos	
A origem dos conflitos no futebol	
Futebol carioca: uma identidade diferente	
Futebol e identidade nacional	
O futebol brasileiro e a idéia de uma nação forte: o porquê da tragédia de 50	
Copa de 50: a tragédia como fonte de inspiração	
Identidade e continuidade: o mito da pátria de chuteiras	
Um imaginário de Brasil pelas narrativas das Copas de 58,62 e 70	
Capítulo 3. Futebol, comunicação e política: uma crise nos sistemas	65
A mídia como recurso ideológico	
Uma crise de identidade	
A CBF e a FIFA: novos rumos	
A crise do futebol brasileiro: uma questão identitária	
As Copas de 82 e 86: um simbolismo colocado à prova	
Momentos difíceis também para a CBF	
O fim de uma era	
Um imaginário de modernidade: o lazaronês e a Era Dunga	

Capítulo 4. Globalização: o paradigma de uma nova época	103
A década de 90: quando tradição e modernidade se alinham	
Tradição e modernidade na retomada da hegemonia brasileira na organização mundial do futebol	
Neoliberalismo e futebol: o projeto expansionista da Fifa	
Quando a globalização organiza a periferia	
O global que modifica imaginários	
Os limites da globalização no futebol	
Globalização: aderindo às tradições	
Considerações finais	142
Referências bibliográficas	148

Introdução

Futebol, um campo político

Quando iniciamos este trabalho tínhamos em mente realizar uma pesquisa, quase etnográfica, sobre as particularidades que envolveram o binômio futebol-política ao longo do século XX. O objetivo era verificar como se articulou essa relação e de que forma ela influenciou o destino do futebol como um dos mais representativos ícones da formação cultural e identitária do país.

Acreditamos que a melhor maneira de atingirmos nosso objetivo seria buscar um entendimento do futebol como um espaço da sociedade onde grupos se articulam de forma a regular a sua prática e, dentro desta organização, buscam uma posição de domínio sobre os demais grupos participantes.

Trabalhamos com a idéia do futebol como um espaço de luta e apresentaremos ao longo de nosso trabalho referenciais teóricos que possam dar conta de nossa proposta. Acreditamos, conforme descreveu o sociólogo francês Pierre Bourdieu, cujas referências encontram-se demarcadas ao longo do trabalho, que em toda a atividade humana, estruturada e organizada, com objetivos específicos e bem definidos, haverá sempre disputas. O objetivo, invariavelmente, é pelo comando das operações a serem realizadas no interior do campo. Pela análise desses embates, procuraremos também observar qual o capital simbólico que define as relações entre os grupos privilegiados e os seus subordinados, bem como aferir as formas de dominação e conservação do poder.

Pela identificação dos mecanismos de controle, como alteridade e autoridade, e os, imaginários e ideologias que se formam nas narrativas e nos discursos que são construídos, esperamos identificar esquecimentos e lembranças, processos de identificação e ressignificação, que formam a memória social do futebol brasileiro.

Dessa forma, esperamos identificar as formas simbólicas que a sociedade brasileira, de uma maneira geral, articula a sua maneira de ver, se sentir, pensar e se fazer representar através do universo simbólico do futebol.

Ao final de todo esse processo, esperamos ter encontrado elementos bastante significativos que possam ampliar o conhecimento que o pensamento sociológico brasileiro tem sobre as particularidades que envolvem o repertório simbólico do futebol na sociedade brasileira. E dessa forma, buscar um entendimento maior sobre as mudanças que tem ocorrido no futebol brasileiro ao longo do século XX.

Acreditamos que esse processo esteja inserido na dinâmica da formação de uma cultura globalizada em oposição a uma cultura local de resistência e permanência, na medida em que entendemos a oposição entre a cultural global e a sua antítese local seja, na verdade, lados de uma mesma moeda. Isso nos leva a pensar se as narrativas, os imaginários, os discursos sobre o futebol e sua importância não fazem parte de um mecanismo maior de dominação e conservação das estruturas sociais que mantém a hegemonia sobre o campo político do futebol brasileiro.

A idéia de campo desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu nos permitirá pensar as transformações ocorridas no futebol brasileiro pela ótica dos embates políticos que acontecem em toda atividade humana organizada e estruturada, face que o velho esporte bretão adquire, principalmente após a sua profissionalização.

A importância da opção metodológica empregada é por seu ineditismo. Não há um trabalho no campo das Ciências Sociais que tenha procurado a compreensão das transformações que o futebol vem sofrendo no século XX pelo entendimento das dinâmicas das relações de poder que estruturam, conservam e modificam o universo do futebol ao longo dos anos.

Alguns autores como Ronaldo Helal¹, fonte de consulta desse trabalho, já se dedicaram à análise do futebol sob uma perspectiva histórica e sociológica, buscando a compreensão de seu universo simbólico. Seus objetos, porém, são as construções, apropriações, narrativas, lembranças e esquecimentos, a memória social estabelecida na sociedade brasileira sobre o futebol.

Seguindo essa abordagem, Roberto DaMatta, importante antropólogo brasileiro, pensa que a história da formação da sociedade e da nação brasileira enquanto uma República democrática e igualitária é apresentada e discutida através da história da implantação do futebol no Brasil pelos ingleses em fins do século XIX. Para o autor, a sociedade brasileira foi habituada a jogar, não a competir. Construída e dinamizada por favores, hierarquias, clientes, e abarrotada de ranço aristocrático e escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol.

Porém, logo o jogo inventado para divertir e disciplinar se transformaria num instrumento construtor da idéia de democracia e igualdade no país, principalmente pela obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho². Além de fazer o povo brasileiro acreditar em uma ordem moral baseada na igualdade, rearticulou suas identidades sociais pessoais, de bairro, regionais e nacionais, trabalhando-as de forma positivas.

Para DaMatta³, o campo esportivo é uma forma privilegiada de sociabilidade e cultura. O autor se posiciona contra aqueles que afirmam ter o esporte sempre um mesmo sentido, exprimindo um conjunto comum de dramatizações sociais. Discutindo e identificando os significados locais ou nacionais dentre diferentes modalidades esportivas, DaMatta afirma que o entusiasmo pelo futebol e a indiferença pelos **Jogos**

¹ Sobre uma suposta *crise* no futebol brasileiro, ver HELAL e GORDON. *A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI*. 2002. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/view/153/140>. acessado em 21/11/2009. Ver também HELAL, R.. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. 1997.

² FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 1967.

³ DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. 1982.

Olímpicos se relacionam à ética social brasileira que até hoje oscilaria entre o individualismo e o personalismo, igualdade e hierarquia, sociedade e Estado Nacional, como categorias sociais contrastivas e até certo ponto antagônicas, mas complementares em se tratando de Brasil.

Nossa abordagem considera todos esses elementos e pretende somar a esses importantes trabalhos, a compreensão do futebol como um espaço de lutas, onde grupos se estruturam e armam estratégias que contribuem não apenas para a sua sobrevivência, mas, principalmente, para o desenvolvimento dessa atividade humana e pela manutenção do campo.

Nesse exercício, acabamos por desconsiderar o imaginário de que futebol e política no Brasil têm tudo a ver. Acreditamos que, para além dessa idéia, não apenas no Brasil, mas em qualquer lugar onde esteja planejado, estruturado e organizado, torna-se necessariamente, uma atividade política.

No Brasil, podemos dizer que a primeira grande batalha se estabeleceu quando pessoas ligadas à própria aristocracia que introduziu o esporte no país tiveram o entendimento de que a restrição da prática do esporte aos seletos clubes de cricket era uma utopia e que, mais cedo ou mais tarde, o futebol tenderia a tornar-se popular pelo surgimento dos clubes de bairro e pelo processo de industrialização das periferias.

Não demorou muito e a intransigência dos dirigentes ligados às velhas aristocracias rurais levou a sua própria derrocada. Diante da divisão entre facções estabelecida no interior do campo político do futebol paulista, emergiu a classe dirigente carioca, aquela que seria responsável por dar ao velho esporte bretão uma abrangência nacional, criando a primeira instituição política a legislar sobre o futebol e demais esportes do país, a Confederação Brasileira de Desportos. Estava consolidado o objeto de pesquisa de nosso trabalho, o campo político do futebol brasileiro.

A criação da CBD foi um instrumento político extremamente importante para a estabilização e consolidação da república no Brasil. Embora fosse um processo, considerados por muitos, com inevitável, a passagem do regime imperial ao republicano foi um processo complicado. Economicamente, o Brasil mantinham a mesma estrutura produtiva e comercial dos tempos de império. O poder ainda estava nas mãos das oligarquias de São Paulo e Minas, o que causava atrasos significativos no desenvolvimento do resto do país. Revoltas por abandono surgiram por todo o Brasil durante os últimos anos do antigo regime e as promessas de mudanças que originaram o movimento republicano não se confirmaram.

Toda essa conjuntura política resultou na Revolução de 1930. Com a subida ao poder do gaúcho Getúlio Vargas e de uma nova aristocracia industrial e desenvolvimentista no país, palavras como profissionalização e modernização entraram na pauta governamental. A nova conjuntura política do país procurou estabelecer políticas de cunho popular, trazendo a população para junto do governo através de incentivos, ganhos trabalhistas e outras políticas.

No plano ideológico, a imagem que o Governo Vargas procurava transmitir é a de que era um governo do povo e para o povo, procurando convencer a população de que se estava construindo um novo país, forte, próspero e preocupado com as necessidades de seu povo. Oferecia-lhe melhores condições de vida, pedia em troca apoio e união nacional em torno de seu projeto.

Nesse meio dessa transição, podemos observar que o futebol ganhou papel de destaque. Atividade humana que caiu nas graças da população, o futebol e suas particularidades passou a ser de grande interesse para o recente Governo. A interferência nos rumos do esporte no país foi quase que de imediato, com a sua profissionalização e intervenção estatal em sua principal instituição, a CBD.

Nesse momento, nos foi caro as idéias formuladas pelo filósofo da contemporaneidade, o francês Louis Althusser, principalmente no que se refere ao

conceito de ideologia. Ao contrariar a lógica Marxista de que o capital seria o único fator determinante para a formação das estruturas sociais, elegendo entre outros fatores o imaginário e as narrativas como formas de dominação.

Um outro elemento que nos interessa bastante apresentado por Althusser diz respeito a dominação consentida. No nosso entender, fundamental para uma interpretação honesta sobre as relações que se articulam dentro de um campo político, onde certamente há vários grupos se digladiando pelo poder, enquanto outros simplesmente interessados em nos ganhos que possam vir a ter com a ascensão de um ou de outro, trabalhando para que o grupo a dominá-lo seja o que mais lhe agrada ou lhe concede privilégios.

Entender os imaginários que são construídos pelas narrativas sobre a seleção brasileira na *tragédia* de 1950" e na redenção de 58, com a conquista do primeiro título mundial se encaixa perfeitamente na dinâmica desse trabalho. Acreditamos que nesse momento histórico, estivesse sendo construído as bases de muitos imaginários que permanecem até os dias de hoje na memória social do brasileira e interferem diretamente nos processos de adesão e contestação de alterações que são hoje formuladas.

Defendemos que o passado interfere na construção do futuro na medida em que cria mecanismos de repetição, reforço e permanência de suas estruturais baseadas naquilo que chamamos de tradições. E essa concepção só é possível se abandonarmos o pensamento, ao meu ver ingênuo, de acreditar que muitos dos questionamentos atuais sobre determinadas tradições querem mesmo a sua derrocada.

Pensamos o questionamento atual de certas tradições do futebol servem também para reacender valores que fornecem sustentações a determinados dogmas que são desejáveis para manutenção das estruturais existentes.

Em nosso entendimento, os campeonatos estaduais são o maior exemplo. Sazonalmente, surgem debates sobre o porquê de não acabar com eles. Os argumentos daqueles que são teoricamente a favor do fim desses torneios, dizem que eles impedem a adequação do calendário brasileiro ao europeu, interferem nas férias dos jogadores e os sobrecarregam com o excesso de jogos.

A esse discurso, surge logo a sua antítese. Ao defender a permanência desses torneios, os opositores da proposta trabalham com a memória social, valorizando as identidades locais, através das rivalidades e tradições. Sem dúvida, o resgate desse imaginário funcionaria como um aparelho ideológico daquele grupo interessado na permanência dos campeonatos estaduais, estando inserido, portanto, no contexto de nosso trabalho por dizer algo sobre as tensões e confrontos que se estabelecem no interior do campo político do futebol brasileiro.

A noção de modernidade apresentada por Giddens⁴ só vem reforçar a idéia de que a memória social é também um importante instrumento de dominação e conservação das estruturas políticas. Numa sociedade onde as identidades são a cada dia mais flexíveis e transitórias, os elementos tradicionais tornam-se vitais para a sustentação dos mecanismos de resistência e reforços das culturas locais.

Essas são as idéias principais que serão discutidas pelos quatro capítulos que compõem este trabalho de pesquisa. No primeiro capítulo, uma abordagem dos principais conceitos, exposição dos nossos referenciais teóricos e uma introdução nas particularidades de nosso objeto.

Optamos por separar o capítulos subseqüentes obedecendo algumas divisões da história política brasileira mais ou menos identificadas em trabalhos anteriores, por acreditarmos que exista um paralelismo entre as alterações políticas experimentadas

⁴ GIDDENS, A.. *As Conseqüências da Modernidade*. 1991.

dentro do campo político do futebol brasileiro e àquelas conhecidas da própria histórias da sociedade brasileira.

Dessa forma, o segundo capítulo tratará do primeiros processo de transformação política ocorrido no interior do campo político do futebol brasileiro que, em nosso entender, possui semelhanças com a própria transformação da sociedade brasileira. Iniciamos com a idéia de um país preso às suas tradições imperiais, passamos pelo período de mudanças que, para nós, passa necessariamente pela Era Vargas, que vai de 1930 a 1945, e com a consolidação do imaginário de grande nação que vai de 1950 até os anos que antecedem o golpe militar.

No terceiro capítulo, veremos as transformações que se operam no interior do campo político do futebol brasileiro pelas mudanças que ocorrem na política brasileira com o advento do militarismo, sua ascensão, consolidação, crise e democratização. Acreditamos que tais processos se desenrolam mais ou menos entre 1964 e 1988, quando o país promulga a sua nova constituição.

Finalmente, o período que nos interessa propriamente, os últimos vinte anos que , no nosso entendimento, mudaram radicalmente a face do futebol mundial e brasileiro. Período que se inicia, em sua dimensão nacional com a crise de identidade na seleção brasileira de futebol e no mundo com a queda do muro de Berlim e os processos de globalização e mundialização da cultura, de um modo geral, e do esporte, mais especificamente.

Esperamos com esse trabalho propor uma releitura do lugar do futebol na identidade nacional cultural brasileira, ampliando o escopo dos estudos sobre a sociologia do esporte com a entendimento do velho esporte bretão como um espaço de lutas.

Capítulo 1

Sobre a sociedade, suas tradições e instituições

Sem perder de vista a proposta desse trabalho que é a de buscar um entendimento sobre o futebol como espaço de luta e a partir de então, fazer uma reflexão acerca das mudanças que vem ocorrendo no futebol brasileiro ao longo do século XX, passa-se, nesse primeiro capítulo, a uma explicação conceitual sobre a opção teórica e metodológica a ser aplicado nesse estudo.

Desta forma, torna-se imperativo marcar, desde o início, a posição assumida nesse trabalho de que em toda atividade humana, organizada e planejada, há sempre um grupo de pessoas que assumem o controle de uma organização, tomando para si, por conseguinte, o comando das operações a serem desenvolvidas nele. A perspectiva defendida aqui é a de que isso acontece em todos os setores da sociedade, dos mais rudimentares até os mais complexos. Se há organização e planejamento, necessariamente, alguém tem que estar no comando dessas operações.

Um segundo ponto a ser desenvolvido refere-se ao fato de que, estando numa organização social, pessoas ou grupo de pessoas para fazerem parte do jogo precisam, em primeiro lugar, aceitar as regras que o estruturam. Num segundo momento, estando inserido no contexto, esses grupos buscam um melhor posicionamento que pode ser através da tomada do poder ou através de acordos que lhe proporcionem uma posição que lhe seja confortável.

A força das tradições

A idéia de modernidade apresentada por Giddens¹ propõe o rompimento com a idéia de tradição no sentido de que as coisas deveriam funcionar como funcionavam com nossos antepassados. No mundo moderno, não existe mais espaço para que as

¹ GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. 2002.

relações pessoais continuem a gerir as relações sociais. Seria o tempo da impessoalidade. Para Giddens, a modernidade significava necessariamente a ruptura com a idéia de comunidade: A nova sociedade emerge dividida em interesses conflitantes, classes antagônicas e grupos diversificados (Giddens 2002, p.38).

Em outro trecho de sua obra, Giddens revela: a modernidade rompe com o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. ²

Na verdade, segundo o autor, a modernidade não rompe com as tradições, apenas lhe conferem uma nova roupagem. Para Giddens, a tradição na sociedade pré-moderna integrava e coordenava as ações no meio social. O autor a define como a cola que une as ordens sociais pré-modernas³. Ela está vinculada à compreensão do mundo fundada na superstição, religião e nos costumes. Pressupõe uma atitude de resignação diante do destino, o qual, em última instância, não depende da intervenção humana, do fazer a história. A tradição valoriza a cultura oral, os princípios que atravessaram os tempos, os símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência adquirida por gerações.

Por outro lado, a tradição também se vincula ao futuro através de uma espécie de linha contínua que envolve o passado e o presente. A tradição nunca se rompe totalmente. Maleável, persiste, remodela-se e se reinventada, a cada geração. Não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o ontem, hoje e o amanhã. É um ritual, um meio prático de preservação de uma memória coletiva.

Giddens enfatiza que o ritual reforça a experiência cotidiana e refaz a liga que une a comunidade. Através dele, as pessoas se sentem protegidas por uma força

² *Idem*: 11.

³ *Idem*:74.

inexplicável, sem sentido, mas que se mantém inabalável: fala ritual é aquela da qual não faz sentido discordar nem contradizer.⁴

Neste sentido, as palavras de Giddens propõem que as tradições não devem ser encaradas como um obstáculo, mas uma via de acesso às pessoas e aos grupos. A ressignificação de algumas tradições e reinvenção de outras, são traços da história que se mostraram fundamentais no curso de importantes transformações sociais ocorridas na história das formas sociais.

Nessa mesma direção, desenvolvendo o que mais tarde se convencionou chamar de sociologia histórica, Max Weber parte da análise do processo de construção do Estado Nação da Alemanha para demonstrar como princípios e tradições foram determinantes na formação do *ethos* alemão⁵.

Weber inicia seu estudo na idade média, onde as leis sociais eram regidas pela fé, pela religião, pela crença em mitos e costumes. Ali, o senhor feudal estabelecia, contando com o apoio clerical, os direitos e deveres de cada membro da comunidade. Determinava também, entre outras coisas, que o lucro seria algo condenável.

Dessa análise, Weber parte para o desenvolvimento de sua teoria no instante em que essa estrutura feudal é abalada por uma outra, de origem antagônica e cujos interesses se viam inviabilizados pela tradição estabelecida. O autor sedimentou suas idéias no advento da burguesia mercantil que resultou do nascimento em seu interior do Protestantismo.

É importante observar como Weber analisa que a religião desenvolve um papel fundamental na construção social e de como a empresa mercantil burguesa sedimentou a base de seu discurso nesse campo. Nossa idéia é demonstrar, pelo

⁴ BECK, U. GIDDENS, A. e LASH, S. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. 1997:83.

⁵ WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2000.

pensamento de Weber, como se trabalha a idéia de tradição no repertório cognitivo e sua importância para as transformações de ordem política, econômica e sociais.

Weber defende que alterações nas estruturas necessitam, necessariamente, de uma construção simbólica que as sustente. Os modos de agir e de pensar dos grupos sociais são comumente baseados em valores tradicionais. São imagens que se tem sobre si mesmos que forneceram um certo sentido de coesão a determinados grupos. As pessoas se unem por interesses, sentimentos e valores que possuem em comum. O advento do capitalismo só foi possível graças a um processo de ressignificação de valores simbólicos que proporcionaram às pessoas enxergarem aquelas transformações em seus modos de vida de forma positiva.

Dessa forma, a Ética protestante se fundamentou no aspecto religioso, se apropriando de princípios tradicionais e ressignificando-os em acordo com os seus interesses. Ao buscar no livro sagrado, a bíblia, passagens que justifiquem suas idéias, a burguesia mercantil começa a criar novas tradições que permitem aos grupos aderirem às suas práticas, às suas ações, ao capitalismo propriamente dito, sem culpas.

Ao dizer que o homem tem a obrigação de aproveitar as oportunidades e condições que a vida que Deus lhe ofereceu, se valendo de sua vocação, a ética protestante estabelece, no campo religioso, o trabalho secular cotidiano. Isso foi fundamental para as suas pretensões de expansão comercial: Fora de uma vocação bem sucedida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho.⁶

Talvez a grande diferença do protestantismo, decorrente da Reforma, para o catolicismo, no que diz respeito ao trabalho, esteja no reconhecimento dele e da vocação para ele, como uma forma lícita de vida e de progresso frente aos olhos de

⁶ WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2007: 81.

Deus. Assim, o efeito provocado pela Reforma foi incluir na idéia de moral e prêmio religioso o trabalho secular e profissional, em contraste com a concepção católica.

Weber propôs uma ética protestante sob o capital social da religião. Ignorar que esse era o elemento primordial, aquilo que norteava a subjetividade das pessoas daquela sociedade fatalmente significaria o fracasso da Reforma. Weber demonstra que a Ética Protestante forneceu ao Capitalismo um espírito, sem o qual seria impossível a adesão de boa parte da população aos seus conceitos, às suas idéias. O capital social é composto por aquilo que a sociedade tem como de mais valioso para ela e é sobre eles que as tradições sobrevivem, se fortalecem e se reinventam.

Essa idéia contribui para esse trabalho no sentido em que nos faz pensar em como cada imaginário construído sobre o futebol proporcionou alterações significativas na sua estrutura e organização e, por conseguinte, nas relações de poder que se estabeleceram no seu interior bem como nas relações que as instâncias dirigentes desse esporte no país se relacionaram com as instâncias superiores, com o governo brasileiro e com a própria sociedade.

Sabemos que o futebol nasceu aristocrático e se popularizou rapidamente. Como veremos mais adiante, um movimento que só foi possível pela construção de imaginários que representasse o velho esporte bretão dentro de um repertório cognitivo próprio à sociedade brasileira. A idéia dos principais dirigentes políticos brasileiros no início século XX, principalmente a partir dos anos 30 quando o esporte tornou-se verdadeiramente popular, era a de que o futebol para ser brasileiro precisava ter a cara do Brasil.

Futebol brasileiro e a cara do Brasil, como será defendido nesse trabalho, foram imaginários construídos a partir de associações feitas com outros significantes já enraizados na cultura brasileira que proporcionaram a construção do mito do Brasil como o país do futebol. Processo desenvolvido com tal competência que é difícil encontrar, já no século XXI, algum brasileiro que não considere o futebol praticado

pelo país como o melhor do futebol. Jogador brasileiro e craque de bola são quase sinônimos. Quão é o espanto quando um estrangeiro se depara com um brasileiro que não entende absolutamente nada de futebol? Total, principalmente se levarmos em conta o que se afirma constantemente na mídia de que todo o brasileiro é potencialmente técnico de futebol.

A secularização das Tradições e suas instituições

Retomando Giddens, experimentamos no início do século XX o surgimento de organizações sociais mais complexas. Cidades, estados e nações foram se consolidando, provocando um afastamento das pessoas sobre as decisões, sobre os rumos de sua vida social. Desloca-se, dessa forma, para o campo da política, das leis, das regras, das instituições, os embates que antes eram resolvidos no âmbito das comunidades, negociadas diretamente no convívio do dia-a-dia.

No Brasil, essa dinâmica vai interferir diretamente na organização do velho esporte bretão. Após expandir-se para além dos muros dos tradicionais clubes de Cricket, o futebol desenvolveu com as localidades, os bairros, uma relação identitária bastante coesa e profunda. Os clubes de futebol se reconhecem e são reconhecidos não apenas como uma organização desportiva, mas como um símbolo representativo de uma comunidade.

Porém, a forma moderna de organização do Estado provocou um processo de secularização das tradições, deslocando suas raízes do campo ético, teórico, religioso para os das práticas sociais. Assim, os feitos históricos, as conquistas, as realizações humanas foram ganhando mais destaques, superando mitologias idealistas.

O homem na centralidade dos acontecimentos. Essa idéia predomina na construção dos mitos modernos. Os heróis da modernidade são pessoas que possuem uma história concreta, de experiências vivenciadas no plano terreno. Mesmo que seus feitos sejam narrados seguindo a tradição mitológica do sobre ou super humano, a

personificação está presente e o herói é sempre contextualizado como alguém de carne e osso.

A idéia de Giddens, sobre um aparente deslocamento dos processos de construção das tradições -do campo das relações locais para as instituições burocráticas - pode ser indicativo de um primeiro ponto de conflito entre a idéia de tradição e modernidade no futebol brasileiro. Para o autor, *as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social, quanto a seu dinamismo e ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais.*⁷

Pela percepção de Giddens, as instituições burocráticas surgiram com o objetivo de regulamentar as ações práticas do dia-a-dia, de forma a garantir uma certa ordem, um grau elevado de organização nas maneiras de se proceder. Essa padronização de conduta é, invariavelmente, associado ao processo produtivo industrial, o que permite classificar a burocratização do Estado no interior de um processo moderno, iniciado com a revolução industrial.

Marx Weber⁸ considerava que o desenvolvimento econômico das sociedades industriais tornou inevitável o advento de novas organizações, mais complexas, que pudessem dar conta da avalanche de negócios que emergiam. O aumento da produção industrial trouxe a reboque uma infinidade de processos necessariamente correlatos, como um melhor armazenamento, estocagem, distribuição, transporte, venda, cobrança, controle:

*do um ponto de vista meramente técnico, a burocracia é capaz de alcançar o mais elevado grau de eficiência (...) desse modo, torna possível um grau particularmente elevado de cálculo dos resultados para os chefes da organização e para aqueles que agem em relação a ela. É definitivamente superior, tanto na eficiência e intensidade no âmbito das suas operações e é formalmente suscetível de aplicação a todos os tipos de tarefas administrativas*⁹.

⁷ *Idem. Modernidade e identidade*, 2002: 21.

⁸ WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 1991.

⁹ *idem*: 117

No futebol, seguindo esse modelo emergente de organização, a partir do momento que sua prática se expande e as competições crescem em importância, surgem várias instituições que se propõe a organizar e desenvolver o velho esporte bretão no país.

Essa emergência de instituições irá provocar, ainda no início do século XX os primeiros conflitos naquilo que convencionamos chamar de Campo Político do Futebol Brasileiro. Principalmente nas duas maiores cidades do país, nos primeiros anos, pelo menos duas grandes instituições surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, auto instituindo-se como as legítimas representantes do futebol em seu estado junto ao organismo máximo internacional, a Federação Internacional de Futebol –Fifa.

O processo de institucionalização do futebol no país ainda no início do século XX é um indicativo de que não apenas o esporte estava em vias de desenvolvimento do país, mas que também já era reconhecido como um importante meio social de produção de subjetividade. O auto-reconhecimento das pessoas e de suas localidades por os clubes que simbolicamente as representavam já se fazia notar nas esferas políticas governamentais, de forma que o controle sobre suas instituições passava a ser objeto de grande cobiça também entre os políticos.

Bourdieu defende que os agentes sociais, as pessoas, constroem a realidade social, mas admite que as posições que as pessoas ocupam dentro de uma determinada organização definem as suas formas de ação, tanto em sua luta para conservar quanto para transformar o campo a que pertence. O embate que surge dessa aparente contradição seria estabelecido entre as instituições dirigentes do futebol e os clubes. Sem dúvida, como será demonstrado, esse foi o primeiro grande conflito experimentado dentro daquilo que iremos chamar de campo político do futebol brasileiro.

Mas fora dele, porém uma luta mais intensa se apresentava. Como veremos adiante, o primeiro momento do esporte no país experimenta embates políticos nas

esferas superiores do poder. As tensões entre clubes e a instituição política esportiva só irá se manifestar de forma intensa a partir do anos 80, após consolidado o imaginário do Brasil como o país do futebol e após uma guinada política no país, onde o viés do esporte como elemento de coesão social perde sentido.

O poder político das instituições

Não se pode negar que nas sociedades modernas, a crescente burocratização e institucionalização de um número cada vez maior de atividades humanas irão provocar uma busca desenfreada de pessoas, ou grupos, por espaços onde elas possam ter uma posição mais vantajosa às suas necessidades. O conflito passa a se desenvolver, então, não no plano das relações, mas também, e principalmente, no plano das idéias.

A existência de campos onde não haja conflitos é quase impensável. No mundo moderno, todos estão constantemente brigando por seus interesses e um melhor posicionamento dentro das estruturas organizacionais das quais participam.

Nesse embate constante, pessoas ou grupos que estão numa posição privilegiada, definem as regras em acordo com os seus interesses e de forma a afastar ou preservar as posições de seus oponentes. O grupo dominante, define o que é e o que não é legítimo, dentro de uma determinada organização, exercendo sobre os demais um poder ilimitado de coerção, obrigando de maneira legítima, que normas de conduta e procedimentos sejam rigorosamente seguidos, potencializando suas formas de dominação.

Essa institucionalização das atividades humanas e sua influência sobre a organização e formação dos campos nos permite pensar o grau em que os interesses dos grupos dominantes se sobrepõem aos ideais originais, aos elementos culturais que formam as tradições de um determinado grupo.

Sem dúvida, esse poder de definir as possibilidades de ação de um grupo, confere ao grupo legitimador um grau extremo de autoridade sobre os demais que, estando a mercê de suas deliberações, são relegados a uma posição de inferioridade. Tendo que negociar suas possibilidades de ação no campo da atividade em que está inserido de forma vertical, um determinado grupo que se vê inferiorizado em relação a esse grupo, estabelece com ele formas de combate, de luta, que objetivam minimizar possíveis prejuízos que essa situação de dominação lhe proporciona. Nessa condição, procuram, pelos meios mais diversos e disponíveis, a reversão de sua condição hierárquica.

Nesse sentido, acreditamos que as tensões entre contradição e modernidade observadas por nós na centralidade dos embates ocorridos no campo político do futebol brasileiro ao longo de todo o século XX, são mecanismos de reforço dos grupos dentro do campo. O Tradicional e o Moderno são atributos constantemente utilizados pelos grupos de forma a marcar o seu lugar no campo político do futebol brasileiro, buscando alianças, adesões e o seu fortalecimento.

Neste sentido, a alteridade passa a ser visto como o caminho mais curto para a autoridade. Ao longo desse trabalho, procuramos destacar que na sociedade brasileira se concretizou, primeiro, a idéia de que o futebol brasileiro é impar e singular. Depois, de que esse futebol único é o melhor. A partir de então, modernidade e tradição passaram, então, a ser o grande vilão de suas crises. As causas dos insucessos do futebol brasileiro ao longo do século XX estão invariavelmente atreladas ao imaginário de que houve uma inoperância dos dirigentes em conciliar esses dois elementos na sociedade brasileira.

A sociedade: um campo de luta

Pierre Bourdieu é considerado um dos maiores sociólogos da contemporaneidade. Seu pensamento marcou a Sociologia e suas obras são hoje referenciais. A fertilidade de

seus instrumentos conceituais transformou a compreensão dos fenômenos sociais num exercício de reconstrução da história social, explorando as múltiplas facetas de seus agentes, estruturas e instituições.

Ao empregar seu método na compreensão das estratégias de reprodução da desigualdade e as lutas simbólicas que os agentes sociais travam, no plano cultural, por apropriação de bens e, conseqüentemente, por monopólio da competência e do poder, Bourdieu elege a noção de campo como um instrumento bastante fecundo, por relacionar-se às lutas que determinados grupos desenvolvem pela manutenção de vantagens e posições, ou seja, pela preservação de privilégios materiais e simbólicos.

Pela ótica do sociólogo francês, nos diferentes campos – arte, religião, ciência, educação, esporte – evidenciam-se embates entre diferentes agentes, portadores de autoridade e legitimidade. Para este estudo, foram particularmente úteis a utilização dessa ferramenta. Pensar as transformações pelas quais passou o futebol em um século de vida pelos embates políticos que se estabeleceram ao longo de seus processos de institucionalização, popularização e concretização como um símbolo identitário nacional, é um desafio e tanto, só possível pela compreensão do velho esporte bretão como um *campo político*, segundo as prerrogativas de campo apresentadas por Bourdieu.

Para o autor francês, *campo* é o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura, o esporte, a religião ou a ciência. É um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas, distintas das leis sociais a que está submetido no macrocosmo. Para o autor, todo o campo corresponde a uma atividade humana onde se deseja preservar ou transformar os mecanismos de funcionamento e suas estruturas.

No *campo* de Bourdieu, o que está em disputa é o poder de impor uma definição daquilo que compõe a sua essência formadora. No campo da arte, por

exemplo, o grupo dominante irá definir quais atributos uma atividade, ou algo produzido por essa atividade, deve possuir para ser considerada arte. A adoção da definição mais apropriada é necessária para que o artista tenha seus talentos reconhecidos. Os padrões de hierarquização definidos pelas classes dominantes definem não apenas a sua posição no interior do *campo*, como também a sua própria posição em relação a ele. O estar dentro ou estar fora é uma condição imposta pelos padrões definidos pelo grupo dominante.

Não é difícil observar que o fato da definição dos critérios de julgamento e dos princípios de hierarquização serem monopólio dos grupos dominantes provoca uma situação asfixiante. Evidentemente, ninguém é bom juiz que não seja, ao mesmo tempo, juiz e parte interessada. Não se pode ser ingênuo a ponto de acreditar que as hierarquias definidas dentro de um determinado *campo*, seja a hierarquia dos agentes ou a das instituições, não mascaram o interesse as classes dominante com as quais compactuam.

A estrutura da distribuição do capital no interior do *campo* está na base das transformações que se operam em seu interior e se manifesta por intermédio das estruturas de conservação ou de subversão da estrutura que ele mesmo produz.

Em todo campo se situam, com forças mais ou menos desiguais, segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes e os dominados, isto é, os novatos. Na luta que os opõe, os dominantes e os novatos costumam recorrer a estratégias antagônicas, profundamente opostas em sua lógica e no seu princípio. Os interesses que os motivam e os meios que podem colocar em ação para satisfazê-los dependem estreitamente de sua posição no campo, isto é, de seu capital e do poder que tal capital lhes confere.

Os dominantes consagram-se às *estratégias de conservação*, visando assegurar a perpetuação da ordem estabelecida com a qual compactuam. Segundo a

posição que ocupam na estrutura do campo, os novatos se orientam para duas estratégias possíveis: Sucessão e Subversão.

As *estratégias de sucessão* são àquelas em que um grupo trabalha em consonância ao grupo dominante de forma a assegurar-lhes, ao término de uma carreira previsível, os lucros prometidos. Não ultrapassam de forma alguma os limites autorizados e realizam as suas atividades conforme a sua posição e função previamente definida.

As *estratégias de subversão* requerem investimentos mais custosos e arriscados, que só podem assegurar os lucros prometidos aos detentores do monopólio. Trabalham para uma redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação, desenvolvendo ações que contrariam os princípios básicos legitimadores, extrapolando as limitações que lhe foram impostas.

O futebol e as estratégias de conservação do poder

No futebol brasileiro, as relações de poder obedeceram às nuances políticas do próprio país. A chegada do velho esporte bretão ao Brasil coincidiu com um momento muito particular da própria sociedade. Entre o nascimento da República e a chegada do futebol ao Brasil, foram menos de 10 anos, o que historicamente representa quase nada.

Podemos, dessa forma, afirmar que o universo simbólico do futebol desenvolveu-se paralelamente em que se forjava no seio da própria sociedade brasileira um sentido sobre ela mesma. A própria identidade brasileira, a própria idéia de uma *brasildade*, ainda estava sendo construída.

A hipótese de que essa aproximação histórica entre o surgimento do futebol no Brasil e a necessidade de se construir uma imagem, um tipo ideal¹⁰ de brasileiro que

¹⁰ Na construção de Weber sobre o Tipo Ideal, o importante é que se trabalhe sobre conceitos bem definidos para que, sabendo-se o que é torna-se mais fácil de se observar as contradições. Assim, o autor parte do geral para o particular, identificando e marcando aquilo que afasta um objeto de seu tipo ideal. Em relação à identidade nacional, essa idéia de Weber apresenta um

fornece coesão a uma identidade nacional é bastante aceitável, pois como veremos ao longo desse trabalho, a popularização do velho esporte bretão no país proporcionou que as instancias governamentais do país se apropriassem em muitos momentos ao longo do século XX do universo simbólico do futebol com o objetivo específico de tornar o futebol uma via de acesso, conquistando a adesão do povo aos projetos políticos dos governos.

O poder simbólico

Para Bourdieu, O mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo as diferenças. Os objetos possuem uma parcela de indeterminação, fluidez e elasticidade semântica, de significado, que produz uma pluralidade de visões. O autor francês entende que a luta é justamente para produzir e impor a *sua visão* como legítima.

Segundo o autor, as lutas simbólicas acontecem simultaneamente em duas frentes. Uma objetiva, que dá conta das ações concretas que objetivam marcar a força e a coesão de grupo ou construir uma imagem forte de si, quando se refere ao plano individual. Uma outra, subjetiva, trabalha para alterar as categorias que constroem a realidade, alterando os seus significados.

A estratégia para se chegar ao poder passa, necessariamente, por esse jogo de manipulação da realidade. Os agentes aplicam à estrutura objetiva do mundo social, uma estrutura de percepção que é proveniente desse mundo social e por isso são percebidos como evidentes.

As tradições são comumente o viés mais utilizados pois possuem um significado especial atrelado a temporalidade. A idéia de que é assim porque sempre funcionou assim e por esta razão continuou ao longo do tempo sendo feito assim, é o

quadro onde determinadas características de comportamento seriam reconhecidas como do Brasileiro. Quanto menos dessas características uma determinada pessoa possua, ela pode ser considerada mais ou menos brasileira. É importante lembrar que, para Weber, o tipo ideal não existe na realidade. É uma idéia que serve de parâmetro para identificar as singularidades que acabam se isolando diante daquele ideal. Ver Weber, M. *Economia e Sociedade*, 2002.

que possibilita que determinados hábitos permanecem como símbolos de grupos por séculos e séculos de existência.

Bourdieu defende que para se mudar o mundo é preciso mudar as visões de mundo e as operações práticas que os grupos produzem e reproduzem. Com já foi dito, essa alteração se estabelece no interior do campo simbólico que é regido por um capital universalmente reconhecido e que confere àquele que o detém um poder que o coloca acima dos demais. Os detentores de um sólido capital simbólico, tem a condição de impor a escala de valores mais favorável a seus produtos porque detém o monopólio das instituições que estabelece e garante os postos.

O capital simbólico pode ser oficialmente sancionado e garantido, além de instituído juridicamente pelo efeito da nomeação oficial –que é uma das manifestações mais típicas de violência simbólica legítima – monopólio do estado. No caso do futebol brasileiro, como veremos nos capítulos subseqüentes, foi exatamente o que aconteceu e, por essa razão, acreditamos que vingou como um dos mais importantes símbolos culturais do Estado.

Mas, como defende Bourdieu, a eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade. Talvez por essa razão, muitos embates foram observados ao longo do século XX na complexa relação entre o futebol brasileiro e a política governamental do país.

A idéia do futebol como instrumento civilizador

Enquanto atividade lúdica praticada nos pátios das industriais inglesas, durante os intervalos entre os turnos como forma de amenizar a mecanização do homem, o futebol não se apresentava como um espaço de luta, a não ser pela posse da bola e pelo objetivo de atingir a meta adversária. Ao contrário, era entendido como instrumento civilizador.

Estabelecendo uma relação entre regras de convívio social e a violência desde a Grécia Antiga, Norbert Elias e Eric Dunning¹¹ argumentam que o surgimento de formas de governo mais estáveis acarretou um autocontrole cada vez maior das pessoas para se enquadrarem em padrões de comportamentos adequados, ou civilizados. Os autores esclarecem, porém, que as pessoas podem controlar suas ações, mas nunca os seus sentimentos. Para esses autores, o lazer e, por extensão, o esporte, os jogos, possui o efeito catártico, de extravasamento das emoções, promovendo um descontrole controlado, uma vigilância mais eficiente e possível para mediar os impulsos naturais e as regras sociais civilizadas.

Para esses autores, o primeiro estágio do futebol teria se encaixado perfeitamente nos padrões de civilidade desejados pelos Estados Nacionais Modernos, o que Elias chama de esportivização da sociedade¹². Porém, com um progressivo desenvolvimento dessa prática, pensou-se que ela deveria ser padronizada. Não haveria como difundir o futebol sem que ele fosse praticado em diferentes espaços sob regras diferentes.

Sendo um esporte de embate, que só pode ser praticado na presença de um adversário, um oponente, torna-se imperativo que as duas partes envolvidas concordem e compactuem com a organização de sua prática. Surgiram as regras, os regulamentos, a normatização de sua prática:

desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Aliás, não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais vasta de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçadas, muitas das vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado no âmbito da estrutura das interdependências sociais¹³

¹¹ ELIAS, Norbert. *A busca da Excitação*. Lisboa, 1992

¹² ELIAS, N. *Ensaio sobre o desporto e a violência*. In: ELIAS, N.; DUNNING, E., orgs. *A busca da excitação*. Lisboa, 1985.

¹³ *idem*. 1985:223.

O Capital Simbólico

Já foi dito que as sociedades evoluíram para formas mais complexas de organização, onde a burocracia e as instituições tiveram lugar fundamental no desenvolvimento das práticas de governo mais comuns nas sociedades modernas. Nesse entendimento, foi defendido que essas novas estruturas sociais devem ser observadas no interior das principais atividades humanas como a arte, a ciência, a religião, o esporte.

Quando se faz referência à palavra *campo*, buscou-se o entendimento por aquilo que o sociólogo francês Pierre Bourdieu¹⁴ definiu em sua obra *O campo científico* (1983) já tratado aqui. O entendimento de que todo *campo* é um espaço de luta foi importante para a contextualização da burocracia, das instituições e do surgimento dos grupos que se colocaram no comando dessas operações como instrumentos de dominação. O poder restrito a um grupo de legitimar as características de uma atividade humana, definindo o seu capital simbólico, é fundamental para o desencadeamento dos processos de hierarquização, lugar dos embates que se estabelecem no interior dos campos.

Citando o *campo científico* como exemplo, o sociólogo explica que a sua estrutura define o que é e o que não é importante para ele, formando o que ele chama de capital científico. A distribuição desse capital define a posição de cada participante do *campo* em seu interior, e aquele que obtiver um maior quantidade, logicamente, torna-se o grupo dominante. No caso específico do *campo científico*, dos diferentes agentes engajados nesse *campo*, os pesquisadores são o grupo dominantes pois são eles que definem o conjunto de objetos importantes, ou seja, o conjunto de questões que devem importar para os pesquisadores e sobre as quais eles precisam

¹⁴ O campo científico In: Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais

se concentrar de modo a serem devidamente recompensados. Em suma, são eles que definem as regras do jogo.

O método proposto por Bourdieu é baseado na idéia de que, no interior do *campo*, está sempre em jogo o poder de impor uma definição da ciência, isto é, a delimitação do que pode ser considerado científico. A adoção da definição mais apropriada é necessária para que o pesquisador tenha seus talentos científicos reconhecidos e possa ocupar legitimamente a posição dominante na estrutura.

Traçando um paralelismo com as considerações elaboradas por Bourdieu acerca do *campo científico*, propomos a construção de um *campo do futebol brasileiro*, buscando a sua compreensão pelo entendimento do que é, ao longo do tempo, propagado como o legítimo futebol brasileiro, suas estruturas, formas de conservação, disputas e alterações de estruturas, que mapeiam a história do futebol no Brasil, desde sua fundação até os dias de hoje.

Reconhecendo que há limites no paralelismo proposto, apresenta-se como maior desafio a identificação de um capital e sua distribuição dentro do *campo do futebol brasileiro*. Como diz Bourdieu esse capital está na base da conservação ou subversão das estruturas criadas pelos grupos dominantes e que legitimam as atividades a serem desenvolvidas em seu interior. Mas Bourdieu apresenta algumas pistas que facilitam tal procura. Em primeiro lugar, o autor lembra que as estruturas são produzidas pela distribuição do capital e que aqueles que detêm a maior parte dele está, necessariamente, no comando. Depois, o sociólogo afirma que o grupo dominante exerce o seu poder através de dois mecanismos: autoridade, onde define as regras do jogo, e legitimidade, em que ficam definidas as formas de ação possíveis, ou legítimas. Portanto, um bom ponto de partida.

Porém, o que nos é caro nesse primeiro capítulo é a compreensão do velho esporte bretão como um espaço de luta, estando, portanto, condicionado a todo o repertório conceitual apresentado. Essa concepção nos motiva a apresentar como de

grande valia para o entendimento do futebol brasileiro, suas oscilações e movimentos, o entendimento do futebol brasileiro como um espaço de luta, onde o capital simbólico foi se alterando em acordo com os grupos dominantes que ao longo do tempo criaram mecanismos de dominação e legitimação baseados em suas instituições e na burocratização de sua prática.

Um outro ponto que se apresenta como relevante diz respeito ao entendimento de Bourdieu sobre as relações de poder que se estabelecem dentro do *campo*. O ator define que em todo campo, seja na arte, religião, ciência, educação ou esporte, os embates giram em torno de questões como autoridade e legitimidade. Desta forma existe sempre um ou mais grupos que estão no poder usando seus mecanismos de tornar legítima as suas ações de forma a manter o seu domínio. Trabalham com o objetivo de preservar privilégios materiais e simbólicos.

Em contra-partida, há os outros grupos agindo dentro das relações objetivas que se estabelecem no interior do *campo* do futebol, buscando uma transformação das forças que operam em seu interior para que isto possa lhes trazer benefícios e dividendos.

Bourdieu ensina que ter o controle, definir a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que operam no interior do *campo*, garante a perpetuação não apenas do grupo dominante, mas também da própria forma legítima de suas ações. É fundamental para qualquer grupo participante de um *campo* dominar os mecanismos de produção, reprodução ou difusão de suas idéias, arquitetando, estruturando as relações e as ações no *campo*, pois a forma com que está organizado é que define o que pode e o que não pode ser feito em seu interior.

Em outra direção é interessante observar como Giddens, ao falar sobre a modernidade, reforça a idéia de que as instituições trabalham na direção de reforçar as formas de dominação dos grupos que as idealizaram. Pensando as instituições como instrumento de dominação, podemos associar o entendimento de Giddens sobre

o papel das instituições nas sociedades modernas às estruturas de controle apresentadas por Bourdieu, pois para Giddens, a modernidade desloca o eixo dos processos de sociabilidade das relações pessoais para as instituições.

Um dos principais autores do século XX a pensar sobre esse deslocamento foi o sociólogo alemão Georg Simmel¹⁵. O autor desenvolve sua teoria em observações sobre o processo de industrialização e a conseqüente urbanização das cidades. Para o sociólogo, o homem urbano do início do século XX encontra-se imerso, confuso e isolado. A mecanização do processo industrial, a aceleração no ritmo de vida, o estranhamento das vizinhanças e o distanciamento das relações de parentesco, são apontados pelo autor como as principais causas do desconforto do homem moderno e urbano.

Para Simmel, porém, o homem está sempre em busca de mecanismos que lhe proporcione bem estar e segurança. Com o passar dos anos, logo as cidades se transformam em guetos onde pessoas se associam por afinidades, origens territoriais, hábitos, religiões. Qualquer coisa que os diferencie dos demais, qualquer traço demarcatório que seja significativo e lhes dêem um sentido de proteção e coesão.

Embora Simmel esteja falando de uma área específica, Chicago, onde imigrantes surgem de todos os lugares para trabalhar nas industriais e repartem a cidade em regiões claramente identificadas por suas origens étnicas e culturais, processos similares acontecem por todo o mundo. Em *Gangues de Nova York*, obra cinematográfica dirigida pelo cineasta norte-americano Martin Scorsese e inspirado no livro *The Gangs of New York* de Helbert Asbury, expõe como o homem moderno procura compensar o distanciamento de sua cultura, de seu lugar de origem e de seus laços de parentesco e vizinhança com uma ocupação territorial representativa, se

¹⁵ SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. 1967.

apropriando de um pedaço da cidade, idealizando, imaginando e construindo o seu lugar no mundo moderno.

Modernidade, tradição, Subjetividade e dominação no Brasil

No Brasil, esse processo, assim como a industrialização, se desenvolveu de forma tardia e com variantes próprias. A colonização e a escravidão proporcionaram uma miscigenação ímpar na formação da sociedade brasileira. Ao negro, vindo de diversas partes da África, ao Português colonizador e ao índio nativo, somaram-se os Holandeses dos engenhos de açúcar do nordeste, os Italianos e Japoneses do Vale do Café em São Paulo e Alemães e eslavos da cultura da Uva e da pecuária no Sul do país. Gente de todos os lugares do mundo que, embora em graus e de maneiras diferentes daquelas encontradas em Nova York e Chicago, procuraram recriar nessas regiões uma atmosfera semelhante àquelas de seus lugares de origem.

O futebol chegou ao país por meio de um desses grupos de imigrantes. Diz a lenda, e a maioria dos livros sobre a história do futebol no país, que esse esporte chegou ao país em 1895 pelas mãos do paulistano Charles Miller. Filho de ingleses, foi estudar na Inglaterra, jogou no time inglês de Southampton e ao retornar ao país trouxe consigo um livro de regras e duas bolas. Começou a praticar o esporte no São Paulo Athletic, um clube de cricket que logo se transformaria no primeiro clube de futebol do Brasil.

Nessa época, o Brasil era uma recém criada república. Porém, em comparação com o império, pouca coisa havia mudado em termos de estrutura. O país continuava uma nação que baseava sua economia na produção agrária e em termos políticos, o poder permanecia nas mãos da aristocracia. Os hábitos pouco mudaram desde então e as grandes cidades do Brasil de hoje estavam ainda em processo de construção.

Por esta razão, o futebol em seu primeiro momento era também aristocrático. Se não fosse apenas o fato de ter sido trazido por um filho desta aristocracia, o

próprio esporte tinha em sua raiz ares aristocráticos. O livro *God is Brazilian*¹⁶, Escrito pelo inglês Josh Lacey, revela explicitamente que Charles Miller pretendia com o futebol trazer os valores do império britânico para o Brasil. Lacey afirma inclusive que isto também era de interesse dos próprios britânicos : um dos pontos centrais do livro é mostrar como a Grã-Bretanha era importante para o Brasil no século 19.

Com o processo de industrialização e o surgimento das duas grandes metrópoles do país, Rio de Janeiro e São Paulo, a prática do futebol saiu do interior das fábricas e dos clubes para os campos de várzea das periferias. Os trabalhadores das fábricas aprendiam a praticar o esporte nos intervalos entre os turnos de trabalho nas fábricas e, com o passar do tempo, difundiam o esporte entre seus vizinhos de bairro.

Paralelamente, a instituição do futebol com a criação das ligas e seus campeonatos, tornavam as disputas mais acirradas. O processo, que num primeiro momento mostrou-se voluntário, passou a ganhar outra dimensão. Os Clubes passaram a não se contentar mais em atrair bons praticantes entre seus sócios. Aos poucos, a prática do futebol não apenas foi incentivada fora dos círculos aristocráticos. Aquele novo praticante, sendo considerado bom jogador, passou a ser alvo da cobiça de treinadores e presidentes dos clubes. Uma prática que tornou-se cada vez mais comum e que despertou a ira de setores tradicionais da sociedade. Iniciava-se ali, o processo de construção do futebol como espaço de luta, objeto de nosso trabalho.

¹⁶ Ainda sem editora no Brasil . Referências ao livro podem ser encontradas no site www.bbcbrasil.com. Acessado em 09 de Agosto de 2009. Texto original publicado em 21 de setembro de 2005 por Claudia Silva Jacobs, correspondente BBC no Brasil.

As novas aristocracias: alterações no comando e de significados

Durante os oito anos que separam a chegada de Charles Miller¹ ao país e a criação da primeira instituição oficial do futebol brasileiro, a Liga Paulista de Futebol (LPF)², o esporte já havia se expandido de forma avassaladora por clubes e bairros. Um contingente enorme de pessoas já trabalhava direta ou indiretamente com o esporte e o sentimento geral era o de que a profissionalização das atividades relacionadas ao futebol era uma questão de tempo.

As disputas e rivalidades cresciam. A realização de partidas e torneios se multiplicava. O surgimento da LPF representava apenas o início de um processo que transformaria o futebol num importante elemento formador da cultura brasileira e, por esta razão, palco de intensas disputas políticas que ganharam concomitantemente, no tempo e no espaço, contornos similares com a própria história política do país.

Como serão demonstradas neste segundo capítulo, as principais lutas pelo poder político nos bastidores do futebol brasileiro que observamos, ao longo do século XX, seguiram trajetória semelhante às alternâncias políticas encontradas na sociedade brasileira. Pesquisando o desenvolvimento do futebol no país, encontramos algumas explicações para a proximidade entre os contornos políticos da sociedade brasileira e as alternâncias de comando no futebol, das quais trataremos a seguir.

Após o nascimento da república no Brasil, pouca coisa havia mudado, em termos de estrutura, no país. O Brasil continuava a ter uma economia agrária e em

¹ Há várias referências sobre a chegada do velho esporte bretão ao país. Só para citar algumas, Ver www.suapesquisa.com/futebol/; <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u725.jhtm> ; e MILLS, J.R. *Charles Miller, o pai do futebol brasileiro*. 2005.

² SARMENTO, C. E.. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. 2006. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>

termos políticos, o poder se mantinha nas mãos de uma aristocracia rural. Conforme apresentamos no capítulo anterior, o grupo dominante, a Aristocracia rural, definia a legitimidade e as possibilidades de ações dos demais seguimentos da sociedade e isso fatalmente seria determinante para o surgimento e desenvolvimento de qualquer traço cultural da sociedade brasileira naquele momento histórico.

Defendemos, por esta razão, que em seu primeiro momento, o futebol não poderia ter tido outro comando. Acreditamos que o caráter aristocrático do esporte foi fundamental para a sua integralização à nossa cultura. Tivesse ele outra origem, certamente não teria sido tão estimulado, como foi, a fazer parte de nossos hábitos. A prova disso é que a capoeira, hábito praticado pelos escravos no interior das senzalas, passou boa parte da história social do país marginalizada, relegada a um segundo plano dentro da cultura nacional brasileira.

Nossa perspectiva fundamenta-se em nossa proposta de observar os campos, sejam eles esportivo, político, cultural, econômico, científico, como um espaço de luta, tal como apresentado por Bolurdieu, já apresentado nesse trabalho. Entendemos que a adesão de um novo grupo político emergente ao projeto de popularização do futebol –que incluía aí a construção de uma identidade cultural nacional³ pelo universo simbólico do futebol – foi fundamental para a sua consolidação, expansão e consolidação com o esporte mais praticado no país⁴.

³ O conceito de identidade nacional cultural utilizado nesse trabalho corresponde ao apresentado por Stuart Hall no terceiro capítulo de seu livro *identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, 2002. Nesta obra, o autor entende a identidade cultural como um conjunto de signos compartilhados por um determinado grupo que habita uma determinada área delimitada, que pode ser um país, um bairro ou uma localidade, onde esses habitantes se reconhecem e se diferenciam dos demais grupos através desses símbolos, sejam eles músicas, linguagem, vestimenta, etc. Quando a identidade diz respeito a um país é chamado pelo autor de identidade cultural nacional, da mesma forma que quando se refere a uma região, como o sul do país, por exemplo, chama-se de identidade cultural regional, e assim por diante.

⁴ Fonte: Atlas do Esporte no Brasil. <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf> acessado em 29/10/2009.

A história do futebol no país revela que os primeiros praticantes no Brasil eram, sobretudo, imigrantes. Com o acirramento das disputas, alguns deles iniciaram um processo de popularização do esporte. Mas os principais clubes, principalmente em São Paulo, mantinham sua identidade étnica. Assim eram, por exemplo, o Palestra Itália, que durante a guerra foi obrigado a mudar seu nome para Palmeiras pois representava um povo que era inimigo momentâneo dos brasileiros.

A idéia, porém, de que esse processo de popularização significava uma democratização da prática esportiva nos parece ingênua demais. Como veremos a seguir, na verdade, o que houve foi uma mudança na direção que se pretendia dar ao esporte no país.

Defendemos a idéia de que o futebol desenvolveu com as localidades, os bairros, um processo de identificação tão grande que a sua prática entrou no cotidiano das pessoas de forma natural, sem que fosse preciso qualquer esforço nesse sentido. As facilidades para a sua prática – uma bola em qualquer material e dois objetos que colocados em lados opostos demarcam o espaço por onde a bola deve passar para que se ganhe o jogo – elevou o velho esporte bretão a uma condição de favorito entre aqueles que desejam alguma recreação.

Um outro fator que não podemos deixar de considerar é que o futebol se estabeleceu no tecido social como um elemento de sociabilidade e coesão. Como relata Mário Filho⁵, através do futebol o brasileiro começa a rascunhar uma idéia sobre si mesmo, construindo um imaginário de uma sociedade mais democrática, próspera e sem grandes antagonismos.

⁵ Mário Filho foi um dos pioneiros na crônica esportiva brasileira. Autor da obra inaugural sobre o futebol, *O Negro no Futebol Brasileiro* de 1947, foi um dos principais articulistas do movimento da intelectualidade brasileiro da primeira metade do século XX que começava a pensar a sociedade brasileira que estava em construção. Seguidos de antropólogos renomados da época como Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, cunhou um idéia de um Brasil miscigenado e sem grandes antagonismos sociais centrada na figura do Negro, elemento fundador do mito do Brasil como o país do futebol.

Carlos Eduardo Sarmiento⁶ confirma que essa disseminação do esporte por outras camadas da população, não significava, necessariamente, sua democratização. Para o autor, em diferentes graus, grupos procuravam mecanismos para reforçar suas posições de superioridade, demarcando espaços e propondo regras de convívio que limitavam o acesso às esferas decisórias dos rumos do esporte no país.

O desejo das elites era o de reproduzir no universo do futebol a estrutura social vigente na sociedade brasileira do início do século XX. A expansão do esporte para fora dos círculos aristocráticos significava tornar acessíveis seus valores a uma parcela maior da população, de forma a reconhecê-los como nobres e aceitando sua condição dentro não apenas da estrutura social, mas da própria organização do futebol no país.

Portanto, como demonstra Sarmiento, junto à popularização do futebol no país, verificou-se um movimento de estratificação, semelhante ao processo que se desenrolava na própria sociedade brasileira e as alternâncias que se anunciavam no comando do esporte indicavam a substituição de uma Aristocracia Rural por outra, de padrão industrial. Nesse primeiro momento, portanto, o futebol reproduzia em seu universo simbólico, os processo de segmentação e exclusão, definindo seus estabelecidos e outsiders, em sintonia com a própria formação da sociedade republicana brasileira, que estava ainda, em curso.

A Aristocracia arregimentava, pelas instituições, mecanismos legítimos para garantir a expansão da prática do desporto, sem que isso significasse alguma ameaça a ordem social estabelecida. Ou, como esclarece Sarmiento:

Desde o início, estava claro que as elites nacionais buscavam no futebol um espelho no qual pudessem enxergar seu reflexo, à luz dos valores da sociedade européia. No entanto, o futebol era um território em que circulavam desde refinados aristocratas ingleses, até truculentos marinheiros e operários oriundos das velhas ilhas britânicas. Muito antes da

⁶ *Idem*, SARMENTO, 2002.

massificação do esporte, procurou-se assim estabelecer as fronteiras da tolerabilidade no convívio entre esses elementos.⁷

Em São Paulo, imigrantes italianos e Ingleses, principalmente, davam os primeiros passos que transformaria a economia do país. A proposta era pela transformação de um país mono-agricultor em um país industrializado, com o desenvolvimento, sobretudo, do setor de serviços. Politicamente, o processo que se desenrolava na sociedade brasileira no início do século XX, era a substituição de uma Aristocracia Rural e agrícola por outra urbana e industrial.

O velho e o novo futebol

O Futebol já nasceu no país com essa feição conflituosa. Nas idéias, resquícios do período imperial, com a valorização das tradições, exclusão da população negra, composta por ex-escravos e descendentes, política do apadrinhamento e vizinhança, e uma visão amadora e romântica do esporte. Na prática, um semi-profissionalismo emergente.

A visão comercial do lucro, a necessidade de uma estrutura organizacional, de buscar mão de obra qualificada, remunerada e tornar os campeonatos rentáveis, forneciam ao esporte, seu caráter pseudo-industrial. Esse caráter dualista proporcionava os primeiros conflitos dentro daquilo que passaremos a chamar de *campo*⁸ do futebol brasileiro.

Quando a LPF foi criada, ainda em 1905, os cinco clubes que a fundaram fizeram questão de fazer constar de seus estatutos o que era e o que não era aceitável em seus clubes. Em diferentes graus, Clube Atlético Paulistano, São Paulo Atlético Clube, Associação Atlética do Mackenzie College, Sociedade Germânia e o

⁷ *Idem.* SARMENTO, 2006:03.

⁸ Retomando o conceito de *campo* proposto por Bourdieu, já apresentado no capítulo inicial deste trabalho, a perspectiva de campo político do futebol brasileiro se constrói a partir dos embates que acontecem entre as primeiras instituições oficiais do esporte no país, principalmente após o surgimento de uma segunda instituição na capital paulista. A associação Paulista de Esportes Amadores em oposição a Liga Paulista de Futebol.

Sport Club Internacional estabeleciam parâmetros discriminatórios e aceitavam em seus círculos apenas pessoas que cumpriam determinados requisitos.

A criação da LPF, o primeiro passo para a institucionalização do futebol no país, era, também discriminatória. Seus regulamentos restringiam a participação em torneios e campeonatos por ela organizados aos clubes associados e convidados, deixando pouco tempo e espaço para a participação efetiva da população no universo do futebol competitivo. Estabelecia-se dessa forma, uma clara distinção entre grupos participantes e não participantes desses campeonatos em suas formas de organização e desenvolvimento.

Porém, com o desenrolar dos primeiros campeonatos, começavam a surgir os primeiros conflitos. Embora o objetivo prioritário fosse organizar o futebol em São Paulo, pólo pioneiro do esporte no país, a LPF não era uma organização filantrópica. Embora ainda amador, o futebol já atraía pequenos comerciantes locais que *financiavam* seus times de preferência com pequenas doações. Os clubes, por sua vez, mantinham seus jogadores motivados com o pagamento de lanches, brindes ou pequenas quantias, os *bichos*.

A cada campeonato, a motivação e a rivalidade cresciam. Clubes e seus financiadores queriam ver suas equipes obtendo vitórias, conquistando títulos. Os valores aristocráticos foram paulatinamente perdendo espaço para as habilidades técnicas dos jogadores, provocando a primeira alternância no capital simbólico do futebol: Agora, mas do que de boa família, o jogador precisa ser bom de bola.

Obviamente, essa alteração no capital simbólico do jogador de futebol não ocorreu de forma abrupta e sem conflitos. Como vimos em Bourdieu, o Capital Simbólico é definido pelo grupo dirigente e as alterações desagradavam em diversos aspectos esse grupo. Além de não representar os valores aristocráticos, já decadentes na sociedade, deslocavam a questão da prática esportiva do campo educacional para

o comercial. O Futebol profissional não era desejado pela Aristocracia, pois rompia com a tradição do esporte como instrumento educativo, pacificador e civilizador.

Quando o grupo dominante tentou frear o crescimento do futebol comercial já era tarde. A competição e a rivalidade impossibilitaram a restrição do futebol aos fechados círculos da aristocracia e sua expansão tornava-se, a cada dia, inevitável. Thomaz Mazzoni⁹ revela que *a rivalidade transformou a necessidade de vitórias em uma questão de sobrevivência para os clubes, afinal, só equipes competitivas atraíam público e, por conseguinte, geravam renda para seus cofres.*

Rio X São Paulo: A origem dos conflitos.

Hoje se faz muitas comparações e distinções entre o futebol praticado no Rio de Janeiro e em São Paulo. Uma rivalidade que teve início ainda nos primeiros anos do surgimento desse esporte no país. Uma disputa que tem origem na própria história política e econômica do país.

O Rio de Janeiro, em termos políticos, sempre esteve à frente de São Paulo, pois era a capital do país e, por esta razão, na cidade circulavam as maiores autoridades brasileiras. Quando, ainda no século XIX, a família Real Portuguesa mudou-se para o Brasil, instalou-se no Rio de Janeiro, proporcionando à cidade um Glamour e um desenvolvimento estrutural e cultural inimaginável para uma cidade-colônia. A tentativa dos monarcas portugueses em construir no Rio um ambiente, o mais semelhante possível, ao das grandes capitais européias, provocou um desenvolvimento ímpar na cidade.

Posteriormente, transformada em sede do Governo Federal, o Rio ganhou ainda mais em importância política, atraindo influentes personalidades da vida pública brasileira que ou passaram a morar na cidade ou a visitavam constantemente. Essa

⁹ MAZZONI, T. *Ante a vitória: problemas e aspectos do nosso futebol*. 1939: 161.

efervescência posicionava a cidade no centro das transformações políticas e sociais que se operavam no país.

O Rio de Janeiro suplantava São Paulo em importância política, o que não era bem digerido pela elite industrial de São Paulo que não entendia o porquê de, sendo o motor que mantém o país em funcionamento, ser relegado politicamente a um segundo plano. Essa é a principal origem das rivalidades que foram se formando ao longo do tempo entre Rio de Janeiro e São Paulo, conflito que diagnosticamos existir também no futebol.

Rio X São Paulo: A origem dos conflitos no futebol.

Segundo Sarmento, o futebol carioca, em sua origem, apresentava-se mais tolerante em relação a São Paulo no que diz respeito à tolerância em participação de clubes e jogadores de origens populares em seus campeonatos. Essa rigidez paulista, foi inclusive, a causa do primeiro grande racha no interior do campo político do futebol Paulista.

Fundado por três integrantes da fina flor da sociedade paulistana do início do século XX, Renato Miranda, Olavo de Barros e Silvio Pentead, o Club Atlético Paulistano, sempre se caracterizou por defender uma maior tolerância com atletas originários das mais diversas camadas sociais da sociedade paulistana. Seus dirigentes acreditavam que a prática esportiva e a disciplina proporcionada pelos jogos trabalhavam no sentido de promover a elevação social de seus praticantes.

Em meados de 1912, descontentes com os rumos que o futebol idealizado pela LPF estava tomando, os dirigentes do Paulistano foram responsáveis pela primeira grande crise política do futebol brasileiro. Inconformados com o crescente *profissionalismo* do esporte em São Paulo, o que distanciava a prática esportiva de seus ideais, optaram pela desfiliação do clube e formaram uma liga paralela, a Associação Paulista de Esporte Amador (APEA).

Segundo relatos encontrados no site oficial da Federação Paulista de Futebol¹⁰, a cisão experimentada pela LPF em 1913 foi o resultado da briga política entre defensores do futebol amador e os interessados em transformar o futebol em mais uma atividade profissional. Para os dirigentes do Paulistano, a proposta da direção da LPF representava um futebol mais comercial e desprovido dos sentimentos nobres, educativos e edificantes proporcionados pelo amadorismo.

Na realidade, diante estava em curso uma briga pela tomada da hegemonia no comando do futebol em São Paulo. De um lado, uma elite industrial e mercantil que substituía, principalmente em São Paulo, a aristocracia rural no centro das decisões políticas e econômicas do país. Do outro, intelectuais, artistas e desportistas que acreditavam na construção de um projeto de nação baseados nos valores civilizatórios da sociedade européia.

Na LPF havia dois partidos entre seus dirigentes: um era favorável à seleção rigorosa de clubes. Outro achava que tanto o rico quanto o pobre tinham o direito de praticar o futebol. Para fomentar ainda mais a cisão, ocorreu um desentendimento entre a Liga e o Paulistano, motivada por interesses econômicos: a entidade proclamou o Parque da Antárctica como seu campo oficial, com o que não concordou o clube que alegava já ter sido escolhido o Velódromo como local da partida Paulistano x Americano. O Paulistano não compareceu ao jogo e a Liga deu os dois pontos para o Americano. O Paulistano, saiu da Liga e convidou o Palmeiras para a fundação de uma nova entidade, a Apea¹¹.

É importante frisar que o país passava justamente por um processo de transformação, com o surgimento de pólos industriais por todo o estado e uma efervescência cultural encampando um projeto da construção de uma sociedade moderna no país.

Segundo Sarmiento, a LPF tinha ambições políticas maiores, que não cabiam na proposta provinciana e amadora do Paulistano. Mas do que a hegemonia sobre os rumos do futebol paulista, almejavam a vanguarda do futebol a nível nacional. A briga

¹⁰ www.futebolpaulista.com.br, acessado em 18/10/2009.

¹¹ *Idem*. acessado em 19/09/09.

pela supremacia do futebol paulista que resultou na cisão ocorrida em 1912, era um desejo não apenas do Paulistano, mas talvez, muito mais da própria liga. Com a República e a necessidade de integração nacional, os dirigentes da LPF entendiam que a popularização do esporte era o caminho natural e necessário para se atingir uma abrangência nacional para o esporte. Para Sarmento, uma ambição que esbarrava na própria condição do futebol paulista daquele momento, que encontrava-se politicamente dividido. É difícil imaginar que, sem a garantia de uma unanimidade interna, como ambicionar o comando de um projeto nacional?

Já o futebol carioca, apesar de ter se originado também pelas mãos de imigrantes ingleses e seus filhos, apresentava pelo menos uma grande vantagem em relação ao de São Paulo. Por ter sido criada depois e em outras circunstâncias, possuía uma feição mais moderna, mais próxima das aspirações sociais do país enquanto república. Os resquícios da velha Aristocracia não eram, no Rio, tão representativos e as instituições cariocas que comandavam o futebol da cidade eram mais progressistas e democráticas:

Diferentemente do que acontecia na liga paulistana, integravam a organização dois times compostos majoritariamente por atletas formados nas práticas desportivas promovidas no ambiente fabril: o Bangu e o América¹².

Na verdade, embora o primeiro clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro, o Fluminense Futebol Clube, no bairro das Laranjeiras, Zona Sul da cidade, clube de elite, pudesse indicar processo de difusão do esporte na cidade carioca semelhante ao ocorrido em São Paulo, a história demonstra que não foi bem assim que ocorreu. Havia, nos grandes clubes de Cricket da Capital Federal, muita resistência em aderir ao futebol, considerado por eles inadequado aos gostos familiares. Tanto que, só um tempo depois da criação da Liga Metropolitana de Futebol (LMF), os dois clubes mais tradicionais da cidade, Payssandu e Rio Cricket, alteraram seus estatutos e

¹² SARMENTO, 2002: 3.

permitiram a prática do esporte em seu interior e a conseqüente participação do clube em campeonatos da liga.

As aspirações políticas da LPF e a maior diversidade social encontrada na formação da liga carioca se apresentam como as explicações mais plausíveis para a ausência quase que completa de intercâmbio entre clubes das duas principais metrópoles do país.

Curiosamente, a cisão ocorrida na Liga Paulistana em 1913 foi um marco no processo de aproximação no âmbito esportivo entre esses dois estados e o início da construção de um projeto nacional para o futebol no país, com uma exemplificação Sarmento:

Dirigentes da liga carioca, interessados em pavimentar vias que possibilitassem a conquista da hegemonia política sobre o futebol brasileiro, iniciaram uma aproximação com os dirigentes da recém-fundada APEA (...) Álvaro Zamith, dirigente da Liga Metropolitana – que a partir de 1908 deixou de ser de Futebol para ser de Esportes Atléticos (LMEA) –, procurou atrair a nova entidade paulista para o projeto de uma federação olímpica nacional¹³

Contando com amplo apoio de entidades esportivas das mais diferentes regiões do país e pela presença na capital federal, Rio de Janeiro, de deputados e senadores que, em seus estados de origem, participavam do circuito social das elites locais, quase sempre relacionado com clubes náuticos e esportivos, Zamith seduziu os dirigentes da APEA.

O golpe final ocorreu na noite de 8 de julho de 1914, quando na sede da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, uma das mais tradicionais entidades esportivas do país, concluiu-se o acordo para a criação do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e da Federação Brasileira de Sports (FBS), visando formar uma delegação brasileira de esportistas que pudessem representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de 1914. O Rio de Janeiro, tomava para si, naquele momento, as rédeas do esporte

¹³ *idem.*: 4.

brasileiro, como fica evidente na própria página do Comitê Olímpico Brasileiro, no espaço destinado à sua memória:

Em 8 de abril de 1914, dirigentes de destaque no Rio de Janeiro, reuniram-se na sede da Federação Brasileira de Sociedades de Remo e, em assembléia, criaram o Comitê Olímpico Nacional, primeiro nome do COB. Na mesma ocasião, nasceu a Confederação Brasileira de Esportes, que daria origem, dois anos mais tarde, a Confederação Brasileira de Desportos (...) de fato, poucos países tinham esse tipo de representação e o Brasil foi um dos primeiros da América do Sul a fundar a sua ¹⁴.

Em sua Estrutura Original, O COB foi presidido pelo Senador Fernando Mendes de Almeida, tendo o presidente da LMEA, Álvaro Zamith, como vice. A entidade metropolitana emergia assim como a principal adversária político do grupo que comandava a LPF e a briga que inicialmente era regional, com a cisão das ligas em São Paulo, transformou-se rapidamente numa luta pelo comando do futebol em nível nacional, com significativa vantagem por parte da instituição carioca.

Futebol carioca: uma identidade diferente.

Como já foi dito havia algumas diferenças entre o futebol paulista e o futebol carioca que causaram as primeiras lutas pelo comando do emergente campo político do futebol brasileiro no início do século XX.

No Rio de Janeiro os primeiros clubes a surgir tiveram também origem elitista. Porém, diferentemente do que acontecia em São Paulo, onde a classe dominante era composta ou pelos novos capitalistas, representantes da incipiente indústria paulistana, ou pela velha Aristocracia Rural do interior paulista, aqui no Rio havia uma diversidade maior. Políticos, artistas, descendentes da monarquia, comerciantes portugueses e também incipientes industriais, principalmente representantes da indústria têxtil, compunham um cenário de diferentes tendências políticas e sociais. Embora, num primeiro momento, essa heterogeneidade possa sugerir uma divisão

¹⁴ www.cob.org.br/sobre_cob/historico.asp Acessado em 12/09/2009.

maior, o que se viu ao longo do desenvolvimento do esporte na cidade, foi uma maior tolerância, com os grupos procurando valorizar mais o que eles tinham em comum do que suas diferenças ideológicas.

Isso não quer dizer que não havia conflito. Mas o que se viu ao longo da popularização do futebol na cidade foi um crescente processo de identificação dos clubes de futebol com os bairros onde se originavam. Botafogo, Bangu, Flamengo, Paysandu, Olaria, Campo Grande, São Cristóvão, clubes que traziam em seu próprio nome a marca de sua localidade. Mesmo aqueles que não tinham estampados em seu nome o seu referencial espacial, também eram lembrados desta forma. O Fluminense, por exemplo, era o tricolor das Laranjeiras em oposição ao Madureira, tricolor suburbano.

O envolvimento maior do público, a proliferação de clubes, a formação de identidades locais entre clubes/classes sociais e, principalmente, clubes/bairros, foram fatores importantes para o desenvolvimento do esporte na cidade e, como veremos posteriormente, no Brasil.

O lado comercial que veio em seguida, formou-se foi motivada pela paixão. Esta paixão, por sua vez, está diretamente ligado ao senso de identificação que os torcedores formaram com o seu time. Em São Paulo, pode dizer, que essa identificação se deu mais por afinidade de status e de origem étnica. No Rio, foram dois os fatores predominantes: vínculo trabalhista, no caso dos clubes de fábrica onde os funcionários e seus familiares torciam por seus parentes e colegas de trabalho e identificação com a localidade, onde o time representava o bairro e o fazia ser reconhecido na esfera metropolitana, nacional e posteriormente, a nível internacional.

Neste instante são construídos muitos dos laços afetivos que permanecem até hoje. Esta é a origem de toda a paixão pelo futebol, motivo de seu desenvolvimento

e raiz de sua forte identificação com a nossa cultura a ponto de, posteriormente, tornar-se o maior expoente representativo da cultura nacional brasileira.

Tomaz Mazzoni revela que o poder representativo do clube, seja no nome, nas cores da bandeira, nos escudos e mesmo pelo aspecto de sua torcida, foi fundamental para a sua popularização: Para a torcida, importava mesmo seu time mandar a campo a turma que soubesse vencer, o que por sua vez implicava não impor barreiras econômicas, sociais ou raciais aos jogadores. É a competição, a rivalidade entre clubes que representavam classes sociais, bairros e fábricas que construíram a paixão pelo futebol.

Como já foi dito, o processo de popularização do futebol no Rio teve um componente de identidade mais ligado ao sentimento de pertencimento ao lugar, ao bairro. O carioca tinha desenvolvido um amor ao bairro que ele ajudou a construir e este sentimento era mais forte que aquele que representava a sua origem étnica ou condição social, embora muitas das vezes, a sua identidade de bairro traduzia naturalmente essas diferenças. Mas era notável que esse sentimento fixava-se cada vez mais no clube e paulatinamente esse amor foi ganhando dimensões imensuráveis.

No entendimento desse trabalho, foi essa peculiaridade do futebol do Rio que o fez emergir como modelo de desenvolvimento para o futebol a ser implantado no país. Evidentemente, contribui para a escolha desse modelo também o fato de estar no Rio, a capital federal da República. Mas não se pode desprezar que a transferência de um sentimento de pertencimento da localidade para o clube era algo muito desejado para consolidação de um sentido de nação brasileira a partir da paixão do brasileiro por sua seleção de futebol. A analogia era óbvia e apresentava-se bastante promissora.

Futebol e Identidade Nacional.

Os anos 30 são de extrema importância para o futebol no país. Enquanto o meio político-cultural começa a definir suas concepções acerca do nacional, a popularização

do futebol é impulsionada tanto pelo desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa quanto pela oficialização do profissionalismo dos jogadores, transformando o jogo em trabalho.

Na verdade, A profissionalização do Futebol se iniciou ainda nos anos 20. Num primeiro instante há uma tensão entre duas correntes de pensamento, como já foi dito. Uma corrente era favorável ao amadorismo, pois temiam que com o fim do amadorismo modificaria a essência do esporte enquanto ferramenta educadora e de civilidade. A favor do profissionalismo, os jogadores, os clubes e a imprensa que defendiam que o futebol já chegara num estágio de desenvolvimento havia na verdade um falso amadorismo ou *profissionalismo marrom* visto que a maioria dos clubes já pagava prêmios – bichos - aos seus jogadores por vitória.

Nos anos 30 verifica-se o fim deste embate. Com um intercambio cada vez maior entre clubes brasileiros e estrangeiros e após a boa participação de nossa seleção nas Copas de 30 e 34, o jogador brasileiro passa a ser alvo de interesse de clubes dos grandes centros urbanos do mundo, principalmente Europa e região Platina, onde o futebol já se tornara profissional.

Diante deste quadro, ao final de 1933, a Liga Metropolitana de Esportes Amadores do Rio de Janeiro –Lmea - os paulistas da Associação Paulista de Esportes Amadores –Apea - decidem oficializar a profissão de jogador de futebol¹⁵. Com o objetivo de preservar o desenvolvimento do esporte no país, esta decisão cria também os instrumentos legais para que o futebol se desenvolva dentro de uma visão mercadológica. O Futebol passa a ser um negócio como outro qualquer. Isto logicamente incentiva a formação de novos clubes, novas ligas e o processo de expansão deste esporte em nosso país se intensifica. Com ele, se multiplicam também toda uma cadeia de acontecimentos, como aumento de competições,

¹⁵ CALDAS, W. *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. 1990: 203-223.

CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. 1990: 44-45.

rivalidades e os conseqüentes desenvolvimento de sentimentos de pertencimento, identificação e paixão.

Mas a idéia de que o futebol se desenvolve e se populariza por seu aspecto profissional é algo mais recente no meio acadêmico. No início do século XX, tinha-se a perspectiva de que a inserção do negro na prática do esporte proporcionou a sua adesão maciça.

Mário Filho foi o grande defensor dessa idéia. Para este autor, quando o negro começou a participar da vida no interior do clubes, dos jogos e dos campeonatos, a população começou a sentir o futebol como algo que lhe era próprio. Na visão do autor, a população brasileira enxergava no futebol um ideal de nação, onde negros e brancos podiam competir em igualdade de condições, regras e podiam até fazer parte de um mesmo time, estarem do mesmo lado. A idéia do esporte como um viés para minimizar as diferenças sociais e promover uma harmonização das tensões sociais históricas –proporcionadas principalmente pelo regime de escravidão que vigorou por séculos no país – fez da obra de Mário Filho o principal construtor de um imaginário do elemento negro como o mito fundador do Brasil como o país do futebol¹⁶.

Em *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Filho descreve uma historiografia romanceada do desenvolvimento do futebol no Brasil. Digo isso por conta de sua narrativa meticulosa, detalhista, descritiva, mítica, recheada de emoção, cheia de mitos, vilões e heróis, como podemos ver na descrição feita sobre a conquista do título de campeão carioca pelo time de subúrbio, o Bangu:

Se o Bangu vencesse haveria Carnaval lá em cima, noite de S. João, todas as festas do ano fundidas numa só (...) e foi mais para dar um dia de festa a Bangu que eles correram em campo, do primeiro ao último minuto. (...) Um gol do Bangu, mais outro, mais outro, mais outro, parecia que o Bangu não ia acabar nunca de fazer gols (...) Fim do jogo, foi que se viu

¹⁶ Ver Marcelo Xavier no site Rabisco
http://64.233.163.132/search?q=cache:8FAhVI5AB_MJ:www.rabisco.com.br/22/negrofut.ht%22Pais+do+futebol%22+,+%22mito+fundador%22&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br,
acessado em 21/10/2009.

quanta gente tinha descido de Bangu. O campo ficou cheio de torcedores lá de cima, que carregavam os campeões em triunfo, pulando, gritando, chorando. Era uma amostra, uma pequena amostra do que ia haver em Bangu¹⁷

Porém, há quem defenda que, na verdade, o profissionalismo foi a mola propulsora do desenvolvimento do esporte no país. Em *A invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*¹⁸ Ronaldo Helal, Hugo Lovisoló e Antonio Jorge Soares realizam uma releitura da obra de Mário Filho, ao passo que propõe uma outra leitura sobre o significado do futebol na sociedade brasileira. Para os autores, a popularização do futebol se deu mais pela pressão do profissionalismo, pela criação das ligas, do que propriamente por racismo. Jorge Soares salienta que Mário Filho buscou constituir uma identidade nacional, influenciado pelo pensamento sociológico do início do século que começava a pensar a sociedade brasileira. De sua pena, teria nascido um conceito que encontra cognato no pensamento daqueles tempos, a idéia de *coesão social*: todos se unem pelo futebol, o esporte os iguala¹⁹.

De uma maneira ou de outra, o fato é que o futebol era encarado no início dos anos 30 como um elemento que fortaleceria um sentimento de nação. O presidente do Brasil nesse período, Getúlio Vargas, foi um dos principais incentivadores do esporte. Foi ele, o responsável pela lei que criou a profissionalização do esporte e não podemos deixar de mencionar a estreita relação do futebol com o poder político em seu processo de institucionalização.

O futebol Brasileiro e a idéia de uma nação forte: O Porquê da tragédia de 50

Se é possível aferir o quanto um elemento representa a cultura de um país pela paixão que ele desperta em sua população, o futebol já estava, ao final dos anos 30 do século XX, irremediavelmente consolidado na cultura nacional brasileira.

¹⁷ *Idem*.NFB, 2003:202.

¹⁸ HELAL, SOARES e LOVISOLÓ. *A invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. 2001.

¹⁹ Ver em http://www.livrosdefutebol.com/catalogo_detail.asp?cod_produto=4 acessado em 19/10/09.

Stuart Hall, no capítulo três de *identidade cultural na pós-modernidade*²⁰ descreve que identidade nacional é uma representação, é um conjunto de significados que são construídos através do tempo. Para Hall, baseado em autores como Ernest Gellner e Roger Scruton, todo indivíduo precisa se sentir parte de algo maior, alguma coisa que lhe dê um sentido de pertencimento, que ele *reconheça instintivamente como seu lar*²¹. A identidade nacional está relacionada a memória social e suas formas simbólicas que são construídas com o objetivo de lhe proporcionar coesão e manutenção. A cultura nacional tem, portanto caráter pedagógico no sentido de que é formulada para construir sentidos.

Este ponto é importante para justificar porque iniciamos nosso estudo por uma abordagem histórico-social do futebol. Pretendemos demonstrar que o futebol em seu primeiro momento não podia ser identitário basicamente por dois motivos. Primeiro porque ele não tinha uma história, uma memória, basicamente por ser um produto cultural importado. Depois porque o Brasil ainda não tinha, como veremos adiante, um projeto de nação.

Como foi visto anteriormente, Mário Filho foi o primeiro a pensar um projeto de nação para o Brasil através do universo simbólico do futebol. Mas o seu projeto estava baseado na questão étnica. O jornalista acreditava que o processo de popularização do futebol se deu pelo fato de representar uma vontade natural da sociedade brasileira, heterogênea, miscigenada e democrática. A aceitação do negro nos clubes e campeonatos, o que o autor chama de processo de democratização desse esporte no país, conduziu o futebol ao lugar de o melhor praticado no mundo. Imaginava o autor que o mesmo processo aconteceria em relação à sociedade brasileira. A partir da inserção do negro e do mestiço, o país se transformaria numa das nações mais fortes e prósperas do mundo.

²⁰ HALL, St. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 2003.

²¹ *Idem*: 48.

Mas o futebol caminhava em outra direção. Como já demonstramos, a popularização do futebol no país caminhava em outra direção. Porém, era de interesse dos grupos que dominavam o esporte no país que essa representatividade desse esporte na sociedade fosse traduzida em consolidação da república e das esferas políticas recém empossadas no país. Vargas e os outros precedentes que o sucederam até o final dos anos 80 do século XX, como veremos mais adiante, ambicionavam que seus governos fossem tão populares como o futebol e procuraram, por diferentes caminhos, estabelecer uma associação entre uma coisa e outra.

Do Estado Novo de Getúlio ao regime militar (...) todos que governaram o país durante seu ciclo nacional-desenvolvimentista exploraram a chave do futebol para ajudar a construir e consolidar a nossa identidade nacional (...) O negro no Futebol Brasileiro é, simultaneamente, parte integrante desta construção²²

Por esta razão, NFB, firmou-se como um importante instrumento de construção daquilo que Hall chama de *sociedade imaginada*²³, onde a identidade é construída a partir das histórias que são contadas sobre elas. O autor destaca algumas características deste tipo de narrativa, bastantes recorrentes na obra de Mário Filho: Imagens, panoramas, cenários, eventos, símbolos e rituais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, perdas, triunfos e os desastres (Hall, 2003, pag.52).

Encontramos vários destes elementos em abundância pela obra de Mário Filho, o que comprova nossa argumentação de que NFB é o mito fundador da pátria de chuteiras ao unir um discurso mítico em torno do futebol aos ideais nacionalistas recorrentes no âmbito político da sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Tomemos por base, alguns trechos de NFB que corroboram como nossa argumentação:

²² *Idem.* FILHO, M. 1964: 13.

²³ *Idem.* HALL, S. 2003: 51

A cor ajudando Leônidas, tornando-o mais carioca e , nem certo sentido, mais brasileiro. Muito mais brasileiro do que Romeu Peliciari, quase loiro, de olhos azuis. O que seria bairrismo do carioca se transformaria em patriotismo do brasileiro, do qual não escaparia o próprio paulista, que em condições de escolher o paulista Romeu, como herói do campeonato do mundo, acabou escolhendo o carioca Leônidas.²⁴

Como vimos, o autor sentencia que Romeu foi preterido por ser loiro, de olhos verdes, apesar de ser paulista. O autor torna explícito que as diferenças regionais são suprimidas em prol de uma identificação maior, o nacional. O negro como elemento integrador é valorizado em relação às picuinhas regionais. O importante é que, agora, as regiões estão deixando as suas diferenças de lado, em busca de uma unidade nacional que reconheça o negro como elemento fundador e representativo desta coesão. Embora, o enfoque desse trabalho não reconheça essa questão racial como fundamental, não se pode negar que a construção de uma coesão nacional era politicamente desejável e que esse discurso da nação imaginada satisfazia aos grupos estabelecidos.

Neste segundo trecho, veremos como Mário Filho desconsidera em seu discurso a imprensa alguns fatos em detrimento da construção de uma figura mítica:

Leônidas marcava todos os gols que os outros não marcavam (...) Leônidas não ia poder jogar uma porção de tempo: operado de menisco, condenado pela justiça militar, uma estória de certificado falso de resservista, oito meses de prisão (...) Durante esses oito meses, o torcedor não tirou o nome dele da boca. O retrato dele quase não saía nos jornais, no lugar dele Pirilo marcava gols em todos os jogos do Flamengo, 40 gols. (...) O torcedor não guardava os gols que Pirilo fazia, guardava os que ele não fazia, os gols que Leônidas teria feito.²⁵

Pirilo não era um mito, era apenas um jogador. Dentro do entendimento de Mário Filho, Leônidas não. Ele era um mito. Já podia desaparecer, sumir, nunca mais

²⁴ *Idem*. FILHO, M. 1964: 209.

²⁵ *Idem*: 225.

jogar futebol. Seus feitos já estavam imortalizados. Era ele mesmo, um imortal. Na idolatria, na memória.

Estas passagens da obra de Mário Filho reforçam características de seu texto que privilegiam a emoção em detrimento dos fatos. Futebol e nacionalidade são elementos pertencentes ao mesmo universo temático das emoções. Não há racionalização nas paixões. O amor pelo seu clube, como pela sua pátria ultrapassa qualquer racionalidade. Ele precisa ser experimentado e vivido no imaginário, na literatura, na poesia, nos contos, nas narrativas épicas, nas construções mitológicas.

Neste aspecto, o NFB foi uma obra inaugural. Tanto foi assim, que mesmo após concluída, diante dos acontecimentos históricos que a sucederam, ela ganhou mais dois capítulos. A obra estava incompleta. Apesar de todo esforço na construção de vários heróis, negros e mulatos em sua totalidade, faltava a sua narrativa mítica, um fato que a transformasse num épico. Fato este consolidado pela Copa de 50, cuja narrativa foi publicada numa revisão especial feita pelo autor e publicada em 1964.

Esta complementação é perfeitamente compreendida se a observarmos dentro da ótica com que Hall relata a construção de identidade nas sociedades imaginadas. Hall revela que em qualquer construção identitária que recorra a construção de elementos de memória e tradição é fundamental a existência de um grande acontecimento que possa servir a construção de uma narrativa épica.

O que caracteriza um épico, ou uma narrativa épica, é a forma pela qual o autor organiza objetivamente um mundo e o narra a seus leitores, através de personagens que vivem acontecimentos conflituosos, num certo período de tempo e num determinado ambiente (espaço físico-geográfico).

A história do negro, e sua luta para ser aceito como igual, dentro da sociedade brasileira já pode ser considerada dentro deste contexto. Isto porque, como afirma Luis Fernandes, seu estilo narrativo situa NFB como obra precursora do recurso sistemático à História Oral como fonte da história escrita, características também

encontrada nos épicos. Mas como veremos adiante, a reedição da obra em 1964 tornou-se necessário, pois ela cristaliza na tragédia toda a força de um grande acontecimento que Hall menciona com fundamental para sua imortalização.

O que se estava operando, na verdade, era a construção de uma memória social que desse conta da construção identitária desejada pelas elites governantes do Brasil através do universo simbólico do futebol.

Copa de 50: A tragédia como fonte de inspiração

A copa de 50 é sem dúvida um momento de consolidação da construção realizada por NFB. É tão significativo que mereceu a sua inclusão à obra, mesmo depois de concluída. Importância esta que fica registrada em nota do próprio autor a esta 2ª Edição:

Pouca gente se dá conta do que se exige de um jogador de futebol. Ele tem de representar um clube, um Estado, a Pátria. O que se espera dele é que encarne as melhores virtudes do homem, no caso do brasileiro, as melhores virtudes do homem brasileiro. (...) No fundo, o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou.²⁶

A narrativa sobre a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de futebol em 1950, desenvolvida em NFB, inicia todo um conjunto de narrativas cujo enredo só será finalizado em 1970. O que parecia uma tragédia, foi aos poucos se transformando. A idéia que temos ao ler NFB é a de que a melhor coisa que aconteceu ao futebol brasileiro foi ter perdido a Copa de 50.

Desta forma, a narrativa da tragédia procurou minimizar a derrota em si e trabalhou em cima da necessidade de união do povo brasileiro em recuperar a sua auto-estima, esmagada em seu próprio território. O 16 de julho de 1950, data da tragédia, passou a ser constantemente lembrada pelos jornais conclamando a população a levantar a cabeça, fazendo acreditar que o dia da redenção não apenas

²⁶ *Idem*: 16.

chegaria, mas estaria perto. Foi desta forma que Mário Filho apresentou um jogo amistoso entre o time uruguaio do Peñarol e o Vasco da Gama:

Não era oficialmente um Uruguai e Brasil. Valia contudo como uma reprise. Em vez da celeste, o Peñarol, que fora a base da seleção campeã do mundo. Tal como o Vasco que representava o mesmo papel em relação ao escrete brasileiro. (...)No lugar do Maracanã, o estádio Centenário (...) e eis que o Vasco esmaga o Peñarol. Foi uma vitória total, de domínio completo. Quando o jogo acabou, lá estava o placar: Vasco 3X0 Peñarol. (...) A façanha do Vasco, momentaneamente, como que sarou a ferida ainda bem aberta. Tanto que os jornais brasileiros esticaram manchetes: Vingado o futebol brasileiro.²⁷

Desta forma o futebol e a sociedade brasileira começavam a digerir a derrota. Mais que isto, a narrativa sobre a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 50 serviu para acentuar um nacionalismo representado em nossa seleção de futebol. Em alguns trechos sobre o episódio encontrados em NFB, parece-nos claramente exposta a idéia de que perdemos a Copa de 50 porque os Uruguaios foram mais uruguaiosdo que nossos jogadores puderam ser brasileiros:

Tudo começara quando aquele mulato uruguaio, Obdúlio Varela, dera uns safanões em Gighia e Bigode. Gighia crescera com o carão em público de Obdúlio Varela, Bigode se acabara (...) Em campo, Obdúlio Varela puxava, com a pinça de dois dedos, um pedaço de camisa, sobre o peito, para gritar para os jogadores brasileiros: És a Celeste! És a Celeste!²⁸

A partir deste ponto Mário Filhos entende que para vencer, cada jogador brasileiro deve se revestir de um sentimento, tal como Abdúlio Varela, de nação que lhe forneceria uma força tamanha que nos tornaria imbatíveis. Para Mário Filho, o Brasil perdeu a Copa de 50 porque faltou identificação, faltou um ideal a cada um de seus jogadores, um sentimento de união, coragem e força que sobrou em seu adversário. Este era o caminho a ser seguido, caminho que certamente levaria o Brasil a muitas glórias, por que em termos de talento, nós éramos imbatíveis:

²⁷ *Idem*: 296.

²⁸ *Idem*: 289.

A lembrança de Obdúlio Varela permanecia viva. Como um ideal. Cada jogador brasileiro tratava de ser um Obdúlio Varela. Metendo o pé, o braço. Para mostrar quem era homem (...) ai do que fraquejasse. O que ninguém admitia mais no futebol brasileiro era um gesto de fraqueza. Vestindo a camisa de um time ou de um escrete, o jogador brasileiro tinha que agüentar tudo.²⁹

Assim, a revisão de NFB após a derrota do Brasil na Copa de 50, se fez necessário para a manutenção e no fortalecimento dos ideais nacionalistas defendidos pelo autor. Projeto de amplo interesse das classes políticas da época, e que vem a ser encampado pela mídia de uma forma geral nos anos subseqüentes.

Pelo que foi pesquisado é possível se estabelecer uma relação direta entre o discurso sobre o processo de popularização do futebol no país baseado na questão racial e seu desenvolvimento prático, a partir da relação identitária que os clubes estabeleceram com suas localidades. No seio desse embate, a tentativa em se estabelecer uma política pacificadora das tensões que eram próprias da sociedade brasileira. A libertação dos escravos e a aceitação dessas pessoas como indivíduos livres e de plenos direitos na sociedade brasileira e, por que não dizer, em todo o mundo, é uma questão problemática que persiste até hoje, o que facilita a compreensão de todo o esforço político, na construção de uma nação, como forma imaginada, na apropriação do universo simbólico do futebol como um caminho possível para a redução dos antagonismos de uma sociedade com um histórico escravocrata.

A grande questão social brasileira no início da primeira metade do século XX era saber como reduzir as tensões sociais internas produzidas ao longo de séculos de modo a promover uma coesão social que fornecesse sustentação política a recém instalada república. Acredito, com base nas pesquisas realizadas na construção desse trabalho, que as classes que governavam o país àquela época visualizaram que o

²⁹ *Idem*: 296.

universo simbólico do futebol era um caminho viável para a construção desse ideal de nação.

Identidade e Continuidade: o mito da *pátria de chuteiras*

Como observamos, a Copa de 50 desenvolveu ainda mais um sentimento de que o futebol representa a mais genuína identidade nacional, um jeito próprio de ser brasileiro. Esta idéia introduzida pelo NFB em sua primeira edição é reforçada nesta segunda, publicada em 1964.

Mas quando desta publicação, este era um sentimento que já não se restringia a obra de Mário Filho. Estava já introjectada na sociedade brasileira por uma comunicação de massa, que dentro da lógica de uma Indústria Cultural³⁰ apostou suas fichas nas idéias de Mário Filho para consolidar um imaginário de sociedade brasileira que era bastante útil aos interesses das classes que detinham o poder.

Temos consciência de que esta nossa abordagem vai ao encontro dos princípios estabelecidos por Adorno e Horkheimer em seus estudos na *Escola de Frankfurt*³¹ que surge na Alemanha das décadas de 1920 e 1930. Estamos convictos também que ao nos apropriarmos destes conceitos, estaremos passivos às mesmas críticas que eles sofreram.

Mas dentro de nossa lógica de trabalho, acreditamos que este é o melhor caminho a seguir. Isto porque não é nossa intenção entrar no mérito da discussão em torno dos graus de dominação e resistência que se estabelecem na relação entre a Indústria e seus alvos. Nos é pertinente aqui, entender que em termos de análise de uma comunidade imaginada, particularmente no que se refere à construção de um

³⁰ O termo indústria cultural foi cunhado pelos sociólogos Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*, de 1947. Analisando a produção de cultura na sociedade capitalista, que emergia a partir dos anos 30, os autores criam o conceito para definir a um processo de conversão da cultura em mercadoria. O termo Indústria refere-se ao processo de produção em larga escala e padronizado, tal como os produtos industrializados. Mais detalhes, ver ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. In: COHN, GI [org.]. *Comunicação e Indústria Cultural*. 1975.

³¹ *Idem*.

imaginário, este conceito nos é bastante útil. Não pretendemos em nosso trabalho, saber qual a amplitude do conceito *Brasil, a pátria de chuteiras*, mas entender como esta construção se fez.

O ideal de sociedade construído a partir de NFB servia aos governos nacionalista que se perpetuaram no poder até o golpe militar de 64. Os estudos desenvolvidos pela *Escola de Frankfurt* tinham como objetivo, a partir da análise de todas as práticas sociais, entender, denunciar, criticar e subverter todas as formas de dominação. Portanto, o fenômeno da Indústria Cultural estaria diretamente vinculado à dominação social e é por este motivo foco de nosso interesse.

Na ótica de Adorno e Horkheimer, a racionalidade técnica seria a principal característica da Indústria Cultural. Servindo como elemento de dominação, ela teria o poder de transformar os sujeitos em consumidores desprovidos de autonomia, meros receptores dos artefatos culturais industrializados. Os setores mais desenvolvidos da economia seriam responsáveis por subsidiá-la, promovendo um processo de dominação em larga escala através da anulação da capacidade de organização da realidade e do cerceamento da sensibilidade.

Um imaginário de Brasil pelas narrativas das Copas do Mundo de 58, 62 e 70

As Copas de 58, 62 e 70, onde a seleção brasileira conquistou o tri-campeonato mundial de futebol finalizou o projeto de construção de uma identidade brasileira iniciado pela obra de Mário Filho. É interessante notar que, ao longo do processo, alguns aspectos perderam relevância em relação a outros. Como veremos, pelas narrativas sobre o tri-campeonato mundial conquistado pela seleção brasileira de futebol, o elemento negro, tão central em NFB, quase que desapareceu. Este fato demonstra claramente a apropriação que é feita em cima de sua obra. O que interessava para Mário Filho era construir uma sociedade mais harmônica, fornecendo no brasileiro, um ideal de nação pela supressão das diferenças raciais.

Mas isso, já não era tão importante. Em nosso entendimento, o que Mário filho construiu, a Indústria cultural padronizou, embalou e vendeu. Já não importava mais o processo *artesanal* de construção. À mídia, enquanto instrumento de veiculação dos produtos culturais industrializados, não se interessava pelos elementos com os quais seu produto foi construído, seu objetivo único era vender. A comunicação de massa não teoriza, ela vende.

O imaginário sobre a sociedade brasileiro havia superado a fase da construção e passado a etapa da solidificação. Acreditamos que O ideal de um Brasil sem antagonismo foi necessário no momento de consolidação da república e na construção da imagem de um Brasil novo, em oposição aquele velho retrato de um país colônia de economia agrária e subdesenvolvida. A idéia de um país em desenvolvimento, com uma economia forte, formou a base política que sucedeu aos 15 anos de Governo populista³², voltado para o povo, de Getúlio Vargas. Tanto Eurico Gaspar Dutra quanto Juscelino Kubitschek pensaram o país em vias de desenvolvimento e tentaram arquitetar o seu discurso pela construção de um grande país.

As obras foram a grande propaganda desses Governos, embora o futebol estivesse sempre compondo o cenário. Tanto que uma das obras mais importantes do Governo Dutra foi a construção do *Maracanã*, o maior estádio do mundo. Juscelino foi mais ambicioso e construiu, no meio do nada, uma nova capital para o país. JK, como era conhecido, teve a sorte de ter sido o primeiro presidente brasileiro campeão do mundo de futebol e talvez por esta razão, entra para a história como um dos presidentes mais lembrados do país.

³² Centrado na figura de um Líder Carismático, os governos populista se caracterizam por utilizarem uma linguagem popular e vários outros recursos com o objetivo de obter apoio para suas ações. Seus governantes, usam e abusam da propaganda pessoal, se auto-definem como pluripartidários e se dizem democráticos, embora costumem passar por cima da constituição desde que isso lhe traga prestígio. Segundo Armando Boito Jr. - professor titular de Ciência Política da Unicamp e autor do livro *O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*. 1982 – o populismo é um fenômeno político e ideológico, presente com maior força na periferia do sistema capitalista, que se caracteriza pela expectativa de setores populares menos organizados por uma ação salvadora do Estado.

Após as conquistas de 1958 e 1962, o futebol se constituiu numa metáfora, num imaginário do Brasil como uma grande nação. Desapareceu a figura inicial dessa construção, o negro. Surgiu o herói brasileiro, o craque. E já não importava se ele era preto, branco ou mestiço. Glorificados e eternizados, a seleção tricampeã mundial em 1970 tinha o negro Pelé, aclamado *Rei do Futebol*, reverenciado como o maior de todos, mais tinha também mestiços como o capitão Carlos Alberto Torres, Clodoaldo e Jairzinho, além dos brancos Gilmar, Gérson e Tostão. Todos eles comandados pelo Branco Mário Jorge Lobo Zagallo.

No entanto, a questão racial não é tão valorizada quanto a qualidade técnica do jogador brasileiro, nascido para jogar futebol. E não é mais porque ele é negro, branco ou mestiço, mas porque ele é brasileiro. Evidentemente que a noção do que é ser brasileiro passa necessariamente pela construção de uma sociedade harmônica, sem grandes antagonismos sociais e de raça, principalmente. Mas é importante notar que esse elemento já não é o mais acessado, como foi nos anos 30. A questão racial já não está mais na agenda dos temas sociais mais importantes. Presente na obra de Mário Filho, a questão racial na narrativa do tricampeonato estava relegada a segundo, terceiro, quarto plano. O que emergia com força total era a genialidade do brasileiro em jogar futebol. Do brasileiro! Do verde, do amarelo, do azul e do branco.

O sentido agora era outro. Só o nacionalismo importava. A questão racial era coisa do passado. O importante era amar o país, amar o futebol, sua maior expressão cultural. Vejamos esse diferencial pelas letras das músicas feita especialmente para as seleções de 58 e 70:

MÚSICA DA COPA DE 58

A taça do mundo é nossa
Com o brasileiro,
Não há quem possa!
Eeeeta! Esquadrão de ouro
É bom no Samba

É bom no couro

(Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Vítor Dago e Lauro Muller)

Esta foi a marchinha que embalou a seleção brasileira de futebol pelos campos da Suécia em 1958. O que mais chama a atenção é o fato de já haver uma aproximação do futebol com outros elementos de nossa cultura como o Samba.

Vejamos agora, o Hino de 70.

Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil,
Do meu coração
Vamos todos, vamos!
Pra frente Brasil,
Salve a seleção!
De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu as mãos
Vamos cantar com a nossa seleção
Juntos num só coração
Vamos todos, vamos!
Pra frente Brasil, Brasil
Salve a seleção
(Miguel Gustavo)

O hino da seleção brasileira para a Copa de 70 dispensa comentários. Vivíamos o período mais turbulento de nossa história política-social. Em plena ditadura militar, nunca foi tão importante manter uma unidade, uma coesão em torno de um ideal de nação. Nunca a sociedade imaginada foi tão imaginada e difundida. Era preciso *manter a unidade a todo custo*, por todos os meios e discursos, como revela o historiador Néilson Piletti:

Durante os dez anos que vigorou o AI-5 (1968-1978), a censura federal proibiu mais de quinhentos filmes, quatrocentas peças de teatro, duzentos livros e milhares de músicas. Foi nessa época também que o Brasil sagrou-se tricampeão de futebol no México (1970). Tudo isso era usado

pelo governo militar como propaganda a seu favor. Assim, havia o Brasil da propaganda, onde tudo ia bem: o país era uma ilha de tranqüilidade em um mundo conturbado. Por outro lado, havia o Brasil real, com censura, perseguições políticas e tortura. Nessa época o governo criou um slogan que dizia: *Brasil ame-o ou deixe-o.*³³

Este movimento de rotação de sentido, onde a construção de um ideal de nação vai perdendo espaço para um nacionalismo exagerado pode ser sentido pela comparação entre os discursos em relação as Copas de 58 e 70. O primeiro discurso ainda está bem próximo aos ideais de Mário Filho, valorizando o brasileiro e não apenas a nação:

Nos passes de Didi, na habilidade de Pelé, na fúria de Vavá e nos dribles diabólicos de Garrincha, o futebol brasileiro parece ter superado todos os seus complexos: a infantilidade de 1930, a imaturidade de 34, a inexperiência de 38, o otimismo exagerado de 50, e os nervos tensos de 54, para impor-se ao mundo como uma seleção virtuosa, cheia de talentos. (...) A decisão foi no dia 28 de junho, contra a Suécia. Jogando com camisas azuis, pois o uniforme sueco também era amarelo, sofremos o primeiro gol. Mas a serenidade de Didi impediu que entrássemos em pânico. Com a bola debaixo do braço, caminhou lentamente pelo gramado, gritando para os companheiros: Calma, pessoal! Vamos encher esses gringos! Poucos minutos depois, Vavá entrou como um furacão na área e... gollll!!! Brasil 1 a 0. A partir desse mometno, o jogo transformou-se num verdadeiro show de futebol. O Brasil fez 5 a 2, com gols de Vavá (2), Pelé (2) e Zagalo, sagrando-se pela primeira vez Campeão Mundial. Rendida aos novos deuses do futebol, a imprensa européia, ao escolher uma seleção ideal, incluiu nela oito jogadores brasileiros³⁴ (fatos e fotos, 12.07.58).

Como observamos nestes dois trechos descritos, a narrativa em 58 ainda se detinha na figura do jogador. A construção de nossa identidade foi feita através desses elementos, cujas características raciais produzidas pelas miscigenação, proporcionaram a construção de homens fortes e virtuosos, como se fazia representar através de seu futebol.

³³ Piletti, Nelson. *História e Vida Integrada*. 1999: 90.

³⁴ Ver Revista Fatos e Fotos publicada em 12/07/1958. Trecho retirado do site <http://www.camara-brasileira.com/futebol.htm> acessado em 19/10/2009.

Contraditoriamente, a Copa de 70 que tanto veio a sedimentar o ideal nacionalista da pátria de chuteiras foi também a sua antítese. Isto porque a propaganda nacionalista que se mostrava eficiente até então, foi sendo enrijecidas pelos padrões de conduta militar, o que provocou uma mudança de eixo no discurso que tornou-se contraditório dentro do universo simbólico do futebol.

Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Marco Antonio Santoro³⁵, em artigo para a *revista fronteiras*, sintetizam ao longo de seu texto esta idéia. O que os autores observam é que, chagando próximo a Copa de 70, um conceito de *modernidade* assume o lugar do *tradicional*. A contradição se estabelece no momento em que, alheio a um cientificismo aplicado à preparação da seleção brasileira de futebol para àquela Copa, a imagem da vitória se eternizou como o mais autêntico futebol brasileiro praticado por uma seleção brasileira. Melhor explicando, a seleção de 70 ficou eternizada como aquela que praticou um futebol que mais se aproxima de um suposto jeito brasileiro de jogar futebol, baseado sobretudo no talento, na arte, na essência do jogador brasileiro *nascido para jogar futebol*³⁶ Vejamos, por exemplo, este primeiro trecho:

As narrativas sobre o futebol no Brasil ainda tomam a seleção de 70 como um dos referenciais de orgulho na reafirmação de uma identidade positiva. O estilo de jogo da seleção brasileira de 1970 é o paradigma do futebol nacional. Embora datado, pretende-se afirmá-lo como um estilo atemporal que se confunde com a natureza do ser brasileiro (...). O treinamento desportivo da seleção de 1970, calcado em bases científicas, é silenciado pela memória na medida em que entra em contradição com a visão romantizada do futebol no Brasil. O planejamento científico posto em prática na preparação física do selecionado brasileiro em 1970, se trazido à tona, poderia

³⁵ HELAL, SANTORO e SOARES. Futebol, Imprensa e Memória. 2004..

³⁶ O termo *nascido para jogar futebol* fez parte de uma campanha promocional da Nike, patrocinadora oficial da seleção brasileira de futebol durante a Copa da Alemanha em 2006. Nela, o jogador Ronaldinho Gaúcho aparecia fazendo acrobacias com a bola, simbolizando o jogador brasileiro como alguém dotado de talento impar, um talento que seria natural ao brasileiro, para praticar o futebol mais plástico, mais belo, para desenvolver as jogadas mais bonitas.

desmistificar a imagem do futebol-arte; a mesma que identifica o povo ao nosso futebol e vice-versa³⁷.

Para estes autores este é motivo pelo qual damos ênfase em nossos dias as narrativas da Copa de 70 dentro de padrões culturais pré-estabelecidos, sedimentados em nossas histórias, memória e tradições. Para eles, este é o motivo pelo qual a idéia de futebol-arte sobrevive.

Segundo nossa abordagem, a descrição sobre as narrativas nos ajuda a pensar que, ao tempo que a Copa de 70 sedimenta o futebol como um traço identitário de nossa cultura, ela também funda os alicerces para a sua crise. A rigidez do regime militar e a implantação de métodos científicos à preparação da seleção para a Copa de 70 contrariavam a noção de que o talento do jogador brasileiro fosse capaz de tudo superar:

As narrativas jornalísticas no decorrer da Copa de 1970 enfatizavam o processo de treinamento físico, as estratégias de adaptação à altitude (baseada em conhecimentos científicos da época) e o empenho e disciplina daquele selecionado. Esses elementos que foram considerados, na época, fundamentais na obtenção da vitória em 1970.³⁸

As contradições encontradas nos discursos durante a Copa e num período muito posterior confirmam a idéia já apresentada nesse trabalho que a tradição se constrói através de lembranças e esquecimentos e que nesse processo de construção, mitos e signos são redimensionados de forma a fornecer a um novo conceito, legitimidade e coesão. Em nosso entendimento, o *novo* tem que estar ligado ao *velho* de alguma forma para que seja aceito, pois tudo que é inteiramente novo causa uma certa repulsão, no mínimo, um estranhamento.

Se o discurso que temos sobre a campanha vitoriosa da seleção brasileira na Copa de 70, hoje, é outro, foi porque existiram vários mecanismos na construção deles que, operando com elementos de esquecimento e memória, permitiram a

³⁷. HELAL, SANTORO e SOARES. 2004: 67.

³⁸ *Idem*: 64.

permanência de uma idéia ou de outra. No artigo apresentado, seus autores defendem que:

O treinamento desportivo da seleção de 1970, calcado em bases científicas, é silenciado pela memória na medida em que entra em contradição com a visão romantizada do futebol no Brasil. O planejamento científico posto em prática na preparação física do selecionado brasileiro em 1970, se trazido à tona, poderia desmistificar a imagem do futebol-arte, a mesma que identifica o povo ao nosso futebol e vice-versa. processo³⁹.

Desde a chegada do futebol ao país, o capital simbólico do futebol que movimenta e organiza todo o *campo político do futebol brasileiro*, alterando os papéis dos elementos participantes, as condições do jogo, as regras de aceitação e as normas que o mantém, foi se modificando, ao longo do tempo. Adequando-se às necessidades do próprio campo em se estabelecer e se desenvolver, trabalhou com memórias e esquecimentos que modificam a todo o instante a idéia que se tem sobre a própria tradição e modernidade.

Se a preparação física imposta a seleção de 70, principalmente em virtude da Copa ter ocorrido na altitude, bem acima do nível do mar, onde o ar rarefeito⁴⁰ prejudica a prática do esporte, foi uma realidade e se esta permaneceu para outras disputas –A copa de 86 foi disputada no México novamente – pode-se questionar se uma preparação adequada é, hoje, um elemento tradicional ou moderno, embora ele apareça na mídia, constantemente sem significado, importância ou relevância para o sucesso do futebol brasileiro.

Nosso interesse em observar as alternâncias do capital simbólico está sedimentado na intuição de que ele é representativo de todas as demais alterações que são experimentadas no interior do próprio campo. Acreditamos que observando o

³⁹ *Idem.* HELAL, SANTORO E SOARES. 2004: 65.

⁴⁰ Ar rarefeito é um ar pouco denso, onde a concentração de oxigênio é menor e por esta razão dificulta a respiração. Sendo a concentração de oxigênio inferior a quantidade de ar com que enchemos os pulmões pode ser insuficientes para as atividades que desenvolvemos.

que era importante em momentos distintos desse esporte na história social do país, podemos melhor entender os seus movimentos que estão em curso no mundo atual.

Vimos até o momento que quando o esporte chegou ao país, o importante para o esporte é que ele fosse praticado por pessoas que, teoricamente, traziam em si os seus valores representativos de boa educação e civilidade. Em um segundo momento, vimos que a necessidade da construção de um sentido de nação pelos governantes da recém instaurada república, mudaram os rumos do esporte no país, passando pela profissionalização, institucionalização e nacionalização das paixões que brotavam das relações identitárias. Partimos agora para descobertas.

Durante todo o período sobre o qual nos detivemos nesse segundo capítulo, um processo paralelo se estabelecia na sociedade brasileira. A década de 50 viu nascer no país, a televisão. Esse novo meio de comunicação revolucionaria todo o processo de subjetivação do sujeito, onde o indivíduo reconhece os valores que lhe são caros e procura guiar suas ações, seus sentimentos e sua visão de mundo a partir desse seu repertório cognitivo. Não por acaso, os meios de comunicação tornam nos anos subseqüentes o principal alvo das disputas ideológicas estabelecidas no campo político, seja o esportivo ou da administração central do país.

Por esta razão, nos detivemos nesse segundo capítulo nas narrativas que historicamente vem construindo todo o imaginário que o Brasil tem sobre o seu futebol. Permaneceremos utilizando essa metodologia pelos próximos capítulos, pois acreditamos que este seja o melhor meio de observarmos como as alterações de ordem política no comando do futebol brasileiro se relacionaram com as lembranças e os esquecimentos que a memória social do futebol vem trabalhando ao longo do século XX. Acreditamos que assim, seguiremos a proposta desse trabalho de construção do *campo político do futebol brasileiro*, pelos imaginários, construções e tensões que estiveram presentes em sua história.

Futebol, comunicação e política: uma crise nos sistemas

No capítulo anterior observamos como o futebol se transformou -a reboque dos processos de construção de um imaginário de nação forte e moderna - em um dos mais importantes ícones de expressividade da cultura brasileira. Estamos propondo para este capítulo, observar como esse processo se relacionou com mídia, impressa e eletrônica. Buscaremos compreender como as narrativas trabalham com lembranças e esquecimentos de forma a construir imaginários e sedimentar ideais na memória coletiva do povo brasileiro, especificamente sobre futebol.

Nos interessa particularmente nesse capítulo, entendermos o lugar dos meios são na construção da memória social do esporte, salientando as lembranças e os esquecimentos produzidos pela imprensa na cobertura das Campeonatos Mundiais de Seleções, as *Copas do Mundo*.

Acreditamos que, ao longo do século XX, os meios de comunicação foram paulatinamente substituindo os meios convencionais -instituições como a família, a igreja e a escola - na construção da subjetividade¹, . fornecendo ao mundo, formas padronizadas de enxergar os acontecimentos. Desta forma, estabeleceremos paralelismo entre esse processo e as relações de poder dentro do campo político do futebol brasileiro.

Por esta razão, iremos pensar o lugar da mídia não apenas como um elemento construtor de subjetividades, mas também como um instrumento de ação política,

¹ A subjetividade humana corresponde às formas como cada um interpreta as coisas do mundo. Para autores como Stuart Hall e Lúcia Santaella, a construção da subjetividade é um processo contínuo que tem a ver com a necessidade do ser humano em tornar as coisas humanas legíveis para ele. Ou seja, a subjetividade está ligado a uma necessidade de tornar as coisas compreensíveis. Então, elas são baseadas nos valores individuais. O mundo é visto sob os olhos de quem vê, em acordo com o repertório cognitivo individual, de cada um. Ver em SANTAELLA, L . Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. 2006:173-201. Também, HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2003.

que serve tanto para promover idéias modernas, quanto para promover lembranças e esquecimentos, ressignificações e outros tipos de agenciamentos.

A mídia como recurso ideológico

Durante muito tempo pensou-se nos meios de comunicação como instrumento de dominação. A classe detentora dos meios agiria de forma a manipular as informações e manter o indivíduo alienado de sua própria condição. Na verdade, esta vertente do pensamento sociológico originou-se ainda na década de 20 do século passado, quando um grupo de filósofos e cientistas sociais deram início ao que se convencionou chamar posteriormente de *Teoria Crítica da Sociedade*². Reunidos no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt pensavam sobre as questões da sociedade, principalmente no que se referia às questões do socialismo e do movimento trabalhista. Posteriormente, já nos anos 30 é que Horkheimer e Adorno se dedicariam mesmo aos estudos culturais e em seu interior sobre o lugar da mídia na formação de uma cultura como um produto industrializado, uma mercadoria.

A Escola de Frankfurt iria influenciar posteriormente o pensamento de Jürgen Habermas³. Este autor, no entanto, procurou superar o pessimismo de seus antecessores, buscando na idéia hegeliana⁴ de reconhecimento intersubjetivo uma alternativa à lógica instrumental que encobriria a razão ou a racionalização. Para

² Desenvolvida pelo sociólogo alemão Max Horkheimer ainda na década de 30 do século XX, a Teoria Crítica propõe a teoria como lugar da autocrítica, do esclarecimento e de visualização das ações de dominação social, visando não permitir a reprodução constante desta dominação, a partir do desenvolvimento de um comportamento crítico nos confrontos com a ciência e a cultura

³ Filósofo e sociólogo alemão, assistente de Adorno na Escola de Frankfurt, promoveu o potencial emancipatório da razão, o qual, segundo o autor, poderia promover o processo de interlocução social, onde o cidadão participam mais ativamente nos litígios promovendo o agir comunicativo como o viés para o justiça e a democracia. Ver HABERMAS, J. Teoria de la acción comunicativa - Racionalidad de la acción y racionalización social. 1987.

⁴ Hegel atribui à consciência singular enquanto totalidade um impulso para o ser-reconhecido. O autor entende que o ser tem uma vontade de ser reconhecido em suas prerrogativas, direitos, peculiaridades e capacidades. Dessa forma, se estabelece uma relação de mútua aprovação que torna significativa a vida conjunta dos indivíduos. Hegel passa a compreender que a consciência singular somente pode alcançar sua realidade mais adequada na conexão cultural intersubjetivamente partilhada que Hegel denomina de *Volksgeist*

Habermas, na ação comunicativa ocorre a coordenação de planos de dois ou mais atores via assentimento. Tem-se não raro uma visão reducionista deste conceito, entendido como mero diálogo. Mas de fato, ela se contrapõe à ação estratégica, regida pela lógica da dominação, na qual os atores coordenam seus planos no intuito influenciar, não envolvendo assentimento ou dissentimento. Habermas define sinteticamente a ação estratégica como *cálculo egocêntrico*, enquanto a ação comunicativa como algo construtivo da justiça e da democracia.

Habermas desenvolve sua teoria explicando que existem duas esferas na vida social: o *sistema* e o *mundo da vida*. O primeiro, refere-se à reprodução material, regida pela lógica instrumental, onde há a adequação dos meios aos fins. Nesse processo, ganham importância as relações hierárquicas - poder político - e de intercâmbio –economia das trocas simbólicas.

Já o *mundo da vida*, é a esfera da reprodução simbólica', da linguagem. Diz respeito às redes de significados que compõem determinada visão de mundo, sejam eles referentes aos fatos objetivos, às normas sociais ou aos conteúdos subjetivos.

Dessa forma, Habermas pensa que o *sistema* está sempre tentando sobrepujar o *mundo da vida* que resistiria através da ação comunicativa e das formas jurídicas que promoveriam uma participação mais ativa e igualitária através da racionalização das questões, pela discussão que levaria ao assentimento.

Dessa forma, o homem teria sim a capacidade de resistir àquilo que lhe parece estranho, que lhe causa desconforto e que não está em íntima sintonia com os seus princípios. Estes recursos não seria passivos de controle. Em defesa do poder emancipatório da razão, na contra-mão das teorias apocalípticas sobre o completo domínio da técnica dos aparatos tecnológicos sobre a capacidade de racionalização e discernimento do indivíduo, Habermas defende que os meios de comunicação podem tanto servir as relações hierárquizantes quanto às emancipadoras, desde que proporcione um espaço para ampliar as discussões.

Em nosso entendimento, Habermas abre a possibilidade para pensarmos que, paralelamente às tentativas de construção de imaginários sobre o futebol brasileiro, haja sempre o cotidiano das relações estabelecidas entre torcidas e clubes, jogadores e torcedores, clubes e identidade de bairros, que escapam do controle absoluto dos imperativos de mercado.

A perspectiva defendida nesse trabalho é a de que alguns aspectos construtores da subjetivação escapam desses tais sistemas, tal como formulados por Habermas, econômicos e sociais. Assim, eles não influenciam irremediavelmente os processos de construção de identidade, mas apenas criando circunstâncias que limitam a sua ação.

Entendemos dessa forma que, por exemplo, embora os campeonatos estaduais tenham perdido força política e estejam politicamente esvaziados no Brasil, as identidades de clube, a paixão pelos times, as rivalidades não apenas permanecem, mas se acirram, apesar das constantes campanhas da mídia para o desaparecimento dos torneios regionais. Uma questão, aliás, que já esteve mais em voga, principalmente quando se trata da necessidade de adequação do calendário nacional de competições ao calendário europeu, o que explicitamente só atenderia aos interesses dos clubes estrangeiros e aos jogadores que ambicionam uma transferência para o exterior.

Paralelamente à tentativa de esvaziar os campeonatos regionais, observamos em nossa pesquisa um claro movimento para conquistar no Brasil novos torcedores para os clubes europeus, tentando desenvolver uma identificação do torcedor com esses clubes através da transferência dos ídolos nacionais para o exterior.

O Brasil enfrenta ao final do século XX, pelo menos dois grandes obstáculos na tentativa de manter viva a memória e o caráter identitário que uniu por todo o século XX clubes, bairros, torcidas, comunidades: A paixão regionalista por um clube de futebol.

É possível , como tem sido feito ultimamente, aproximar clubes estrangeiros de torcedores brasileiros. As emissoras de televisão transmitem campeonatos nacionais do mundo inteiro, Itália, Espanha, Inglaterra, Francês. Naturalmente, os clubes estrangeiros acabam ganhando simpatizantes pelo Brasil. Mas é difícil imaginar que algum desses simpatizantes deixem de lado a paixão pelo clube de seu bairro, de seu pai ou do grupo social a que pertence.

Isso, no nosso entender, deixa claro que os meios tradicionais de fixação dos valores sociais, como a família, a igreja, a comunidade ainda se sustentam. Mas é inegável que no plano material do consumo, os produtos mercadológicos, os imperativos da moda ganham espaço significativos.

Não sabemos ainda a extensão desse domínio e o quanto será possível manter uma racionalização livre ou resistente às tentações do mundo moderno, mas pensamos que a mídia, de uma certa maneira contribui para que um certo equilíbrio seja mantido. O futebol vive de tradições e não é interessante para os novos imperativos de mercado que essa desconstrução, se é que ela é possível se processe. O Futebol pelo futebol dá lucro e suas raízes parecem ser a sua força.

Quando Bourdieu propos que no campo político todas as forças trabalham para, em primeiro lugar, ele manter a sua própria existência, a mídia também sobrevive da idéia de que ela reproduz o cotidiano. Um distanciamento para além do compreensivo pode lhe custar a credibilidade que à sustenta.

Acreditamos que essa seja a razão pela qual esteja sempre realizando agenciamentos com os símbolos que são caros ao seu públicos. E não são raros os descuidos que lhe causam prejuízos, muitos, as vezes, irrecuperáveis. Muitos periódicos e comunicadores são constantemente contestados por estarem em desacordo com algumas idéias solidificadas no imagiunários de sua audiência ou por faltarem claramente com a verdade.

A antipatia pelo locutor Galvão Bueno por parte da audiência brasileira é entendida como um transbordamento dos limites de isenção e parcialidade que o narrador deve ter com aquilo que está sendo narrado. As muitas ocasiões onde foram cometidos excessos por parte desse locutor causaram-lhe essa reserva em relação ao seu profissionalismo e em muitas das vezes em que até não houve excesso, o imaginário coletivo já deu conta de criá-lo.

A idéia de que a mídia é perversa no sentido de expoliar o indivíduo de seus próprios referenciais interpretativos, é contraditoriamente colocada em xeque quando esses mecanismos ultrapassam os limites pelo indivíduo impostos.

No caso específico do futebol, esse processo se intensifica na medida em que a preservação do sentido de pertencimento sustentam imaginários que precisam ser constantemente agenciados pelas narrativas, mesmo que seja para discordar, concordar, lembrar ou esquecer.

Os anos que sucederam ao projeto de construção de um ideário de nação pelo universo simbólico do futebol atingiu o seu ponto máximo com a conquista do tricampeonato mundial de futebol, na capital mexicana em 1970. Naquela época, o Brasil já vivia tempos de ditadura militar e intervenção direta da política nas esferas da administração esportiva do país.

Foi o tempo também em que a televisão transmitiu pela primeira vez uma Copa do Mundo para o Brasil. As narrativas em torno do universo simbólico passam a ter, então, mais importância em nosso trabalho pois, como já foi dito anteriormente, ela passa a mediar os embates que se estabelecem no interior do campo político do futebol brasileiro bem como deste com as esferas políticas dos Governos Nacionais.

Como será demonstrada ao longo desse capítulo, a política esportiva brasileira de tão atrelada que esteve, desde sua criação, às instâncias governamentais superiores irá passar por um longo período de incertezas e transformações. Uma crise

sem precedentes que ganham no noticiários esportivo aspectos que demonstram claramente os pontos de equilíbrio e tensão que se estabelecem no processo.

A década de 70 é marcada por um período de enrijecimento, negociação e conciliação das forças políticas no país, o que irá provocar processos de rupturas estruturais tão significativas que irão abalar o universo simbólico do futebol, de forma que o próprio imaginário sobre o futebol brasileiro passará por um período de contestação.

Elementos tradicionais construtivos da identidade do futebol brasileiro irão ruir junto com as estruturas políticas que os sustentavam. Ideais como o futebol-arte e a pátria de chuteiras já não atendiam mais a demanda das necessidades políticas e um novo conceito emergia com uma nova direção, dita profissional: O futebol de resultados.

Acredito que está seja a maior transformação operada no imaginário sobre o futebol brasileiro em mais de 50 anos de história. Pela primeira vez, de uma forma disfarçada, admitia-se que, como em qualquer atividade prática, métodos de trabalho, cientificamente comprovados e bem aplicados, levam a resultados melhores. Um discurso que até surgiu com alguma força na Copa de 70, mas que desapareceu diante das narrativas mitológicas do futebol genial, imortalizada na figura do Rei, Pelé.

O que é mais significativo para o escopo desse trabalho, porém, é sinalizar que pela primeira vez as narrativas construtivas sobre o futebol brasileiro ganham um formato racional. A característica principal do noticiário esportivo, por influência da literatura, terra natal dos primeiros cronistas, sempre foi a do discurso mítico, baseado na figura do herói, ou do fato narrado pelo viés do sobrenatural, ou sobre humano.

No fim do período tratado nesse capítulo, é possível observar uma racionalização do discurso que passa a observar o desenho tático do jogo, a análise

quantitativa dos elementos do jogo como números de passes, arremates, impedimentos, escanteios, e o desempenho físico e técnico dos atletas. Acreditamos que isso reflita um processo de racionalização do esporte que passa necessariamente pela superação das amarras políticas que impediam o seu desenvolvimento como atividade comercial, o qual se iniciou ainda na década de 30, mas que esteve sempre sob controle estatal.

Com os novos rumos do futebol mundial que estava em processo de expansão, uma adequação de seus instrumentos conceituais se fez necessário e o discurso sobre o futebol passou a seguir uma tendência mercadológica mais coerente com a nova ordem política e econômica mundial.

Esse fato reforça nossa idéia do futebol como campo de lutas, como campo político. A idéia aqui apresentada e defendida de que as alterações em sua estrutura nos últimos 20 anos, são frutos das transformações de ordem política, econômica e social, incluindo aí a cultura, concretizadas pelos processos comumente chamados de globalização, justificam toda a articulação em torno dos preceitos que originaram as alterações no campo político do futebol brasileiro, concretizados num campeonato nacional mais organizado, planejado, com um número menor de clubes participantes, com a redução no tempo de duração dos campeonatos regionais, com a extinção da lei do passe que promoveu a livre circulação da mão de obra, a criação do estatuto do torcedor e outras alterações que serão tratadas aqui mais adiante.

Uma crise de identidade

O período que entendemos como de crise para o futebol brasileiro e para a sociedade brasileira vai de 70 até 94. Internamente, a não existência de um campeonato brasileiro representativo, com a participação de equipes de todos os estados da federação, comprometia o discurso da união nacional promovido pela classe militar que havia ascendido ao poder com o golpe de 1964. O fracasso na tentativa de obter o tri-campeonato mundial na Inglaterra em 1966, o que significaria ser o primeiro

país a conquistar a Taça Fifa em definitivo, colocava em cheque o desejado imaginário do Brasil como a superpotência do futebol mundial.

Muita coisa mudou, então na preparação para a Copa do Mundo de 1970. Os interesses políticos internos e externos que conduziram a preparação da equipe para os Jogos de 66, foram criteriosamente abandonados para a campanha do México. As convocações e os treinamentos obedeciam, agora, critérios técnicos extremamente rigorosos. A condução do processo passou a ser acompanhada de perto por dirigentes políticos. A criação da Comissão Seleccionadora Nacional (cosena) era o símbolo máximo da política de extremo controle estatal via processos de burocratização, característica marcante da administração pública de caráter militar empregada no futebol:

Nesse órgão colegiado, dirigentes de federações, em sua maioria *doublés* de lideranças políticas ou representantes das forças militares, passaram a exercer uma pressão constante e desagregadora sobre o selecionado (...)Dentro do cauteloso espírito que parecia orientar as ações da Cosena naquele primeiro momento de preparação, a seleção principal não foi convocada para a viagem ao Chile. Preferiu-se recorrer ao modelo dos selecionados regionais. Um combinado de jogadores cariocas venceria os anfitriões em partida realizada no dia 19 de setembro de 1967, marcando a estreia de Mario Jorge Lobo Zagallo na posição de técnico da seleção brasileira de futebol ⁵

O fraco desempenho da seleção nas competições e amistosos realizados no país, perdeu dois jogos seguidos para o México, uma seleção considerada fraca e jogando no Brasil, fez com que João Havelange, então presidente da CBD, manobrou politicamente para a dissolução da Cosena. Como o interesse maior era pela conquista do Tri-campeonato, o dirigente obteve êxito, apesar do descontentamento de alguns chefes militares.

⁵ SARMENTO, 2006: 124.

A Escolha de Havelange porém, não foi das mais felizes. Contando com a antipatia de classes militares, ele optou ainda pela escolha do polêmico João Saldanha para técnico da seleção. Jornalista de grande prestígio e contando com um imenso apoio popular, o novo comandante do selecionado brasileiro era, no entanto, simpatizante do movimento esquerdista, contrário á ditadura militar instalada no país. O resultado foi que, apesar das expressivas vitórias alcançadas, principalmente a que selou o passaporte brasileiro à Copa do Mundo de 70, com recorde mundial de público numa partida de futebol⁶, Saldanha sucumbiu diante de suas convicções políticas e de algumas atitudes arbitrárias, sobretudo, punições aos atos de indisciplinas de seu principal comandado, o Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

A partir desse momento, os militares assumiram diretamente o controle da preparação do selecionado brasileiro que disputaria a Copa do Mundo de 70:

No dia 18 de março de 1970, foi anunciada a dissolução da comissão técnica da seleção. Iniciava-se o projeto de montagem de um esquema militar de preparação e acompanhamento das atividades da equipe que partiria para a disputa de mais um título mundial. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos que tinha vínculos com a chefia do SNI. Em sua assessoria direta foi empossado o major Ipiranga Guarany (..) A preparação física dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados pela Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Cláudio Coutinho, que traçaram um programa calcado em técnicas atualizadas e estruturadas a partir de estudos médicos e fisiológicos. Para se chegar ao nome do técnico ainda seriam gastos alguns dias em deliberações. Finalmente, um nome que agradava tanto a CBD quanto aos interventores militares foi anunciado: o jogador bicampeão mundial Mario Zagallo⁷

A campanha vitoriosa em 1970 criou, no entanto, dois novos paradigmas para o campo político do futebol brasileiro, pois ao mesmo tempo que consolidava o

⁶ Em partida realizada pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, no Estádio Mário Filho, Maracanã, o público de 183 mil pessoas é o maior já registrado em uma partida oficial de futebol no mundo. Fonte: CBF. www.cbfnews.org.br acessado em 21 de outubro de 2009.

⁷ SARMENTO: 127.

projeto nacionalista de construção de uma imaginário de nação forte a partir do desempenho em campo da seleção brasileira de futebol, desconstruía a idéia de que o futebol brasileiro sobrevivia apenas da ginga e do talento de seus jogadores:

A catarse coletiva, contudo, foi largamente manipulada para que se transformasse em um patriotismo servil, com a vitória em campo associada a uma conquista do regime militar. Para além da confluência construída entre o melhor futebol do mundo e o país do ame-o ou deixe-o ficam algumas constatações evidentes. A aplicação de um modelo administrativo meticuloso, com detalhamento das etapas de preparação e um forte investimento no condicionamento físico e emocional novamente transformaram artistas mulatos da bola em implacáveis colecionadores de títulos. A conquista definitiva da Jules Rimet, para além das ondas políticas da época, tornou-se um marco da vida desportiva brasileira e o símbolo definitivo da feliz combinação entre o talento e a organização ⁸

No campo esportivo, a vitória de 70 provocou também algumas mudanças. A consolidação de um projeto nacional para o futebol veio com o primeiro Campeonato Brasileiro de Clubes em 1971. Embora o primeiro torneio tenha procurado conciliar critérios técnicos com a abrangência nacional que o torneio deveria ter, já a partir de 1971, já se percebe o uso político do torneio. Nos anos que se seguem, o campeonato vai engordando com a entrada de clubes no campeonato vindos das mais remotos lugares do país. Não tardou e a imprensa já insinuava claramente a influência da política no meio esportivo, utilizando extensamente o jargão: onde a Arena vai mal, um time da cidade no Nacional.

A Aliança Renovadora Nacional (Arena) era o principal partido político do país durante o regime militar e o binômio Futebol-Política ganhava contornos cada vez mais claros dentro da realidade brasileira. No plano internacional, essa força política do esporte também começava a se sobressair. Utilizando-se de um torneio comemorativo pelos 150 anos da independência do país, João Havelange organizou, com autorização da Fifa, em 1972, um grande torneio internacional no Brasil. Sua

⁸ *Idem*:129.

capacidade diplomática o fez emergir como uma das maiores forças políticas do esporte no mundo, candidato natural ao cargo de presidente da Fifa, o que acabou ocorrendo em 1974.

Vale destacar que alguns fatos contribuíram também para a ascensão de Havelange. Os recursos provenientes das apostas realizadas na recém criada Loteria Esportiva e os maciços subsídios do Governo na organização de grandes competições nacionais e internacionais. Assim, o presidente da CBD pode não apenas almejar vãos maiores como também promover o desenvolvimento do futebol profissional no país. Para isso, no entanto, o dirigente pensava que seria necessário fazer uma distinção entre ele e os demais desportos praticados no país.

Assim, após criar condições para a formação de uma imagem de administrador competente, aliado ao fato de ter sido um grande atleta (participou como nadador dos jogos de Berlim em 1936 e como jogador do Pólo Aquático dos Jogos de Helsinque em 1952), adquiriu credibilidade, visibilidade e respeito suficientes para sustentá-lo mais de 20 anos a frente da maior organização política e esportiva do mundo, com seus 204 países filiados (Fonte: fifa).

No âmbito nacional, Havelange consolidou suas ambições políticas com o fim da CBD e a criação da Confederação Brasileira de Futebol (em 1979), deixando para que os outros esportes criassem também suas própria confederações:

O advento da Loteria Esportiva possibilitou a ativação dos desportos amadores, imprimindo-lhes ritmo de desenvolvimento condizente com a era de progresso que estamos vivendo, com recursos concedidos por intermédio do Conselho Nacional de Desportos. Isso nos leva a admitir a aplicação, em futuro próximo, do disposto no Decreto- Lei nº 3.199, que prevê a criação de entidades especializadas, tão logo haja condições de independência financeira para as mesmas, transformando-se esta entidade na Confederação Brasileira de Futebol⁹

⁹ Relatório de 1973 da Confederação Brasileira de Desportes. Disponível no site www.cbfnews.org.br acesso em 21/11/2009.

A CBF e a Fifa: novos rumos

As pretensões de Havelange e da política brasileira tomaram um rumo aparentemente contraditório nesse ano de 1974. A eleição do dirigente brasileiro para a presidência da Federação Internacional (Fifa) se concretizou em meio ao descontentamento da política brasileira com os rumos da seleção na Copa da Alemanha. Havia na imprensa e entre alguns dirigentes a idéia de que custaria caro ao país, a eleição de Havelange.

O desempenho da Seleção na Copa do Mundo e sua repercussão no país exprimem o sentimento contraditório de dirigentes e jornalistas. Enquanto os primeiros insistiam numa suposta conspiração contra a hegemonia brasileira no futebol e uma conseqüente exaltação das qualidades das seleções européias, os jornais do país procuram separar as coisas, reconhecendo o bom futebol praticado pela seleção holandesa, equipe vice-campeão.

Porém, o que é substancial em ambas as análises é a idéia de que um quarto lugar numa Copa do Mundo é entendido como um fracasso. Tanto na imprensa quanto na classe dirigente, está solidificada o imaginário de que o Brasil joga o melhor futebol do mundo e que só condições extra-campo podem explicar um fracasso do selecionado nacional brasileiro:

A verdade é que atuaram no último Campeonato causas negativas, iguamas de caráter transcendente, que conspiraram contra nossa ambição. Ademais, mesmo se nos tivesse sido possível neutralizá-las, como aconteceu na Suécia (1958), sobretudo, ainda teríamos que confiar nas aptidões técnicas da nossa seleção. (...) A simples leitura de certos jornais europeus bastaria à percepção dos homens públicos: tramou-se guerra contra a supremacia do nosso futebol e o de qualquer outro país da América Latina. Por coincidência, todos os árbitros designados para as competições entre seleções representativas da América Latina e outras de nações do continente europeu pertencem a organismos do futebol desse último. Para o jogo entre o Brasil e a Holanda, que decidiria o destino da nossa seleção, escolheu-se um juiz alemão. Um juiz daquela Alemanha promotora do Campeonato e que mobilizara todos os meios para a conquista do título máximo do futebol mundial. Nosso jogo contra a Holanda, assim como os outros jogos que anteriormente disputamos, foi realizado em atmosfera por excelência anti-tropical, hostil ao ânimo da

maioria dos povos sul-americanos. Nosso futebol dionisiaco sentiu-se desprotegido, sem meios de enlaçar-se nas tramas acrobáticas dos malabarismos que torneiam os adversários. Sem embargo de tudo, nossa seleção classificou-se como uma das quatro maiores do mundo. Ela não merecia, por isto, os agravos lidos e ouvidos aqui mesmo, neste nosso país ¹⁰.

Pesquisando os vários tablóides europeus da época, notamos, no entanto, que mesmo em tablóides especializados, a preocupação maior era com a segurança, principalmente devido aos incidentes ocorridos nas olimpíadas de Munique, também na Alemanha, dois anos antes, que resultou no seqüestro e morte de atletas da delegação de Israel. Ao final do torneio, transcorrido dentro das normalidades e sem incidentes, o que se viu foi um reconhecimento pelo futebol inovador praticado pela seleção da Holanda, onde seus jogadores não possuíam posição fixa, desnortando a marcação adversária com através das inúmeras trocas de posições na partida.

A inovação tática, tanto na imprensa estrangeira quanto na brasileira foi o principal assunto, embora paradoxalmente, aqui no Brasil, ainda acreditava-se que o quarto lugar na Copa estava aquém da capacidade dos jogadores brasileiros. Na maior parte dos tablóides nacionais, o maior lamento era pelas oportunidade perdidas pelos atacantes do Brasil e pelo fato do país ter cruzado nas semi-finais com a seleção que havia apresentado o melhor futebol da competição. Para muitos, o jogo entre Brasil e Holanda, válido pelas semi-finais foi como uma final antecipada.

Pesquisando em sites sobre a história das Copas do Mundo, o que fica na memória social é que a seleção brasileira estava envelhecida e limitada tecnicamente pela ausência de Pelé. Em relação a seleção holandesa, sobram elogios, sempre destacando a inovação tática dos jogadores não apresentarem posição fixa.

Meses após o choro de perdedor, o Brasil viu porém a promessa de Havelange a frente da Fifa se concretizar, enquanto o almirante Heleno de Barros Nunes assumia

¹⁰ Relatório de 1974 da Confederação Brasileira de Desportes. Disponível no site www.cbfnews.org.br acesso em 21/11/2009.

o comando da CBD. Agora, os militares tinham um autêntico representante no comando maior do futebol no Brasil. Logicamente, a política incrementada foi aquela de expandir o futebol e a propaganda política do governo pelos quatro cantos do país. Já em 76, o número de participantes no campeonato brasileiro passaram aos 42, no ano seguinte aos 54, em 78 foram 62 no ano de 1979 para inacreditáveis 74 times disputando o torneio nacional.

Mas o que parecia intransponível foi superado. No ano de 1980, o Brasil organizou o maior campeonato nacional do mundo, com a participação de 94 times de futebol. Todo esse enorme contingente de times disputando o campeonato tinha um aspecto político, derivado da lei 6.251 de 1975 que implantou o voto unitário nas eleições, derrubando o modelo representativo, onde os locais com mais clubes possuem mais peso nas deliberações. Dessa forma, os clubes perdiam em representatividade, prejudicando-os em seus interesses de forma a causar o fechamento de muitos.

A crise do Futebol brasileiro: uma questão identitária

A saída de havelange e a eleição de Heleno Nunes com o conseqüente hiper controle estatal da organização do futebol no país, teve como conseqüência imediata o declínio dos grandes clubes e da própria seleção brasileira. A influência do Brasil sobre as outras confederações sul-americanas era nítida. Tanto que em 75, a CBD propôs e as demais representações do continente concordaram com uma mudança na forma de disputa da Copa América muito próxima a experiência adotada no Brasil. Ao invés de realizar a disputa num único país, como era feito anteriormente, agora o torneio passa a ser itinerante, com várias fases sendo disputadas em vários países. O Objetivo era claramente o de expandir a imagem de preponderância da CBD por todos os países da América e, ao mesmo tempo, prevenir-se contra qualquer forma organizativa no continente que fosse contrária a seus interesses.

No início até que administração de Heleno Nunes trouxe, nos campos, bons resultados para o país que conquistou a Copa América de 76, a Copa Roca, Copa Rio Branco, Taça Osvaldo Cruz, Taça do Atlântico e Torneio do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos. Mas logo, o almirante se apressou em trocar o civil Oswaldo Brandão pelo Capitão do Exército Cláudio Coutinho.

O treinador implementou na seleção normas de conduta como a obediência à hierarquia e a disciplina. Estudioso e adepto do cientificismo, defendia o que chamava de atualização do futebol brasileiro, onde defendia que os modelos táticos das equipes européias não eram conflitantes com as características dos jogadores brasileiros, que era só uma questão de assimilação. Dessa forma, procurou implantar um plano de trabalho tático, com o desenvolvimento de idéias como Overlapping e plano futuro, o que agradava os militares e causava estranhamento entre jornalistas e a população de uma maneira geral.

A campanha da seleção foi promissora. Saiu do torneio sem conhecer a derrota e conquistou um honroso 3º lugar. Mas como acontecera quatro anos mais cedo, a posição foi considerada aquém da capacidade do selecionado brasileiro e novamente um fato envolvendo outras seleções deu origem à explicação mítica da derrota, ou da não vitória.

Os grandes jornais brasileiros em 1978 noticiavam um suposto arranjo entre o selecionado do Peru e o da Argentina para que houvesse uma vitória expressiva da seleção platina que disputava com o Brasil uma vaga na grande final. Imaginário que permanece vivo até hoje e é constantemente reavivado pela imprensa brasileira como demonstra matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 25 de junho de 2008:

O futebol argentino completará nesta quinta-feira, 26, o trigésimo aniversário da conquista de sua primeira Copa do Mundo. Entretanto, as novas denúncias sobre manipulações de resultados promovidas pela ditadura de Jorge Videla são cada vez mais latentes no país (...) Apesar da vergonha e da culpa

fazerem parte da consciência argentina em relação àquela final, vários torcedores enviam aos meios de imprensa cartas contra as acusações de suborno e doping. Afirmam que Videla não interferiu e que César Menotti, técnico daquela seleção, foi responsável por um esquema ousado e ofensivo, liderado pelo artilheiro Mario Kempes.¹¹

Podemos observar que embora a imprensa brasileira reconheça que o povo argentino possa enxergar a conquista de seu selecionado de forma diferente, a *culpa e vergonha* são, contraditoriamente, descritas no texto como um sentimento real do povo argentino. Ou seja, segundo a narrativa, ou por cinismo ou pela impossibilidade de admitir a verdade –até pela repercussão que esta ação pode causar – o povo argentino assumiria um discurso de que não houve dolo na conquista, embora no fundo, no fundo, ele saiba que houve. Há um claro julgamento de juízo na narrativa do *Estadão*. Para o jornal, independente de se admitir, não apenas houve o dano, como o povo argentino se envergonha dele. Visão compartilhada por outro importante meio de comunicação, a agência de notícias da *BBC Brasil*:

Pela segunda vez seguida, a terceira nos últimos quatro torneios, o país-sede levantava a taça. Em meio à ditadura militar do general Videla, a Copa e o título inflaram o nacionalismo argentino. Para o Mundial de 78, o técnico Cláudio Coutinho, capitão militar da reserva e supervisor da delegação brasileira na Copa de 70, renovou o elenco e as táticas da Seleção. Para a desconfiança da torcida, as novas jogadas brasileiras ganharam nomes como ponto-futuro e overlapping. Coutinho recheou a sua convocação com jovens talentos como Cerezo, Edinho, Zico, Reinado, Jorge Mendonça. Os tricampeões e os donos da casa se enfrentaram no pequeno estádio do Rosário Central. A partida, ruim, decepcionou. Os dois times empataram em 0 a 0, e a decisão para ver qual deles iria à final ficou para a última rodada do grupo. Em 21 de julho, antes da partida da Argentina, o Brasil superou a Polônia por 3 a 1, com um futebol criativo. Para os brasileiros perderem a vaga, os argentinos precisariam ganhar do Peru por quatro gols de diferença. Venceram por 6 a 0, sem enfrentar resistência peruana e eliminaram a Seleção. O Brasil acusou o Peru de ter entregue a partida e protestou, sem efeito, junto à Fifa. Na disputa pelo terceiro lugar, venceu a Itália por 2 a 1. Coutinho estatuiu o Brasil, invicto na competição, como o campeão moral. Na final, os argentinos

¹¹ Reportagem disponível pelo sistema online através do endereço http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp195593,0.htm . Acessado em 30/10/2009.

enfrentaram uma Holanda sem o mesmo poder de quatro anos antes. Johan Cruyff se negara a ir à Argentina em protesto contra a ditadura militar do país. Na prorrogação, os donos da casa venceram por 3 a 1.¹²

Como podemos observar. O discurso era o de que a seleção havia sido novamente prejudica por elementos escusos. Independente da veracidade dos fatos, o discurso da derrota de 78 segue o mesmo padrão adotado pela mídia desde a *tragédia de 50*. O imaginário de um país imbatível no futebol foi tão bem solidificado que não se permite pensar o diferente.

Além disso, Cláudio Coutinho iniciava um questionamento importante sobre o imaginário de um jeito brasileiro de se jogar futebol baseado na arte e no improviso. O treinador da seleção brasileira na Copa de 78 propunha um novo modelo para a seleção. Acreditava que as táticas européias poderiam ser perfeitamente absorvidas pelos jogadores brasileiros sem que estes perdessem a sua *natureza criativa*, inaugurando o que pensamos ser um momento de crise de identidade do futebol brasileiro, processo este que no nosso entendimento se prolongaria até a Copa de 1994.

Como veremos adiante, após 1978, a grande questão para o futebol brasileiro, passa a ser: Jogar bonito e perder ou jogar feio e ganhar? Indagações que revelam uma tensão entre o que se pensava ser o futebol tradicional e o moderno e retratava a dificuldade em se construir um discurso conciliador quando as vitórias simplesmente não aparecem.

As copas de 82 e 86: um simbolismo colocado à prova

Os anos 80 começam com a gerência sobre o futebol da nova instituição política do esporte brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol, oficializada em 1979. Com o campeonato batendo recordes de clubes participantes e ampliando os seus domínios

¹² http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/05/060600_copa1978.shtml acessado em 21 de outubro de 2009.

por todo o país, o Brasil começa a viver um outro momento político. A chegada ao poder do General Ernesto Geisel dá início ao processo de redemocratização da política brasileira e os militares vão, aos poucos, devolvendo o poder a lideranças civis.

No CBF, assume o empresário Giulite Coutinho que tinha como missão principal organizar as competições e implantar um plano de marketing. Logo nos primeiros meses de administração, um contrato com o Instituto Brasileiro do Café, outro com uma fornecedora de material esportivo para padronizar o uniformes de todas as seleções brasileiras, principal e de base, e a adoção de políticas de licenciamento de produtos, explorando a marca CBF.

Viu-se logo de cara, que a nova direção desejava para o futebol um perfil diferente das administrações que a antecederam. Pensamos que com o fim da era militar e a desmobilização das estratégias de dominação ideológica e de controle, a CBF pode enfim cuidar propriamente dos interesses do esporte.

Foi mais ou menos nessa época que há uma aproximação entre a entidade máxima do futebol e as emissoras de televisão. Evidentemente que haviam barreiras a serem superadas. Eram exigências das emissoras que os regulamentos dos campeonatos fossem mais claros, as competições mais curtas e que, por consequência, houvesse um número menor de participantes.

Por intermediação da CBF, clubes e emissoras de televisão chegaram a um acordo sobre os valores que cada um receberia por direito de imagem e as equipes que participariam do torneio nacional de 1980. Assim, ficou estabelecido que o campeonato teria três divisões: A primeira com 40 clubes, a taça de ouro; Um segundo torneio com 32 clubes; e a taça de bronze, que contemplaria os outros 32 clubes envolvidos no torneio de 79.

Para a seleção brasileira, os objetivos não mudaram tanto assim. Desde a última conquista em 1970, que o objetivo do comando do futebol no país, fosse quem fosse que estivesse no poder, por iguais ou diferentes razões, sempre foi a retomada

da hegemonia do futebol mundial através da conquista do quarto título da Copa do Mundo.

Vitórias sobre a Inglaterra em Wembley, França no Parc des Princes e Alemanha, também na casa do adversário, fez com que a seleção brasileira recuperasse parte de seu prestígio internacional. A diferença é que agora, pelo menos para a CBF, isso se apresentava mais como uma questão de estratégia mercadológica do que propriamente política.

Embora, como demonstramos, a conjuntura tivesse se alterado, no plano dos discursos midiáticos, o estilo narrativo permanecia. Os mesmos agenciamentos, principalmente motivado pela emergência de uma nova conquista, promoviam um retorno a questões supostamente superadas.

O discurso sobre a Copa de 90 apresentado pela mídia retoma duas questões que estiveram na centralidade das narrativas das derrotas de 82 e 86: É melhor jogar bonito e perder ou jogar feio e ganhar?

Para o sociólogo Ronaldo Helal há uma contradição nessa resposta. Quando a pergunta está direcionada ao seu clube de coração, o torcedor não se importa se o time vai ser campeão com um gol de mão, impedido, aos 49 minutos do segundo tempo. Irregular, feio ou esquisito, não importa. Pode até ser gol contra, feito pelo adversário. O torcedor quer ver o seu time de coração campeão, de qualquer maneira.

Em relação ao futebol praticado pela seleção brasileira é diferente. Ronaldo Helal entende que a seleção brasileira representa algo maior que diz respeito mesmo a uma identidade e por esta razão a exigência é para que a seleção sempre pratique um bom futebol, dentro de padrões estéticos historicamente construídos.

Para Leda Monte, doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ – um discurso midiático historicamente centrado na figura dos vilões do futebol brasileiro, seja ele árbitro, jogador estrangeiro, jogador

brasileiro, político, técnico, alguém que personalize a antítese do *verdadeiro futebol nacional*:

Os vilões (...) vistos como portadores de uma série de defeitos, tanto de ordem quanto esportiva (...) são sempre erguidos em antítese a algum modelo ideal de conduta e postura. Esse aspecto é bastante evidente no caso Dunga. Na Copa de 90, esse jogador foi um dos responsabilizados pela eliminação da seleção brasileira. Para muitos, dunga encarnava a decadência do futebol brasileiro, europeizado e que substituía o futebol-arte pelo futebol-força. Quando da derrota para a Argentina e a conseqüente saída da Copa, não havia dúvidas: Dunga era um dos responsáveis pelo vexame¹³

Temos a percepção de que não se desarticula um imaginário da noite para o dia. A imagem do Brasil como o país do futebol era ainda muito gritante na memória social da população brasileira, imagem que os jornais ajudavam a perpetuar.

Não é de se espantar, portanto, que mesmo um trabalho sério e isento de pesquisa que serviu de base, em muitas das vezes, para as idéias aqui formuladas acerca do futebol brasileiro pudesse deixar transparecer uma certa dose de inconformismo com o fato daquela seleção brasileira de 1982 não ter ganhado o tetra campeonato. Pelas palavras de Sarmiento, podemos notar que o próprio autor se rende à memória social coletiva e sente aquela derrota como uma derrota do povo brasileiro:

O exaltado time brasileiro despediu-se da competição antecipadamente, deixando o caminho livre para o terceiro título mundial da Itália. O encantamento do selecionado de Telê, que havia galvanizado as atenções dos amantes de futebol em todo o mundo, retornava ao país com um amargo legado¹⁴

Pouco afeito aos adjetivos e às palavras que possam denotar um sentimento próprio do autor, o trabalho científico dá pouca margem para algo além da

¹³ DA COSTA, L. M. A *Trajectoria da Queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. 2008: 14-15.

¹⁴ SARMENTO, 2002: 149.

informação. As representações devem ser pontuadas como representações e não devem passar ao leitor a sensação de que se trata de uma opinião do autor.

Evidentemente quando se está realizando uma análise qualitativa, para que não se confunda o que é a intenção do interlocutor e a do autor. Nesse caso, considero preciso afirmar que é um sentimento compartilhado por todos os brasileiros, catedrático ou não, mas pretendo deixar para a interpretação do leitor, fazendo apenas constar que esse era o sentimento compartilhado por dirigentes, torcedores, imprensa e pela população de uma forma geral. As Copas de 82 e 86 marcam um importante momento do futebol brasileiro e a seleção de 90 é reconhecidamente a sua antítese.

Quando pesquisamos a narrativa sobre o futebol brasileiro da década de 80 – noticiário dos clubes – encontramos um discurso de otimismo. A década se iniciou com o título de campeão mundial interclubes pelo Flamengo (81). O Brasil tinha novamente um clube campeão mundial e assim como o Santos de Pelé (bi-campeão em 62 e 63), o Flamengo era o Flamengo de Zico. O clube mais popular do país fez também outros ídolos como Júnior, Leandro e Marinho, Andrade e Nunes.

Paralelamente o Inter, campeão brasileiro de 79, havia revelado Falcão, enquanto no estado de São Paulo surgia a chamada democracia corinthiana, um movimento liderado pelos jogadores Sócrates e Casagrande que passaram a agir em conjunto com a diretoria para acabar com um jejum de títulos do segundo clube mais popular do Brasil que já perdurava por quase 20 anos.

Para a crônica esportiva brasileira o Brasil retornava a suas origens, produzindo craques em abundância. Jogadores brasileiros passaram a integrar o plantel das melhores equipes do mundo e transferências milionárias de jogadores brasileiros para o exterior tornaram-se uma rotina.

Em relação à seleção brasileira de futebol, a imprensa brasileira já não se contentava em exclamar a sua admiração. A Folha de São Paulo foi mais além e publicou uma suposta declaração de Emir Kusturica, vocalista da banda inglesa *Folk Rock*, em ocasião de sua visita ao Brasil: *Uma das maiores experiências estéticas que eu já vivi foi com a seleção brasileira de 1982*¹⁵.

O principal que emerge dessa mitificação da seleção brasileira de futebol de 1982 é que ela desvincula da imagem da seleção uma identidade político-social. Para nós, este processo de identificação torna-se essencialmente cultural. Assim, há a substituição da pátria de Chuteiras pelo futebol-arte. As narrativas sobre a seleção brasileira abandonam um caráter supostamente nacionalista e se aproxima de um outro universo, o da arte e da cultura, como demonstra a música *Povo Feliz*¹⁶, composta pelo jogador da seleção brasileira de futebol que foi à Copa de 82, Júnior.

Num trecho da música -*Voa, canarinho voa/Mostra pra esse povo que és um rei/Voa, canarinho voa/mostra lá na Espanha o que eu já sei* - fica explícito o imaginário da seleção como a melhor do mundo, os reis do futebol. Mas, implicitamente, demonstra também uma preocupação com a ausência de títulos, pois o cantor deixa transparecer uma vontade que parece ser de todo um país que diz respeito a necessidade de mostrar para o resto do mundo um valor que o brasileiro sabe que tem.

Já em 1990, não encontramos nenhuma música dedicada exclusivamente à seleção. Pode ser coincidência ou mesmo uma casualidade, porém como afirma Marcius Azevedo e Paulo Luis Santos¹⁷, em reportagem publicada pelo UOL esportes

¹⁵ Matéria publicada pela folha de São Paulo, *Caderno Mais*, em 26/05/2002. Disponível em <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/82selecaoarecalcada.html> . acessado em 31/10/2009.

¹⁶ Composta pelo lateral esquerdo daquela seleção, o ex-jogador do Clube de Regatas do Flamengo, Júnior, a música fez sucesso no Brasil em 1982 e embalou a campanha da seleção brasileira na Copa da Espanha. A letra da música está disponível em

¹⁷ Matéria publica em encarte especial Copas do Mundo do site UOL. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/reportagens/2006/05/22/ult3668u11.jhtm> e acessado em 31/10/2009.

em 22/05/2206, confirmam uma vocação do brasileiro para aproximar música e futebol. Porém, em extensa reportagem fazem uma reconstrução de todos os hits brasileiros feitos exclusivamente para entoar a campanha brasileira em Copas do Mundo e apenas em 1990, não foi encontrada nenhuma.

Para nós, fica explícito a falta de empatia entre a imprensa brasileira e a seleção brasileira de futebol que disputou a Copa do Mundo de 1990. Não é possível afirmar esse mesmo sentimento também ocorria também em relação ao povo brasileiro, embora em algumas matérias da época, os principais meios de comunicação deixavam transparecer ou fazer, dessa forma, entender.

A linguagem e o ritmo são dois elementos da cultura brasileira que sempre serviram de viés para fortalecer a relação do futebol com o povo brasileiro. No imaginário brasileiro, sempre houve uma conexão natural do gingado e molejo do jogador brasileiro com uma musicalidade de seu povo. Tanto é verdade que muitos jogadores, jogadores, artistas, celebridades e outras pessoas ligadas ao rádio ou a televisão costumam dizer, quase como um *clichê*, que o jogador brasileiro joga por música. Esse imaginário talvez tenha sido outro importante traço que distanciava a seleção brasileira de 90 de seus torcedores. A idéia propagada de uma forma geral pelos meios de comunicação da época é que *aquele time* era muito preso aos padrões táticos, sem jogo de cintura.

Momentos difíceis também para a CBF

Após as derrotas de 82 e 86, a situação no comando da seleção brasileira de futebol ficou insustentável. Mesmo contando com um certo apoio popular, o técnico Telê Santana teve duas oportunidades para vencer o mundial e não havia conseguido. As coisas estavam cada vez mais difíceis para a CBF. Suas práticas gerenciais eram desastrosas, seus campeonatos deficitários e as relações com os clubes cada vez mais enfraquecidas. A tentativa de organizar o sistema de classificação para a competição principal, o torneio nacional, mostrou-se desastrosa.

Clubes de tradição, como Santos e Vasco não conseguiram classificação para os torneios de 83 e 84, respectivamente, e acabaram convidados pela organização. O fato provocou um desgaste de imagem da instituição junto aos clubes legalmente classificados.

No comando da seleção, a manutenção de Telê Santana desagradava aos dirigentes. Carlos Alberto Parreira, que esteve na comissão técnica em 70, foi convidado a assumir. Expoente de uma nova linhagem de treinadores, vindo da academia e disposto a introduzir métodos científicos na preparação do selecionado brasileiro, tal como na seleção tricampeã, o treinador, no entanto, não obteve êxito. Após a perda da Copa América de 84, caiu e deu lugar a Edu Coimbra. Irmão do ídolo nacional Zico, foi outro que pagou o preço da inexperiência e acabou sucumbindo também.

ACBF dava indícios de que estava entrando num buraco sem volta. Desgastada internamente e com dificuldades para acertar um comando para a seleção, acumulava críticas que davam conta da necessidade de uma reformulação urgente na gestão do futebol no país.

Nem mesmo o Bi-campeonato mundial sub-20 na União Soviética em 1985, foi o suficiente para acalmar os ânimos e após experimentar mais um treinador, Evaristo de Moraes, Giulite Coutinho investiu no retorno de Telê Santana ao comando da seleção brasileira que disputaria o mundial de 1986 e que acabou também perdendo.

Assim, com situação insustentável, o próprio Coutinho apoiou a sua substituição pelo experiente Otávio Pinto Guimarães no comando da CBF. Logo de início, o novo dirigente procurou estabelecer um equilíbrio de forças no cenário esportivo nacional, chamando os principais clubes e federações para o diálogo:

Poucos meses depois, a CBF viu-se novamente diante de pressões para a acomodação de interesses. Por conta de um caso de doping, o Joinville recorreu à Justiça Desportiva para obter os pontos da partida que disputara com o Sergipe. Uma decisão favorável ao clube catarinense desclassificaria o Vasco

da Gama da fase final do Nacional. Como a CBF custou a dar uma solução ao caso, o CND estabeleceu uma diretriz pela qual tanto o Joinville quanto o Vasco teriam direito a prosseguir na competição. Não bastando esse desrespeito ao regulamento, mais três equipes, que não se haviam classificado, foram levadas à condição de finalistas do torneio.

18

No ano seguinte, porém a crise explodiu. Mais um insucesso da seleção brasileira na Copa do México, em 86 - quando a seleção saiu invicta do torneio após perder a partida de quartas de finais nos pênaltis para a França - endividamento dos clubes, e inoperância da instituição em gerenciar uma competição rentável, propiciaram um momento de caos. Com credibilidade abalada, a CBF viu 13 dos mais expressivos clubes de futebol do país romperem com ela, afundando de vez o futebol brasileiro na maior embate político ocorrido em pouco menos de 100 anos de história.

Na verdade, o rompimento foi mais um instrumento de pressão do que qualquer outra coisa. Era evidente que a CBF -enquanto entidade representativa e signatária da FIFA - possuía todos os instrumentos legais para esmagar qualquer tentativa revolucionária que pretendesse, efetivamente, a tomada incondicional do poder. O clube dos 13 também não pretendia a tomada do poder. Almejava apenas um melhor posicionamento no interior do campo político do futebol brasileiro. Suas aspirações diziam respeito, sobretudo, a uma fatia maior no bolo das verbas publicitárias, nas cotas de televisionamento e nos rumos da competição. Um grande acordo foi costurado e coube aos clubes organizar o campeonato brasileiro de 1987.

Na verdade, a grande crise institucional da CBF estava atrelada mais aos problemas econômicos do país do que propriamente aos políticos, envolvendo os clubes. É lógico que era preciso se manter no comando das operações, pelo menos formalmente. Mas a grande preocupação era mesmo com os rumos da imagem da

¹⁸.SARMENTO, 2002:152

entidade no exterior, enfraquecida pela ausência de conquistas e pela dificuldade econômica do país, o que provocava o êxodo de jogadores para o exterior e uma preparação cada vez mais inadequada para os selecionados brasileiros. Uma vez mais, Sarmiento sintetiza com muita propriedade o delicado momento da economia brasileira que se refletia nos esportes e, sobretudo, no futebol:

As médias de público dos campeonatos estaduais e nacional decaíam e, conseqüentemente, as receitas se mostravam cada vez mais incipientes. A incapacidade de fazer frente ao assédio de clubes estrangeiros, muito mais organizados e rentáveis, fez com que os principais destaques do futebol brasileiro deixassem o país. Para completar o preocupante quadro alguns times passaram a conviver com o fantasma da liquidação judicial por conta da cobrança de antigas e pesadas dívidas com a Receita Federal e com a Previdência Social¹⁹.

Apregoadado como o standart da próspera sociedade brasileira, símbolo da força que a união de um povo miscigenado e tolerante proporcionavam ao desenvolvimento da raça puramente brasileira, entendido como elemento formador de uma identidade nacional e representativo de uma nação coesa e patriótica, o futebol estava entregue a sua própria sorte.

Os múltiplos capitais simbólicos que foram fontes das principais disputas internas pelo comando no interior do *campo* político do futebol brasileiro foram, paulatinamente, perdendo o seu valor. Ironicamente, resistia a paixão, fonte de toda a apropriação e de todos os processos de construção de imaginários sobre o futebol utilizados pelos mais diversos agentes participantes do *campo*.

Longe de ser uma situação imaginada, a paixão do torcedor brasileiro pelo futebol era o único elemento que não estava em crise. Como foi demonstrado em nossa pesquisa, até esse momento, todos os agenciamentos possíveis estabelecidos ao longo da história do futebol brasileiro, excetuando o seu primeiro momento ainda restrito aos círculos aristocráticos, foram baseados na paixão do brasileiro pelo futebol.

¹⁹ SARMENTO, 2002: 147.

Em nosso entendimento, embora os embates políticos nunca deixassem de existir, nesse momento especial, de dificuldades e de reorganização do futebol brasileiro, percebemos na cúpula da CBF, um sentimento de que era necessário encontrar uma razão de ser. As instituições que comandaram o futebol no país foram, durante quase um século, instrumentos políticos que atendiam aos interesses da classe política governamental federal. A CBF e sua antecessora, a CBD, foram, na maior parte do tempo, extensões da administração pública federal e submetidas às suas políticas sociais.

Com o fim da era militar, o processo de redemocratização do país, o advento da nova carta constitucional de 1988 e as eleições diretas para presidente de 1989, a entidade se viu obrigada a pensar nos destinos do futebol brasileiro pelo futebol brasileiro. Ou seja, pela primeira vez na história, a instituição máxima desse esporte no país tinha como principal função cuidar das coisas que diziam respeito à saúde do futebol no Brasil.

Pensamos que se a liberdade é desafiadora, é também emancipadora. A CBF diante da autonomia que lhe foi conferida pelos novos tempos demonstrava uma incrível inabilidade em lidar com ela. Nesse movimento, ela acabou descobrindo que a complexidade do campo onde se encontrava inserira e no topo da pirâmide, o que lhe proporcionava um reconhecido desconforto, como delata Sarmiento:

O calendário é um problema no futebol de difícil solução. Isto porque o futebol brasileiro é totalmente atípico em todo o mundo, já que é o único que comporta, além do campeonato nacional, os campeonatos estaduais. Em todo o resto do mundo há só um campeonato por ano em cada país. (...) O ano para o futebol brasileiro demandaria 18 ou 20 meses e, efetivamente, ele só tem 12 meses. E não podemos pensar em cancelar os campeonatos estaduais, pois as federações e os clubes desejam realizá-los. e não pode a Confederação deixar de atender as suas filiadas²⁰.

²⁰. Sarmiento, 2002: 153. Apud Relatório de 1988 da Confederação Brasileira de Desportes.

Como reconhece a própria entidade, a função majoritária da entidade a partir daquele momento histórico passa a ser o de atender às demandas das confederações filiadas e aos clubes associados. Preocupação jamais encontrada ou externada em relatórios anteriores.

O fim de uma era

Se o final dos anos 80 estavam meio nebulosos, o primeiro ano da década de 90 representava a ruína de toda a concepção de administração esportiva que se pretendeu implementar ao final do período de dominação política do esporte pelas esferas governamentais. Paralelamente a inabilidade demonstrada pela direção da CBF, a queda do Muro de Berlim e a ascensão do projeto neo-liberal jogaria por baixo todo um modelo de gestão esportiva que já se apresentava como ultrapassado.

A Copa de 1990 foi a última em que se viu as forças tradicionais do esporte no comando das operações. A escolha dos EUA para a sede do Mundial de 1994, já era uma demonstração clara de que a entidade máxima do esporte entendia que novos ventos sopravam sobre o mar da tranquilidade em que o futebol esteve submerso nos últimos 40 anos, sustentando um espetáculo atraente apenas para as forças tradicionais do esporte, como Brasil, Itália, Alemanha, Argentina, Inglaterra e Uruguai, uma meia dúzia de países que até então eram os únicos a possuir uma certa alteridade sobre o esporte.

No entendimento da Fifa, os processos políticos e econômicos que se colocavam em evidência mesmo antes da queda do muro em 89, evidenciavam que um grande mercado estava se abrindo e que o futebol era um produto com um grande potencial para se alastrar e conquistar importantes fatias desse mercado. O mais desse direcionamento da Fifa é que ela estava assentada sobre valores ignorados por quem comandava o futebol no Brasil. Para o presidente da Fifa, o brasileiro João Havelange, o projeto expansionista da Fifa era um compromisso da

entidade com o novo mundo que emergia da superação das diferenças entre os blocos capitalistas e soviéticos. O presidente falou por diversas vezes que o futebol despertava paixões e que levar a Copa do Mundo, maior ícone desse sentimento, para áreas nunca antes desbravadas, era um dever de quem apostava nesse novo mundo de paz e prosperidade.

Afora a retórica política, o fato é que a partir de 1994, o processo expansionista se intensificou e a geografia das Copas do Mundo ganhou um novo mapa. Países sem qualquer tradição passaram a fazer parte do repertório dos álbuns de figurinhas que são lançados sazonalmente em anos de competição. Alguns desses países, sem tradição ou com existência política recentes, como Coreia do Sul e Croácia ultrapassaram os limites das equipes não tradicionais e começaram a obter honrosas participações, chegando as semi-finais da competição em 94 e 2002 respectivamente.

No plano interno, a CBF tratou de procurar uma solução caseira que estivesse em sintonia com a nova realidade mundial. Em 1989, Ricardo Teixeira, empresário e, até então, genro do presidente da Fifa, João Havelange, tomou posse na presidência da CBF prometendo modernizar a administração esportiva do país, nos moldes das práticas em curso na Europa, como salienta Sarmento:

Apesar de seu grupo político de apoio ter alguns elementos de contato com o de Otávio Pinto Guimarães, Teixeira representava uma proposta de renovação da estrutura e dos métodos em vigor na Confederação, principalmente por ser um dirigente que não apresentava vínculos com as antigas práticas políticas que regiam a entidade.²¹

Ao propor uma nova orientação também no comando da seleção, Ricardo Teixeira esbarra no primeiro grande obstáculo a sua administração: Como conciliar um modelo moderno de preparação com o imaginário construído pelo futebol arte das copas de 58, 62, 70, 82 e 86?

²¹ SARMENTO, 2002:157.

Vale aqui uma ressalva. Apesar de, num primeiro momento, os discursos sobre as seleções de 58 e 62, principalmente, não fazerem qualquer alusão ao futebol arte, acreditamos que esse pensamento já pré-existisse mas expressado, porém, de outra forma. Trabalhamos com a idéia de que a memória social se constrói com esquecimentos e lembranças e que cada lembrança pode vir com o seu significado primário ou ressignificado em acordo com o repertório cognitivo comum a sua época. Assim, o *futebol-arte* pode se aproximar do *pátria de chuteiras* na medida em que ambos representam uma identidade brasileira forjada a partir de elementos comuns ou similares.

Temos a convicção de que cada sociedade faz leituras sobre o seu passado em acordo não com os valores comuns ao nascimento dessas tradições, mas a partir das releituras, ou atualizações, que são feitas de geração em geração, de modo a facilitar a compreensão dos fenômenos, tornando-os perceptíveis. Tivemos em nosso trabalho o cuidado em tentar estabelecer conexões entre entendimentos passados e presentes, pois entendemos, como Lovisolo que:

(...) a memória histórica nos apresenta ...idealmente como âncora e plataforma. Enquanto âncora, possibilita que, diante do turbilhão de mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar. Enquanto plataforma, permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição²²

Assim, buscamos compreender que as narrativas sobre as seleções de 58 e 60 feitas em suas respectivas épocas, eram a expressão do verdadeiro futebol brasileiro construído a partir a união harmônica dos elementos étnicos que vieram a compor o povo brasileiro. Nesse imaginário original, a força do branco europeu aliada à ginga do negro e a malandragem do mestiço deram origem a um modo específico de se jogar futebol que fazia do futebol brasileiro, o melhor do mundo.

²² LOVISOLO, H. Memória e formação dos homens. 1989:17.

Atualizadas, as interpretações sobre as seleções de 58 e 62 produzidas nos anos 80, já não dão tanto destaque a ginga e a malandragem, apesar dessas referenciadas ainda aparecerem de forma mais sutil, menos significativa. Acreditamos que a compreensão dessas habilidades passa, nesse outro momento, mais pela questão da cultura, da veia artística do brasileiro.

É evidente que essa suposta veia artística passa, necessariamente, pela construção daquilo que se imagina ser o brasileiro de uma forma generalizada, uma identidade cultural. E que essa natureza está relacionado com as questões étnicas. Mas, o que defendemos é que, já nos anos 80 e principalmente no momento atual, essas questões não estão na agenda dos assuntos políticos e sociais e por esta razão, perdem força em suas representações. Ou são esquecidos ou aparecem de forma quase imperceptível.

Em outros momentos da história do futebol brasileiro, isso também ocorre. Em relação, por exemplo, às narrativas sobre a seleção brasileira que conquistou o tricampeonato mundial em 1970, Ronaldo Helal defende que alguns elementos foram esquecidos em favorecimentos de outros que foram redimensionados. Para esse autor, as abordagens que se fazem sobre essa seleção obedecem à padrões culturais pré-estabelecidos, sedimentados nas histórias, nos personagens e nas tradições que são criadas a partir desses elementos.

Em um artigo escrito para a *Revista Fronteiras*, Ronaldo Helal, Marco Antonio Santoro e Antonio Jorge Soares, lembram que as narrativas sobre a seleção brasileira ao longo da Copa de 1970 destacavam o treinamento físico, as estratégias de adaptação à altitude, o empenho, a disciplina, elementos que no entanto, apesar de fundamentais na obtenção da vitória, foram paulatinamente desaparecendo em função do título, das vitórias. Alguns desses elementos, hoje, passam despercebidos:

As narrativas jornalísticas, no decorrer da Copa de 1970, enfatizavam o processo de treinamento físico, as estratégias de adaptação à altitude (baseada em conhecimentos científicos da época) e o empenho e disciplina daquele selecionado. Esses elementos, que foram considerados, na época, fundamentais na obtenção da vitória em 1970, acabam secundarizados nas atuais narrativas sobre a seleção de 1970.²³

Caracterizamos como crise esse momento de incertezas. O país estava passando por um processo de redemocratização e abertura política. A passagem do poder das mãos dos militares para os civis trazia em si uma dimensão social gigantesca.

O futebol, um dos ícones da cultura brasileira, com penetração pelas mais diversas camadas culturais e econômicas da sociedade, emergia mais uma vez como uma via de acesso a construção das subjetividades individuais e coletivas. A reconstrução do país e todos os processos análogos seriam facilitados por uma perspectiva positiva que brotasse do universo simbólico do futebol. Imaginava-se que se o futebol voltasse a ser vitorioso, construiria uma atmosfera otimista, com o povo voltando a acreditar em si mesmo e no país.

Essa perspectiva passava também pela necessidade de auto-afirmação no plano político-econômico e em relação à política externa. O país precisava não apenas recuperar a sua credibilidade no plano interno, como também no exterior, muito abalado em função da instabilidade monetária, dos freqüentes pedidos de socorro ao FMI e pelos sucessivos e mirabolantes planos econômicos colocados em práticas só na década de 80. É sempre bom lembrar que, em pouco menos de 10 anos, a moeda brasileira mudou 4 vezes: Cruzeiro, Cruzeiro novo, Cruzado e Cruzado novo.

Embora o futebol não mais sofresse uma intervenção direta do governo federal, os agenciamentos ainda mostravam-se bastante eficazes, sobretudo se vistos a partir do entendimento de Louis Althusser sobre ideologia ²⁴. Para esse

²³ *Idem.* HELAL, SANTORO E SOARES, 2004:64.

²⁴ ALTHUSSER, L. P. Aparelhos Ideológicos de Estado. 1998.

autor, as questões de dominação e resistência não possuem nenhuma relação com as qualidades naturais dos indivíduos. São condições oferecidas pelas organizações sociais. Os acontecimentos possuem causalidades múltiplas e são definidos por elas. Para o autor, o econômico não era o único fator de determinação e dominância nas relações sociais. Althusser propõe, dessa forma, uma releitura do conceito de ideologia.

O autor argelino, filho de franceses que foram morar na colônia, foi repatriado em 1962, depois da independência Argelina. Para ele, a ideologia é uma relação imaginária transformada em práticas, reproduzindo as relações de produção vigentes. Na realização ideológica, a interpelação, o reconhecimento, a sujeição e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), são quatro categorias básicas. Althusser defende que é fundamental em estratégias de dominação a forma como você chega ao seu interlocutor, sobre quais signos estão baseados a sua mensagem, de forma a produzir um reconhecimento favorável daquilo que se deseja passar, como o sujeito se permite a um processo de submissão consentida e quais são os mecanismos que facilitam ou dificultam esse processo.

Portanto, o futebol permanecia dentro de estratégias, talvez não de dominação, mas de construção de uma atmosfera favorável às mudanças e ao curso das novas políticas que se pretendiam implementar no Brasil. No plano ideológico, tal como definiu Althusser, o futebol possuía uma linguagem com signos bem definidos, era um canal aberto entre a sociedade e a classe dirigente que favoreciam as interpelações e seu universo simbólico permitia, utilizando-se uma linguagem própria, o reconhecimento fácil das mensagens enviadas construiria o caminho mais propício para se atingir a sujeição.

Porém, o que se viu no início dos anos 90 foi catastrófico. Escolhas erradas tanto no campo da política quanto no esporte, causaram profundas decepções para a sociedade brasileira. A palavra da hora era inovação. Buscava-se a superação de tudo o que lembrava as forças tradicionais da política brasileira. A busca pelo algo novo fez emergir a figura de Fernando Collor de Mello, um nome que passou despercebido pelos tempo da ditadura e que por esta razão, construía um imaginário de que o país estava buscando para si um novo caminho, uma transformação efetiva em todos os níveis.

Apoiado pelas mesmas aristocracias que se valeram do período militar para ascenderem socialmente, Collor era a personificação de um imaginário de país novo. Jovem político, logo forjou uma imagem de esportista, aventureiro que era, ao mesmo tempo, responsável, trabalhador e um homem de família. O candidato unia tradição e modernidade. Acreditamos, uma imagem capaz de conquistar o eleitorado em sua grande maioria de jovens que jamais haviam experimentado a sensação e a responsabilidade de eleger um presidente da república.

O resultado submergiu o país numa atmosfera de dúvidas e incertezas. De positivo, a mobilização dos jovens que se sentiram no direito de tirar aquele em quem tanto confiaram. A mídia, por sua vez, enaltecia a mobilização nacional. A mensagem era a de que, errando ou acertando, o povo tinha novamente em suas mãos o seu próprio destino. Vários jornais e programas televisivos destacavam que a falta de experiência, hábito e costumes eram as causas da péssima escolha realizada. Mas que o caminho era aquele.

Afora o discurso otimista que a mídia mantinha, o fato é que o primeiro impeachment de um presidente democraticamente eleito na história política do país repercutiu negativamente por toda a imprensa estrangeira. Instabilidade política, econômica e social. Este era o cenário da sociedade brasileira no início da década de 90 do século XX, com invasão de terras, rombo nas contas públicas, denúncias de

arranjos políticos e esquemas de corrupção de fraudes ganhavam as páginas dos principais jornais em circulação no mundo. A situação do país estampava as capas dos principais jornais do mundo como o New York Times, o Le Monde, Clarín, El mundo, La Repubblica, The Sun e do The Times de Londres e a situação do país chegava ao seu ponto mais crítico desde o golpe militar de 64.

No futebol, a situação não era diferente. Embalado pela emergência do novo, reflexo do pensamento político-social em voga no Brasil, Ricardo Teixeira optou por inovar também no comando da seleção. O começo até que foi promissor. A seleção brasileira de futebol conquistou, em território brasileiro, a Copa América de 1989. Mas, apesar do título, Sebastião Lazaroni era um nome que não agradava nem à torcida nem à imprensa brasileira.

Um imaginário de modernidade: o lazaronês e a Era Dunga

A campanha contrária à adoção de práticas no futebol que contrariava a escola brasileira ganhava cada vez mais força na grande mídia. O imaginário do futebol-arte estava de volta, com força total e em oposição a um futebol-força que teoricamente era exercido pelas equipes européias. A comoção nacional diante da crise política e social que assolava o país, tornaram rígida a questão identitária. Como defende o etnólogo francês Marc Augé²⁵, quanto mais um grupo se vê ameaçado, mais rígidos tornam-se os mecanismos pelos quais esse grupo reforça a sua identidade.

Logo na entrevista coletiva após assumir o comando da seleção, Sebastião Lazaroni assumiu que a sua indicação coincidia com a proposta de dar uma nova cara, uma nova face ao futebol brasileiro. Para ele, o Brasil estava 20 anos sem ganhar um título mundial porque o modelo nacional estava ultrapassado. O treinador, em cada depoimento, reforçava que no futebol moderno não havia os espaços dentro de campo para as jogadas de efeito que encantaram o público em outros tempos. Adepto

²⁵ AUGÉ, M.. Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2001.

do pragmatismo, Lazaroni defendia o futebol objetivo, com forte marcação e disciplina tática.

O esquema com três zagueiros e a figura do *Libero*, muito utilizado pelo futebol italiano era defendido pelo treinador como o modelo a ser copiado. Para ele, essa formação tática, proporcionaria ao futebol brasileiro jogar de igual para igual com as outras forças do futebol mundial e aí, sim, o talento do jogador brasileiro poderia fazer a diferença:

Lazaroni sentenciou em coletiva à imprensa que o atual selecionado iria representar uma mudança de paradigma no futebol internacional e decretou o início da Era Dunga, referência ao meio-campista que aliava vigor físico a disciplina tática ²⁶

Contraditoriamente, a derrota da seleção de Lazaroni para a Argentina de Maradona nas quartas de finais do torneio era entendido como o fracasso do modelo que o treinador tentava impor à seleção. Porém, a Alemanha, campeã do torneio utilizava o mesmo esquema tático adotado pela seleção. Brehme, o líbero alemão, foi um dos principais jogadores daquela seleção e um dos maiores ídolos dessa Copa. Lothar Matthaus capitão e outro destaque da seleção alemã campeã jogou a Copa de 98 nessa função.

Não estamos dizendo com isso que o esquema é bom ou ruim, que era o melhor ou pior para a seleção. Apenas, sinalizando que de uma maneira ou de outra, a grande mídia estabeleceu um valor de juízo não em cima de resultados, mas influenciado sobre tudo pela memória social e pelo imaginário do futebol-arte vinculado a identidade do futebol brasileiro vitorioso e representativo de uma brasilidade.

O que se estava em jogo na Copa de 90 era a questão da alteridade e da autoridade conquistada pela seleção brasileira diante das demais equipes do mundo ao longo da história. Ganhar jogando a européia era entendido como uma traição e

²⁶ SARMENTO, 2002:159.

não é nenhuma heresia afirmar que muitos brasileiros, torcedores e jornalistas, desejaram a derrota daquela seleção de Lazaroni. Pelas narrativas das derrotas encontradas nos principais meios de comunicação do país, entendiam a derrota do Brasil em 90 como a derrota do modelo europeu de jogar futebol e como a derrota do próprio futebol.

Havia um novo embate no interior do campo político do futebol brasileiro. De um lado, torcedores, alguns dirigentes, jogadores, técnicos e a imprensa defendendo o capital simbólico do **verdadeiro futebol**, aquele praticado com arte. Um outro grupo, emergente que entendia a arte por outros padrões estéticos, sintetizados nas palavras da figura folclórica de Dadá Maravilha, atacante, reserva de Tostão na seleção de 70: *Não existe gol feio. Feio é não fazer gol.*

Os sites que falam hoje sobre as histórias das Copas apresentam-se como fonte interessante de consulta, pois são justamente filtros na construção da memória. O a seguir, do *Jornal do Brasil*, recorre à velha retórica do futebol-arte, comparando a seleção de 90 com as de 82 e 86:

Foi a Copa das muitas promessas e das poucas realizações. O Brasil, como sempre um dos grandes favoritos, caiu fora da competição nas oitavas-de-final (em uma das piores participações da sua história). A badalada Holanda apresentou um futebol apático (...) E, por fim, a Itália, que não conseguiu suportar a pressão de ser anfitriã e favorita, acabou caindo nas semifinais²⁷

Conforme marcamos no início desse terceiro capítulo, o período de 24 anos sem títulos para o futebol brasileiro tem muitos aspectos em consonância com as próprias transformações que se operam na sociedade brasileira. A década de 90 que se iniciava, experimentou um momento ímpar de transformações internas e externas no futebol, processos que serão sedimentados nos anos que se seguem até a Copa de 1994 e se estenderam, para efeito de análise desse trabalho, até o mundial de 2008, objetos do nosso último capítulo.

²⁷ Trecho retirado do site www.estadaonline.com.br/futebol/historia/copa90.html acessado em 31/10/2009.

Globalização, o paradigma de uma nova época

Conforme marcamos ao final do capítulo anterior, o final dos anos 90 do século XX foi um período conturbado, de incertezas e mudanças. No plano político interno e externo, o mundo assistia uma avalanche de transformações de ordem econômica, política e social que muitos autores, como Stuart Hall, apressaram-se em chamar de globalização:

Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mas interconectado.¹

Para Bourdieu, porém, muito mais que transformações de ordem políticas, econômicas e sociais, opera-se no mundo a partir do final do século XX, um processo de *domesticação dos dominados*². O autor entende que a apreensão das coisas, o pensamento, as ações, todas as formas de conduta – *habitus* – são estruturados dentro da formação social de cada indivíduo que o orienta nos diversos campos sociais. Esse processo inicia-se no nascimento e segue durante toda a vida do indivíduo em acordo com as condições gerais que ocupa na sociedade e na família.

Bourdieu entende que há, porém, um poder externo a essa formação individual que acaba se sobrepondo a elas. Trata-se de um sistema simbólico que atuam como instrumentos estruturados e estruturantes que asseguram a dominação de um grupo sobre os demais que com ele se relacionam. Ainda segundo Bourdieu, esses *sistemas* são produzidos no interior de grupos por um grupo de especialistas que conduz as

¹ STUART, H. *A Identidade Cultural na pós-modernidade.*, 2001:67.

² BOURDIEU, P. *O poder simbólico.* 2002:11.

ações de forma a retirar dos demais grupos, instrumentos de produção simbólica de forma a garantir o domínio sobre estes.

Bourdieu esclarece que os símbolos são instrumentos pelos quais os grupos marcam as suas singularidades e diferenças, fazendo-se representar para si e para os outros. São, portanto, representativos de um modo de vida, de uma identidade. São importante para um auto-reconhecimento dentro de um espaço diverso e heterogêneo.

O capital simbólico diz respeito ao valor que é atribuído pelo grupo a um determinado símbolo. As formas de dominação se expressam pelo domínio de sua produção, uma vez que ao se determinar o que tem valor e o que não tem valor para um grupo, pode-se condicionar as ações dos indivíduos no interior de um determinado grupo na tentativa de ascensão pela maior posse desse capital.

Nesse sentido, Bourdieu acredita que a Globalização ou, como prefere o autor, a mundialização das trocas simbólicas facilitam a dominação, pois agem no sentido de desarticular as formas tradicionais de produção subjetiva impondo aos grupos sociais uma enorme quantidade de bens simbólicos desconexos, fluidos e transitórios que mais desorganizam do que organizam o pensamento das pessoas. Para Bourdieu, a redução gradativa dos processos de sociabilidade do tipo face a face e sua paulatina substituição pelos espaços virtuais ajudam a promover um processo crescente de exclusão do indivíduo da produção dos bens simbólicos, cada vez mais concentrados na mãos dos grupos que detém os meios de produção, como a mídia.

É nesse cenário que passamos a analisar nesse capítulo final as transformações ocorridas no futebol brasileiro a partir da última década do século passado. Processo que, em nosso entendimento, pode explicar muitas das transformações que se operam atualmente no campo político do futebol brasileiro.

A década de 90: quando tradição e modernidade se alinham.

A partir dos anos 90 do século XX, o futebol brasileiro viveu uma era de ouro. Entre 1994 e 2002, jamais a seleção esteve tão em evidência. Foram conquistados 2 títulos mundiais e um vice-campeonato, num espaço de tempo inferior a 10 anos. Paralelamente, o país experimentou um momento ímpar. Estabilidade monetária, fim da inflação, controle das contas públicas, redução da dívida interna e externa. O Brasil, no mesmo período de tempo em que a seleção brasileira de futebol reconquistou a sua hegemonia nos gramados, passou de devedor a credor das principais instituições financeiras do mundo³.

Por coincidência ou não, o fato é que, ao longo da história, o bom momento da seleção brasileira sempre se confundiu com o bom momento econômico do país. Mesmo durante a ditadura, não se pode ignorar que o tri-campeonato veio no período historicamente conhecido como *milagre brasileiro*⁴. Como veremos adiante, o bom momento da economia do país impulsionou muito das transformações que se operaram no futebol brasileiro nessa última década do século XX e que também será objeto de análise desse último capítulo.

As condições externas

As interconexões do velho esporte bretão com os acontecimentos de ordem política, econômica e mundial experimentados no mundo após a queda do Muro de Berlim⁵ em

³ A partir de 1994 com a criação do Plano Real pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, todos os grandes indicadores da economia brasileira cresceram de forma a construir um cenário positivo de desenvolvimento para o país o que proporcionou ao país entrar no século XXI como uma das mais estáveis economias do mundo. Fonte: http://www.planalto.gov.br/publi_04/COLECAO/SEC21B.HTM

⁴ Para mais detalhes ver: EARP e PRADO. *O Milagre Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e distribuição de renda 1967-1973*. Disponível em http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/milagre_brasileiro.pdf Acessado em 21/10/2009.

⁵ Sobre a Queda do Muro de Berlim há várias referências. Sugerimos uma abordagem feita sobre esse acontecimento histórico pelo portal de notícias G1 em 09/11/2009, onde uma série de reportagens em comemoração aos 20 anos da queda reconstitui uma série de acontecimentos correlatos que podem fornecer uma visão mais ampla sobre o assunto. Para pesquisar, acesse <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/0,,17398,00.html> acessado em 20/11/2009.

1989 foram significativas. O capitalismo tornou-se o modelo econômico hegemônico na economia mundial, desencadeando um processo de expansão comercial para áreas antes bloqueadas pelo comunismo.

A rede mundial de computadores, a Internet, desmoronou barreiras como a distância física e a dificuldades de acesso. Qualquer comunidade, por mais distante que fosse, estava a click de tudo o que acontecia no restante do mundo e as coisas pareciam mais próximas umas das outras.

É importante para o desenvolvimento desse trabalho o entendimento que essas interconexões provenientes das redes mundiais de computadores proporcionaram um fluxo de bens materiais e simbólicos nunca antes experimentado. Esse processo causa, entre outras coisas, o acesso a novos significantes e significados, antes muito distantes. Ampliam-se, dessa forma, os processos de significação, identificação e construção de identidades. Tendo um repertório cognitivo mais extenso à sua disposição entendemos como um processo natural que as pessoas passam a desenvolver idéias novas sobre o mundo e sobre si mesmo.

Nesse exercício, não apenas as identidades individuais se ampliam, mas o próprio sentido de pertencimento. Os símbolos que o sustenta são redimensionados e ressignificados de forma que a própria idéia de nação se enfraquece. Sobre essa idéia, Nestor Garcia Canclini⁶ sentenciou:

Vivemos um tempo de fraturas e heterogeneidade, de segmentação dentro de cada nação e de comunicações fluidas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber. Em meio a esta heterogeneidade encontramos códigos que nos unificam, ou que ao menos permite que nos entendamos

Preferimos pensar que aquilo que no capítulo anterior chamamos de crise de identidade do futebol brasileiro apresenta uma nova feição ao largo dos acontecimentos da última década do século XX. Pretendemos explicar que toda a

⁶ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. 1997: 85.

transformação estrutural que se processou no interior do campo político do futebol brasileiro e que provocou toda a transformação que vem ocorrendo no futebol brasileiro nos últimos anos está relacionado a um novo entendimento sobre identidade cultural pensados sobre as novas condições sociais introduzidas pela Globalização, tal como formulada por Bourdieu no início desse capítulo.

Colocaremos, por essa razão, a mídia no papel central desse processo. Acreditamos que os sites de notícias, transformaram-se no grande difusor dos bens simbólicos construtivos da subjetividade na contemporaneidade. Entendemos que eles sejam a âncora dos novos processos que levaram o futebol e seu universo simbólico a se questionar e se reinventar:

Os indivíduos estão acoplados a uma mídia impressa e eletrônica, que transforma o mundo em paraíso das imagens, criam linguagens e formas de expressar que dissolvem as barreiras herdadas do territorialismo. Tudo se desterritorializa. O mundo transforma-se em território de todo mundo, (...) se torna grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado.⁷

Porém Hall, ao tempo que coloca a mídia na centralidade desse processo de construção dessas novas identidades plurais e transitórias, lembra que o homem necessita, ao mesmo tempo, de estabilidade.

Entendemos que, num primeiro instante, a facilidade de acesso à informação, o fascínio pelo novo e a descoberta de novas possibilidades para o indivíduo buscar um auto-conhecimento e ampliar a idéia de si próprio, desencadeia um esfacelamento das identidades e do sentido de pertencimento tradicionalmente construído sob bases sólidas e permanentes. A própria velocidade do mundo se alterou. A emergência dos acontecimentos torna-se cada vez maior. É natural e aceitável uma adaptação do indivíduo as novas exigências contingências.

⁷. HALL, 1997:85

Mas acreditamos que esse processo no indivíduo não seja eterno. Como Hall, entendemos que haja uma tendência natural que ele 'viaje mas que mantenha, sempre ao seu alcance, elementos tradicionais, um porto-seguro, que o possa sustentar diante das dificuldades em negociar com essa nova realidade de identidades instáveis e transitórias. Como esclarece Hall:

A homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos de que a globalização ameaça solapar as identidades e a 'unidade' das culturas nacionais. Entretanto, como visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, este quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral⁸

Para Otávio Ianni⁹, as identidades se recriam diante dessa nova realidade, mas não desaparecem. Os instrumentos tornaram-se mais diversos e estão mais dispersos, embora o processo permaneça o mesmo:

.... globalização alimenta a diversidade de perspectivas, a multiplicidade dos modos de ser, a convergência e a divergência, a integração e a diferenciação; com a ressalva fundamental de que todas as peculiaridades são levadas a recriar-se no espelho desse novo horizonte, no contraponto das relações, dos processos e das estruturas que configuram a globalização¹⁰

Pensamos, dessa forma, que o futebol permanece como um importante instrumento da construção de uma identidade nacional brasileira. Ela pode até aparecer em alguns momentos de pouca efervescência política, mas nos momentos em que se faz necessário, ela ressurgir, com seus elementos tradicionais e modernos, em sintonia ou de forma conflituosa, como será observado nesse capítulo.

Retomamos a análise das narrativas sobre as Copas do Mundo feitas pela imprensa contrapondo com as transformações ocorridas no campo político do futebol brasileiro buscando o entendimento sobre as transformações ocorridas ao final do século XX - início do século XXI

⁸ *Idem*: 77

⁹ IANNI, O. A era do globalismo. 2001

¹⁰ *Idem*: 30

Tradição e Modernidade na retomada da Hegemonia brasileira na organização mundial do futebol.

O ano de 1994 foi de extrema importância para o país e para o futebol brasileiro. A eleição do sociólogo Fernando Henrique Cardoso e seu programa de governo, o Plano Real, trouxe uma onda de otimismo ao Brasil.

Catedrático, homem de boa formação cultural, exilado durante a ditadura militar, FHC, como ficou conhecido entre o meio jornalístico, vinha com a proposta de retomar a confiança internacional através de uma política de controle dos gastos públicos e equilíbrio das contas externas. Para esse fim confiava no fortalecimento da moeda nacional. Promoveu a equiparação com o Dólar Americano e privatizou as empresas públicas, que segundo relatórios do governo, davam prejuízos.

Fernando Henrique Cardoso também correu o mundo. Procurou incrementar o comércio exterior brasileiro, buscou novos parceiros e estabeleceu programas de inclusão do Brasil na era digital. Promoveu a estabilidade econômica e, reeleito em 1998 para mais quatro anos de mandato, estabilizou a economia do país e fez crescer a confiança no país pelas instituições financeiras do exterior.

No Futebol, a direção da CBF insistia na implantação do que ela imaginava ser um novo modelo para o futebol brasileiro, mais próximo de uma maneira moderna de se jogar futebol. Para Ricardo Teixeira, o jeito brasileiro não tinha força suficiente para ganhar uma Copa do Mundo. O dirigente defendia a idéia de que o jogador brasileiro precisava aprender a marcar para poder desenvolver o seu bom futebol. Reavivando a memória dos resultados insatisfatórios de 82 e 86, acreditavam que para voltar a ser competitivo, o brasileiro tinha que se adequar ao um *estilo moderno* de se jogar futebol.

Para esse trabalho é importante notar que Ricardo Teixeira não mais desejava, como aparentava em 1990, que o futebol brasileiro se aproximasse daquele praticado pelas grandes seleções européias, de forte marcação e obediência tática. O presidente

da CBF, pelos relatos observados na imprensa, dizia sistematicamente que desejava que a seleção brasileira pudesse conciliar a sua característica criativa a um domínio territorial que evitasse expor tanto a defesa. Era quase que consenso entre a imprensa que o jogador brasileiro não sabia marcar.

Observamos durante nossa pesquisa, que a palavra de ordem na preparação da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo de 1994 era ter muita posse de bola para só então sair em contra-ataques rápidos. O objetivo era segurar atrás e liberar na frente.

Em nosso entendimento, Ricardo Teixeira não queria abrir mão de suas convicções, mas sabia que precisava de tempo para adequar o estilo do jogador brasileiro e essa nova dinâmica que pretendia para a seleção. Ao final de 1993, os nomes de Carlos Alberto Parreira e Mário Jorge Lobo Zagallo sobressaíram como os mais possíveis na tentativa de conciliar o desejo da imprensa e da torcida brasileira com suas próprias idéias sobre o futebol.

Para Ronaldo Helal, a tensão entre tradição e modernidade está, historicamente, presente não apenas no futebol, mas na própria sociedade brasileira. A tentativa de conciliar esses dois elementos esteve sempre nos discursos de sociólogos que se propuseram ao longo do século XX compreender os mecanismos de funcionamento da sociedade brasileira e estava também presente na mente dos dirigentes brasileiros que buscavam uma saída para os 24 anos sem títulos da melhor seleção de futebol do mundo.

Outro ponto de tensão identificado por nós e que se apresentava como urgente para Ricardo Teixeira em seu processo de reorganização do futebol brasileiro após o fim do regime militar e suas intervenções, dizia respeito ao clientelismo arcaico que dominava as relações entre clubes e federações. O presidente da CBF sabia da inviabilidade comercial de se prosseguir com campeonatos desinteressantes para o público e deficitários para os clubes. Além disso, exigências externas, com alterações

estatutárias promovidas pelo órgão máximo regulador, a Fifa, exigiam padrões de organização de competições incompatíveis com as existentes em território brasileiro. Como veremos a seguir, a CBF encontrou enormes dificuldades em vencer estruturas e modos de fazer tradicionais que contrariavam os novos direcionamentos mercadológicos que tornavam-se a cada dia, mais imperativos de serem executados.¹¹

A maior dificuldade encontra por Ricardo Teixeira não dizia respeito nem à parte estrutural ou política, mas acima de tudo, cultural. Como explica Roberto DaMatta¹², um dos maiores antropólogos do Brasil, o país experimenta desde a sua fundação, relações de poder que podem ser representadas pela dicotomia Casa-Rua.

A rua representaria as relações impessoais. Por ser um espaço público, pertence à todos, mas que não é de ninguém, a rua apresenta-se como um espaço hostil onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob a vigilância da autoridade. Para o autor, a convivência na rua depende de uma negociação constante, entre iguais e desiguais. Convivência essa que deve ser a todo instante, negociada.

Já a casa, considerada num sentido amplo, é o espaço privado por excelência. Ali, *os nossos* devem ser protegidos e favorecidos, não importante as leis e sim o grau de proximidade e importância que possuem com quem se relacione.

Ronaldo Helal compreende que a modernização do futebol brasileiro, necessária principalmente no que diz respeito à organização dos campeonatos, na política interna

¹¹ A Fifa passou a partir de 1994 a fazer uma série de exigências para tornar a organização do futebol em seus países filiados mais homogêneas e passíveis de um controle maior por parte da entidade. Dessa forma, foi exigido maior transparência, clareza e acessibilidade a informações básicas de ordem estrutural como a publicação em órgão oficial e na Internet do estatuto da entidade (CBF), suas competições, seus regulamentos, registro de jogadores, registros de transferência e outros procedimentos que no Brasil, em muitas das vezes, eram feitos sem nenhum controle ou sem nenhuma publicidade.

¹² DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 1997.

dos clubes e nas relações trabalhistas entre clubes, empresários e jogadores, sempre esbarrou nesse imaginário das relações pessoais. Em nosso entendimento, a política do favorecimento, da amizade acima das leis, do costumes acima do que é cientificamente comprovado, dificulta o desenvolvimento do esporte no Brasil e, sem querer estabelecer valor de juízo, se colocava como uma intrasponível barreira aos projetos de Ricardo Teixeira para a seleção brasileira.

Foi desta forma que se operou na seleção brasileira de futebol, pela primeira vez na história, um duplo comando. A escolha de Parreira como técnico e de Zagallo como coordenador técnico foi o caminho imaginado como possível para Ricardo Teixeira na tentativa de conciliar tradição e modernidade. Na vitoriosa campanha brasileira do Tri-campeonato mundial de futebol, em 70, Zagallo era o técnico e Parreira era o preparador físico. Manter esta estrutura era simplesmente retornar a um passado glorioso. Ter Parreira como treinador era a garantia de que o trabalho teria um caráter científico, com planejamento e equilíbrio tático.

Parreira era um estudioso. Formado em educação física, fez vários cursos de pós-graduação em teoria tática do futebol. Tornou-se conhecido por levar o modesto Bragantino, time do interior paulista ao vice-campeonato paulista de 93. Consolidou sua imagem na Copa de 94 como o mais ilustre representante de uma nova geração de técnicos, cuja principal característica era a de saber montar um time que pudesse obter vitórias sem correr grandes riscos. Estrategista, entendia o jogo como um campo de batalha. Valorizava a posse de bola e planejava a vitória baseada no erro do adversário.

Zagallo era, por sua vez, a tradição em pessoa. Tri-campeão mundial -dois títulos como jogador e um como treinador - simbolizava o lado místico do futebol. Como jogador, vestiu sempre a camisa 7. Como treinador, a 13. Sempre que podia, Zagallo fazia questão de fazer um jogo de palavra com estes dois números, enfatizando que isso lhe trazia sorte.

Pensamos que o alinhamento destes dois elementos, tradição e modernidade, representados nas figuras de Parreira e Zagallo, foram determinantes para a escolha do técnico da seleção brasileira de futebol para a disputa da Copa de 94.

Esse nosso entendimento se reforça na medida em que observamos que existe uma Contradição entre o discurso sobre a seleções de 90 e 94. Embora a seleção que jogou a Copa do EUA fosse a mesma que jogou na Itália quatro anos antes, o que se falava de uma e de outra tinham enfoque bastantes distintos.

A seleção de 90 apresentava forte marcação. Dunga era o comandante da retaguarda, quem posicionava e orientava a defesa. A seleção foi duramente criticada por seu estilo de jogo extremamente defensivo e contrário às tradições do futebol brasileiro. A seleção de 94 não era diferente. Também saiu do país desacreditava, e mantinha como comandante supremo o mesmo Dunga, símbolo do fracasso de quatro anos anteriores.

O Curioso é notar que embora se trate do mesmo jogador, o Dunga de 90 é lembrado como desdém e desprezo, enquanto que o de 94 é o herói, a barreira intransponível que deu tranquilidade para Bebeto e Romário resolverem na frente o jogo a favor do Brasil.

Embora a mídia não demonstre muita empolgação com a seleção de 94, é nítido em suas narrativas uma distinção enorme entre as duas seleções, que na prática, em nosso entendimento, nunca existiu.

A memória que tem-se da Copa de 90m é a de que ela Jogava um futebol tipicamente europeu, ou moderno. Bastante diferente daquele que caracterizava o ideal imaginado da escola brasileira de jogar futebol. Mas, apesar de algumas críticas à seleção de 94, não há nenhuma relação estabelecida entre ela e um suposto modelo europeu de se jogar futebol.

Mas a tensão entre modernidade e tradição esteve presente também nas narrativas sobre a Copa de 94. Com o anúncio da equipe e os primeiros jogos, muitos

jornalistas já percebiam que o esquema de jogo colocado em prática lembrava aquele utilizado pelo São Paulo na conquista do bi-campeão mundial de clubes em 92 e 93. Muitos questionavam o por quê de Telê Santana, técnico do bi-campeonato e das seleções de 82 e 86 -considerado por muitos dirigentes e jornalistas como um dos melhores técnicos do Brasil de todos os tempos - não voltava ao comando da seleção.

Curiosamente, o nome de Telê Santana estava numa provável lista de pretendentes ao cargo. Porém, o próprio Ricardo Teixeira, paradoxalmente, entendia que Telê não poderia comandar a seleção novamente porque era *pé frio*. Evidentemente, que o dirigente não expôs isso claramente, mas em entrevista ao jornal *O Globo*, deixou escapar: É um excelente técnico, mas já teve duas chances e não ganhou. Deu azar? fazer o quê?. Temos que dar oportunidade a outros também¹³, numa referência clara à Copa de 82 quando comandando uma geração de craques como Leandro, Júnior, Cerezo, Sócrates, Falcão e Zico, em duas Copas, não ganhou a taça.

Como podemos observar, a tensão entre modernidade e tradição está tão enraizada na cultura brasileira que mesmo àqueles que a desejam combater acabam por se trair e cair em contradição. As narrativas sobre a conquista do Tetracampeonato Mundial pela Seleção Brasileira de futebol são exemplos de como a tensão e as contradições que ela provoca são inquestionáveis e assumem dimensões que beiram o cômico.

Muitos jornais da época, ao tempo que enalteciam a conquista, sentenciavam que aquele título havia sido conquistado pela pior seleção brasileira campeã de todos os tempos. O que estava por trás dessa declaração contraditória era a dificuldade em se admitir que, de uma maneira ou de outra, o Brasil estava entrando para a história

¹³ Fonte: www.globo.com/históriadascopas/copade1994.html.asp Acessado em 15de outubro de 2009.

como o único país a ganhar quatro vezes a Copa do Mundo, retomando a hegemonia do futebol mundial que estava dividida com a Itália e seus três títulos.

Ricardo Teixeira e sua administração haviam conseguido em pouco menos de cinco anos, o que muitos haviam tentado nos últimos 24. Seja por sua influência política, pelo trabalho planejado, por sorte ou competência, o Brasil estava de novo numa posição hegemônica dentro de um novo universo simbólico do futebol que se formava: o futebol neo-liberal. Mas a retórica do futebol-arte permanecia no imaginário do torcedor brasileiro e um novo personagem adentrou a esse campo:

O técnico Carlos Alberto Parreira levou a campo uma Seleção de resultados. Vencer de 1 a 0 era suficiente. Apostou na força do sistema defensivo, porque sabia que durante os 90 minutos uma bola chegaria aos pés da dupla Bebeto e Romário. Estaria liquidada a fatura.¹⁴

Uma vez mais salta aos olhos, a ambigüidade do discurso. Pela narrativa, podemos notar que o futebol de resultado está necessariamente atrelado ao talento de Bebeto e Romário. Portanto, o jornal, mesmo não tendo talvez a intenção de fazê-lo, acaba por defender a idéia de que, seja como for, o futebol brasileiro, para ser vencedor, dependerá sempre da qualidade excepcional do jogador brasileiro.

A contradição possível estabelecida pelo discurso jornalístico acerca da campanha vitoriosa da seleção brasileira nos campos dos EUA, é, ao mesmo tempo a glorificação do talento brasileiro e do sistema tático de Parreira. Isso porque, a narrativa permite a interpretação de que, ao montar sua equipe, o técnico brasileiro estudou meticulosamente a característica de cada jogador. A opção por uma estratégia onde a idéia central era não deixar o adversário jogar e esperar uma única oportunidade para, cirurgicamente, liquidar a partida, estava evidentemente baseada na premissa de que os atacantes dificilmente falhariam.

¹⁴ Trecho extraído do site uol, disponível em www.esporte.uol.com.br/futebol/historia/copa94.html acessado em 12/11/2009.

Ao final do discurso, a própria narrativa acaba sentenciando aquilo que, na verdade, sempre foi realmente importante para o povo brasileiro:

A Seleção Brasileira não foi brilhante na Copa de 1994, era burocrática, sem ousadia. Mas o que importa? Aos que ainda se perguntavam qual era realmente o país do futebol, o Brasil respondia com quatro títulos mundiais¹⁵

Sarmento destaca que uma certa antipatia da imprensa brasileira por Parreira é fruto de outro preconceito. Parreira nunca jogou bola e num país muito ligado às tradições isso causava um certo desconforto. Para o autor, independente do esquema tático, o técnico fazia um bom trabalho e armou um esquema que, além de inteligente, era criativo:

Em memorável partida, o Brasil conseguiu superar a equipe adversária pelo placar de 3 a 2, classificando-se para as semifinais, onde voltaria a enfrentar os suecos. Em uma ousadia tática, Parreira alteraria o posicionamento dos jogadores em campo, colocando Mauro Silva para exercer a função de um terceiro zagueiro de área. Essa mudança conseguiu anular completamente o potencial ofensivo dos suecos e permitiu a passagem à final com uma vitória pela contagem mínima.¹⁶

Se para a torcida e parte da imprensa, a adesão ao futebol praticado pela seleção brasileira na Copa de 94 contrariava o imaginário do país como símbolo do futebol-arte e desmistificava a seleção brasileira com aquela que praticava o futebol mais bonito do planeta, o discurso foi paulatinamente se alterando.

Apesar da saída de Parreira, Zagallo continuou no comando da seleção. Planejamento e a preparação mantiveram-se inalterados. No extra-campo, a figura de Américo Faria era o símbolo da nova gestão, organizada e profissional. Os títulos da Copa América e da Copa das Confederações de 1997 mantiveram a seleção brasileira no topo do recém criado ranking mundial de seleções, organizado pela Fifa e o Brasil chegou à Copa de 98 novamente como favorito:

¹⁵. Trecho extraído do site uol, disponível em www.esporte.uol.com.br/futebol/historia/copa94.html acessado em 12/11/2009.

¹⁶ SARMENTO, 2006:161

Se, nas equipes formadas por jogadores jovens, a posição brasileira foi sendo consolidada no decorrer da década, o título mundial de 1994 deu início a um ciclo de vitórias da seleção principal, abrindo uma nova fase de hegemonia internacional do futebol brasileiro.¹⁷

Mas a queda na final da Copa, diante da França, trouxe de volta a interferência da política brasileira sobre o futebol. Uma nova caça às bruxas se estabeleceu. Era preciso achar um culpado para a derrota.

Naquele jogo, minutos antes do Brasil entrar em campo, o jogador Ronaldo Nazário sofreu, segundo fontes oficiais, uma convulsão por razões até hoje incompreensíveis. Esse fato foi o estopim para uma série de procedimentos de cunho político.

A impressão que temos é que para a imprensa e o governo brasileiro, era necessário encontrar logo um culpado pela derrota. Para os jogadores da seleção, o importante era o estado de saúde de seu companheiro mais ilustre, Ronaldo. Eleito pela Fifa em 1997 como o melhor jogador do mundo, contratado por um dos maiores clubes do mundo, a Inter de Milão, apelidado de fenômeno, entrou cambaleando em campo. Muito se esperava dele, porém, ele nada pode fazer. Alguém tinha que ser responsabilizado, pelo Brasil, pelo Ronaldo.

Entendemos dessa forma porque logo assim que a seleção chegou ao país, Zagallo e outros membros da comissão técnica brasileira foram arduamente argüidos pela Câmara de Deputados em Brasília. Essa atitude só pode ser explicada pelo viés do entendimento que a classe política tem sobre a importância da participação do selecionado brasileiro numa Copa do Mundo. Não há como se pensar que o fato de um jogador ter passado mal antes de uma partida fosse um fato comum e que por esta razão, os jogadores simplesmente ficaram atordoados, narcotizados, sem condições de atuar no melhor de suas aptidões. É incompreensível que um fato médico, uma indisposição, mesmo que grave, de um jogador possa gerar a formação

¹⁷. SARMENTO. 2006: 163.

de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar as circunstâncias em que o fato ocorreu.

Esse fato seria inimaginável se não houvesse nenhum cunho político nessa atitude. Ninguém morreu, não houve nenhum crime, nada que prejudicasse a imagem do país ou da instituição, nada que justificasse a criação de tal comissão. Mas ela foi criada:

De volta ao Brasil, o selecionado e a direção da CBF foram alvo de uma torrente de críticas que culminou com a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara dos Deputados, com o objetivo de averiguar a postura da comissão técnica durante a Copa.¹⁸

Desse momento em diante, a CBF passou a ser alvo de investigações sucessivas, mesmo fazendo publicar todas as transações comerciais de que tomava parte, como balanços, contratos publicitários, direitos de vendas em suas competições, repasse de verbas à clubes, federações, etc. Era a prova de que a ligação entre futebol e as instancias políticas no país jamais será superada.

A crise instalada teve repercussões maiores na organização interna do esporte brasileiro. Novamente, o clube dos 13, insatisfeitos com constantes mudanças nas formas de disputas do campeonato brasileiro, decidiu por organizar o seu próprio campeonato. Um total de 116 equipes disputou o nacional de 2000, o que representou um tiro no pé dos dirigentes da entidade autônoma dos clubes. O número excessivo de participantes desagradou a correntes políticas do próprio grupo que costurou um acordo para o retorno da CBF ao comando.

No ano seguinte, a retomada do poder pela CBF veio através do lançamento do calendário quadrienal. O planejamento previa rebaixamentos e acessos às divisões com regras bem definidas e pré-estabelecidas até se chegasse a um número consensual de 20 equipes na primeira divisão, o que acabou por se consolidando e permanecendo até os dias de hoje.

¹⁸ *Idem*.SARMENTO.2006:164.

Foi nesse ano também que a CBF finalmente modernizou a sua estrutura administrativa, concretizando o projeto de tornar o futebol organizado e lucrativo:

Em convênio com a Fundação Getulio Vargas, a Confederação pôde desenvolver sistemas otimizados de gerenciamento de registros, de transferências e de disponibilização de informações online (...) Investiu-se igualmente na melhoria das instalações e dos equipamentos do centro de treinamentos instalado na Granja Comary. As reformas das instalações de Teresópolis também serviram para a instalação da Escola Brasileira de Futebol, antigo projeto da direção da entidade. Criada através de uma parceria com a FIFA, a Escola oferece cursos, *workshops* e seminários de formação e atualização para profissionais que atuam nas diferentes áreas de atividades relacionadas ao universo do futebol. Seus cursos tanto podem ser ministrados na sede física da instituição, na serra fluminense, como também pelos modernos sistemas de educação à distância, que permitem uma disseminação de seu sistema de ensino por todo o território nacional ¹⁹

Essas medidas transformaram a CBF, não apenas numa signatária, mas também numa parceira comercial da Fifa. Dessa forma, a entidade entrava de vez na nova ordem mundial do futebol. A instituição responsável pela gestão desse esporte no Brasil vencia de vez todos os preconceitos, todos os imaginários, todas as resistências de políticos, da opinião pública e da imprensa, conectando-se de vez no processo de mundialização da cultura do futebol, processo que transformaria o velho esporte bretão num dos maiores produtos a serem comercializados pela nova economia globalizada.

Neoliberalismo e futebol: o projeto expansionista da Fifa.

O neoliberalismo ou política neo-liberal é caracterizada por inúmeros pensadores como o processo político e econômico pelo qual se pretende a não intervenção do Estado ou de uma classe dirigente nas transações comerciais e culturais que se operam entre os mais diversos setores da sociedade. No plano da mundialização da cultura e do comércio, o que se pretende é facilitar o fluxo de mercadorias e bens de consumo, além de desarticular o controle dessas operações, permitindo a criação de

¹⁹.SARMENTO. 2006:166

uma rede de circulação de mercadorias e bens culturais, onde os centros das operações possam ser flexíveis e mutáveis obedecendo exclusivamente aos seus fluxos naturais, as leis de mercado.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu²⁰, no entanto, o neoliberalismo também pode ser compreendido de outra forma:

O neoliberalismo faz voltar, sob as aparências de uma mensagem muito chique e moderna, as idéias mais arcaicas do patronato característicos dos anos 30 na Alemanha e dos EUA de Ronald Reagan²¹ e a Inglaterra de Margareth Thatcher²² (...) essa revolução conservadora tida como nova, tem como bandeira o progresso, a razão, a ciência (...) ela constitui como norma de todas as práticas as regularidades reais do modelo econômico entregue à sua lógica, a lei do mercado que é também, e sempre foi, a lei do mais forte. Ela glorifica e ratifica o reino daquilo que se chama de mercados financeiros, isto é, a volta a um espécie de capitalismo radical (...) levado ao limite de sua eficiência pela introdução de formas modernas de dominação, como o *management*, e de técnicas de manipulação como a pesquisa de mercado, o marketing e a publicidade comercial.²³

O certo, porém, é que ao início dos anos 90, o mundo estava mergulhado nessa nova ordem econômica e a grande maioria das instituições, públicas e privadas, ao desenvolver qualquer tipo de atividade comercial sentia-se obrigada pela nova ordem de mercado a adequar-se a essa nova realidade.

²⁰ BOURDIEU, P. Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. 1998: 50

²¹ Ronald Reagan nasceu em 1911, no interior do Estado de Illinois, EUA. Foi ator de cinema e em 20 anos de carreira participou de 53 filmes. Em 1980 tornou-se presidente dos EUA pelo Partido Republicano. Reagan conseguiu uma legislação para corte de impostos, estimulou o crescimento econômico, conteve a inflação, aumentou o emprego e fortaleceu a defesa nacional. Ele deixou o governo em 1989, se aposentando em seu rancho na Califórnia.

²² No cargo de Primeiro-Ministro da Inglaterra, contemporânea de Reagan, é tida por sociólogos e economistas do mundo inteiro como a principal articuladora, juntamente com o presidente americano da política neoliberal de livre circulação de bens e mercadorias, pela libertação de mercados e pelo vigência das livre leis de mercados autoreguladores, princípios introduzidos ainda nos anos 70 mas só colocados em prática ao final dos anos 80, o que para muitos foi a semente das transformações de ordem política, social e econômicas vividas pelo mundo na década subsequente.

²³ *Idem*. BOURDIEU, 1998:50.

Esse fato nos leva a pensar que a mudança na orientação da Fifa em criar novas competições e planejar uma melhor distribuição espacial delas, tem muito em comum com a emergência dos fatos acima citados. A queda do muro de Berlim e o desmonte do bloco socialista abriram novos mercados consumidores em todo mundo. Até os países que se mantiveram com uma direção socialista em suas políticas internas, como a China e a Rússia, abriram o diálogo para um intercâmbio comercial maior. A economia mundial se apresentava bastante aquecida pelos novos rumos da sociedade a nível global.

Com a expansão mundial da economia, as barreiras comerciais foram caindo. Blocos de livre comércio foram se formando e a circulação de bens simbólicos e de capitais foi se alastrando. A Internet, rede mundial de computadores, intensificou esse processo. Se no momento histórico conhecido como Mercantilismo²⁴, o comércio foi o grande responsável pelas trocas simbólicas que se desenrolaram ao final do século XV, a Internet multiplicou suas possibilidades, não apenas criando ferramentas que dinamizassem as trocas comerciais, mais criando, ela própria, novas práticas, como o e-commerce²⁵.

²⁴ Mercantilismo é o nome dado a um conjunto de práticas econômicas desenvolvidas na Europa entre o século XV e o final do século XVIII. O termo foi criado pelo economista Adam Smith em 1776, a partir da palavra latina *mercari*, que significa gerir um comércio, de *mercadorias* ou produtos. A intensificação do comércio entre os países proporcionou ao mercadores conhecerem outras culturas e delas extrair hábitos e idéias que iriam revolucionar os costumes na Europa nos anos que se seguiram. Para mais informações, consultar SALINAS, S. S. Do Feudalismo ao Capitalismo: Transições. 2000.

²⁵ Conhecido também como comércio eletrônico ou comércio virtual, o E-commerce começou timidamente pela utilização de dispositivos eletrônicos que facilitavam as transações comerciais como os cartões de crédito e caixas eletrônicos através, como os Eletronic Data Interchange (EDI) e o Eletronic Funds Transfer. (EFT)Ao final dos anos 90, 5 anos após a criação da World Wide Web – Internet – foram criados protocolos de seguranças que permitiram uma conexão contínua entre o produtor e a ponta, o consumidor. A associação entre as tecnologias da Internet e os dispositivos eletrônicos EDI e EFT proporcionaram a criação de uma nova forma de se comercializar, a forma eletrônica. Sem sair de casa, apenas acessando uma página onde os produtos estão expostos e ordenados por preferência, estilo, tipo, as lojas virtuais oferecem a possibilidade de uma compra simples, segura e prática. Basta ter um acesso à Internet e um cartão de crédito. Estima-se que em 2009, o E-commerce movimentou em sites acessados no Brasil cerca de 10,5 bilhões de reais, vinte vezes o valor do primeiro ano do comércio eletrônico no Brasil, em 2001, onde o faturamento chegou a apenas 0,54 bilhões de reais, ou 540 milhões. Fonte: www.e-commerce.org.br acessado em 12/11/2009.

Assim, entendemos que, como parte desse novo mundo de economia global, a Fifa percebeu que também era chegada a hora do futebol mudar. A expansão para além dos mercados tradicionais, América Latina e Europa se fazia necessária. João Havelange procurava uma saída que permitisse à Fifa expandir os seus negócios, sem negligenciar as bases políticas que a sustentavam como a maior instituição política do mundo.

O problema é que ao final dos anos 80, a Fifa só tinha, praticamente, um grande produto em suas mãos: a Copa do Mundo. Disputada num espaço de tempo de quatro anos, Havelange sabia que realizando essa principal competição em áreas inexploradas, estaria deixando um grande vácuo político em territórios importantes, base de sua sustentação. Havia também rumores de possíveis reações dos países europeus. A permanência, por mais de duas décadas, de um sulamericano na presidência da entidade já provocava um certo descontentamento entre alguns dirigentes do velho continente.

Politicamente, a formação da União Européia²⁶ fortalecia a União das Federações Europeias de Futebol (Uefa). Fundada em 1954, tornava-se, a partir dos anos 90, a principal adversária política da Fifa. Organizando todo o futebol europeu e transformando as suas duas principais competições, a Eurocopa²⁷ e UEFA Champion League²⁸ nos dois maiores e mais rentáveis eventos esportivos do mundo, perdendo apenas em importância para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, a Uefa ganhou

²⁶ Com o desmoronamento do comunismo na Europa Central e Oriental, assiste-se a um estreitamento das relações entre os europeus. Em 1993, é concluído o Mercado Único com as quatro liberdades: livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais. Em 1993, cria-se oficialmente a União Européia (EU) com o *Tratado da União Europeia* ou *Tratado de Maastricht*. O tratado prevê, além de outras medidas sócio-econômicas, livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais entre os países participantes do bloco.

²⁷ A Eurocopa é a segunda maior competição entre seleções do mundo. Com 24 países participantes, só perde em tamanho e importância para a Copa do Mundo. Mesmo assim, seu faturamento com cotas televisivas, produtos licenciados e serviços de mídia é bem próximo aos números da Fifa, da ordem de Bilhões de dólares anuais.

²⁸ Maior competição entre clubes de futebol do mundo, a UEFA Champions League reúne os clubes campeões dos 53 campeonatos nacionais da Europa, mais os 2º e 3º lugares dos principais campeonatos (Inglês, Italiano, Português, Espanhol, Francês e Alemão).

força suficiente para exigir da Fifa uma política mais conciliatória em relação às suas necessidades e pretensões.

Preocupados com os danos políticos e econômicos que uma ruptura poderia ocasionar, as duas entidades procuraram estreitar suas relações que culminou com a eleição do Europeu Joseph Blatter, amigo e aliado político de Havelange, para a direção da Fifa. A Eleição do suíço foi importante para alinhar um acordo, pois os embates já ultrapassavam as esferas esportivas e temia-se uma represália às duas instituições esportivas por parte da comunidade europeia, como confirma o próprio site da Uefa:

Durante a década de 90, o processo de integração na Europa Ocidental levou à intensificação dos contactos entre a UEFA e a União Europeia, para a discussão de diversas matérias, incluindo as transmissões televisivas transfronteiriças. Em 1995, no desenvolvimento mais significativo dos últimos anos, o acórdão Bosman do Tribunal Europeu de Justiça obrigou a UEFA (e todo o futebol europeu) a grandes alterações nas leis e regulamentos que regem as transferências internacionais de jogadores, assim como a utilização de atletas estrangeiros pelos clubes. Em 2001, após intensas negociações, a FIFA e a UEFA uniram esforços para chegar a um acordo com as autoridades políticas europeias sobre um sistema de transferências internacionais que venha estabilizar as relações entre jogadores e clubes, especialmente sob o ponto de vista contratual e na protecção dos pequenos clubes, que muitas vezes descobrem, treinam e desenvolvem as grandes estrelas da actualidade e do futuro ²⁹.

Esse mesmo site nos indica que a própria Uefa também se colocou num processo de expansão, confirmando a nossa desconfiança de que a proposta neoliberal havia chegado a todas as instancias políticas, sociais e econômicas, influenciando diretamente no rumo das instituições que organizavam o futebol pelo mundo:

²⁹ <http://pt.uefa.com/uefa/aboutuefa/newsid=787495.html> acessado em 22/10/2009.

³⁰No início dos anos 90 surgiram novos Estados na Europa de Leste, aumentando o número de federações, seleções e clubes, o que motivou o alargamento das várias competições organizadas pela UEFA. Esta expansão constante também se reflectiu na criação de novas competições (a Taça Intertoto em 1995, o Campeonato da Europa Feminino de Sub-18 em 1997/98, e a Taça das Regiões, em 1999, um prova destinada a futebolistas amadores). Em todas as épocas são disputados cerca de 1200 jogos nas competições europeias. À medida que o futebol se tornou num fenómeno mais comercial, a UEFA continuou a dar um enorme ênfase ao reinvestimento na modalidade das importantes verbas geradas pelas suas actividades.³¹

Em nossa pesquisa, observamos que a Federação Internacional de Futebol (FIFA), no sentido de expandir o universo do futebol para áreas onde a sua presença era incipiente, toma pelo menos duas medidas: 1) Acaba com o rodízio entre a Europa e a América Latina na organização da Copa do Mundo de Futebol; 2) Cria outras competições como o mundial de clubes, a Copa das Confederações, as *Datas Fifas*³² e inicia conversas com o Comitê Olímpico Internacional para assumir a gerência sobre o torneio olímpico que passou, desde 92, a contar também com jogadores profissionais em seu torneio.

Outra medida tomada pela Fifa foi a de adequar o seu calendário de competições às demandas sociais. A criação, em 1991, do Mundial de Futebol Feminino³³ atende ao crescimento, principalmente em países sem tradição na Copa do Mundo Masculina, da prática do futebol entre as mulheres. Tanto é verdade que países como Noruega, Dinamarca, Suécia, China e Estados Unidos foram as primeiras grandes forças desse esporte a surgir, dominando o pódio das primeiras competições

³⁰ Datas dentro do calendário mundial especialmente separadas para amistosos entre seleções nacionais de todo o mundo. As datas Fifas foram criadas foi uma reivindicação dos clubes para que fosse demarcado dias específicos para essas partidas de forma que as federações possam adequar os calendários de suas competições a essas datas e os clubes não sejam prejudicados ao cederem seus atletas para as suas respectivas seleções.

³¹ FIFA. <http://pt.uefa.com/uefa/aboutuefa/newsid=787495.html> acessando em 22/10/2009.

³² Datas Fifas são dias do ano, geralmente dias posicionados no meio das semanas, quartas ou quintas, onde não haja competição europeia em curso, para promover intercâmbio entre as seleções nacionais filiadas. São partidas amistosas que servem para aproximar os países e manter suas seleções em atividades, preparando-as para as competições.

³³ Considerações deste autor sobre informações extraídas do site da FIFA, www.fifa.com

realizadas. Só recentemente, Alemanha e Brasil, começaram a dominar também o cenário do futebol feminino.

Desta forma, a FIFA passou a intercalar competições entre mercados tradições e emergentes. O Mundial Masculino permanecia como seu maior produto e dessa forma, não teve mesmo muito jeito. Teve mesmo que arriscar deixar seus aliados políticos sem organizar sua principal competição por oito anos. Para contra balançar, alterou o número de participantes, de 24 para 32, a partir de 1998, na França. Na nova distribuição das vagas, fica claro também a intenção da Fifa em beneficiar Europeus e continentes emergentes. A América do Sul foi o único continente que não foi contemplado com o aumento no número de vagas. A Europa quase dobrou, passou de 8 em 78 para 13 em 2010. A África sim, dobrou. Se em 78 apenas 1 país africano esteve na Copa da Argentina, em 2010 serão 5 seleções que estarão no mundial. A Ásia passou também de 2 participantes para 5 e a Oceania que não tinha vaga, passou a ter uma. A América do Sul ganhou apenas mais uma vaga que deve ser disputada com um possível quarto lugar no torneio classificatório da América Central que também pulou de uma para três vagas no mundial.

Mas as ações da fifa não pararam por aí. Criou também, o mundial feminino para que as áreas emergentes não ficassem tanto tempo sem receber uma competição oficial organizada por ela, como mostra o quadro 2. Outro dado que comprova que a competição foi criada para atender a esse novo mercado consumidor está no fato do Brasil, uma das principais forças do mundo também no futebol feminino , nunca ter organizado tal competição.

Quadro 1

Listagem dos países organizadores da Copa do mundo por ano

País	Ano	Mercado
Itália	1990	Tradicional

Estados Unidos	1994	Emergente
França	1998	Tradicional
Koréa/Japão	2002	Emergentes
Alemanha	2006	Tradicional
África do Sul	2010	Emergente
Brasil	2014	Tradicional

Quadro 2

Listagem dos países organizadores de novas competições de Fifa por ano

País	Ano	Competição
EUA	1991	Mundial Feminino
EUA	1994	Mundial Masculino
China	1999	Mundial Feminino
Korea/Japão	2002	Mundial Masculino

Quadro 2

Os quadros 1 e 2 descrevem dados que, para além de interpretações que possam ser feitas, demonstram que a FIFA, neste período, organizou o calendário de suas principais competições para atender uma nova demanda. Nos interessa grifar também que este movimento exigiu da FIFA uma série de mudanças estruturais.

Acreditamos que exista um forte paralelismo entre esses acontecimentos de ordem global e as transformações ocorridas no futebol brasileiro a partir da última década do século XX. Procuramos construir o cenário do mercado futebolístico internacional porque ele irá provocar profundas alterações nas relações entre CBF/clubes e clubes/jogadores.

Como signatária da Fifa, a CBF foi obrigada a adequar os seus estatutos aos da entidade máxima do futebol mundial que, por sua vez, como defendemos, estava subordinada às novas exigências do mercado mundial.

O efeito imediato foi a extinção da Lei do Passe e a criação do Estatuto do Torcedor. Com efeito, essas duas atitudes representavam uma nova orientação na organização do futebol brasileiro. Politicamente, representou um enfraquecimento dos clubes. Porém, com o passar dos anos foi possível notar que as receitas desses clubes cresceram na proporção que as transferências de jogadores para o exterior se multiplicaram.

Em acordo com as idéias apresentadas nesse trabalho, baseadas principalmente no conceito de campo formulado por Bourdieu, pensamos que essas alterações entre clubes e CBF, bem como entre clubes e jogadores, modifica de forma significativa o campo político do futebol brasileiro, na medida em que se altera o lugar de cada um dos elementos participantes do **campo** na estrutura.

Muitas são as razões que nos levam a acreditar que o campo se modificou. Com o fim do regime militar, uma nova ordem política emergiu no Brasil e a CBF acabou conquistando uma maior autonomia administrativa da CBF. O crescimento do futebol como mercadoria e a reconquista da seleção brasileira da hegemonia em títulos foi outro fator que alterou as relações entre CBF e Fifa. Com o jogador brasileiro estando novamente valorizado no mercado internacional, CBF e clubes brasileiros passaram a sofrer pressões da Fifa para alterar os estatutos da entidade representativa brasileira a fim de não se mostrarem obstáculos para as investidas dos clubes europeus.

Pelo que foi pesquisado, o mercado brasileiro passou a ser uma questão extremamente estratégica para a Fifa em sua relação com a UEFA. O apoio da entidade européia era fundamental para a Federação Internacional colocar em prática o seu plano mercadológico de criar novas competições e expandir aquelas tradicionais por todo o planeta, dentro da lógica de uma cultura do futebol globalizada.

Em troca de apoio, a Fifa acenava à Uefa com um mercado de livre circulação para transferências de jogadores, o que, aliado ao alto poder aquisitivo dos clubes

européus, proporcionava a entidade européia promover competições entre clubes onde jogavam os melhores jogadores do mundo, fossem eles da nacionalidade que fossem. Dessa forma, a Fifa facilitava que a Uefa fabricasse um produto de qualidade – seus campeonatos com os melhores clubes e melhores jogadores do mundo – com fácil liquidez e extremamente rentável.

Por outro lado, a Uefa minimizava os efeitos das perdas que teriam com a transferência de algumas das principais competições internacionais do solo dos países a ela filiados, reduzindo a pressão política que a Fifa vinha sofrendo por levar a Copa do Mundo para áreas sem a menor tradição futebolística como Korea, Japão, EUA e África do Sul.

As alterações propostas, de calendário e na lei do passe, principalmente, foram num primeiro instante, mas recebidas no Brasil. Pensava-se que o prejuízo, para os clubes, seria incalculável e que alguns chegariam, inclusive, à falência. Esse pensamento era baseado na premissa de que não apenas os clubes deixaram de ter a vida profissional de seus jogadores em suas mãos, como também viriam as suas receitas diminuir na mesma proporção que aumentavam os gastos com infraestrutura e adequação às novas exigências.

No âmbito administrativo, os clubes passariam também a ficar responsável, entre outras coisas, pela fabricação e segurança dos ingressos, evitando desgastes para os torcedores em intermináveis filas e falsificações. Seria responsabilidade dos clubes ainda a educação de seus torcedores, manter os prazos e condições de preços de ingressos, definindo datas de vendas previamente agendadas, além de uma série de outras coisas.

Aparentemente, a sobrecarga em cima dos clubes parecia desproporcional em relação aos ganhos que eles teriam num futuro. Há de se considerar também, que anos e anos de instabilidade econômica e social não criaram no país uma cultura de se pensar as coisas a longo prazo.

Por estas razões, é interessante pensar se as alterações propostas no futebol brasileiro como fruto das transformações mercadológicas ocorridas a nível mundial não desconstrói o imaginário do Brasil como super-potência, recolocando o país na periferia³⁴ dessa nova reorganização mundial do mercado da bola.

Acreditamos que não. Em nosso entendimento, o futebol brasileiro ganha apenas um novo lugar nessa nova organização que não tem como ser enquadrado na dicotomia centro/periferia. Isto porque, ele funciona de forma ambígua e contraditória.

O futebol brasileiro é reconhecidamente, num imaginário coletivo universal, como o melhor do mundo. Os jogadores brasileiros são verdadeiras celebridades do esporte e já foram eleitos como os melhores pela própria Fifa mais vezes do que os companheiros de profissão de qualquer outra nacionalidade. Porém, acontece com o jogador brasileiro um fato curioso. Entre as 10 maiores transferências de jogadores do futebol mundial apenas uma – a terceira maior – envolveu um jogador brasileiro, Kaká. E mesmo assim, entre as 25 maiores transferências, em nenhuma delas, o negócio aconteceu entre um clube europeu e um clube brasileiro. Todas as 25 maiores transações econômicas envolvendo jogadores de futebol ocorreram entre clubes europeus, o que nos permite pensar se realmente o mercado do futebol é globalizado ou se estamos, pela ótica apresentada por Hall, na periferia desse milionário mercado da bola.

Quando a globalização organiza a periferia

³⁴ O termo periferia pode não ser o mais aplicado a essa nova realidade pois o termo deve estar necessariamente em correspondência com um Centro e na era da Globalização pensasse que não existe um Centro. As coisas estão interligadas ou interconectadas por nós num formato de uma teia. Porém, há autores que desmistificam essa informação. Stuart Hall, por exemplo, compreende que a *globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do mundo* e que, portanto, podemos aceitar que áreas que simplesmente ainda não sente os efeitos desse fenômeno estejam na periferia em relação às áreas urbanas onde eles se concentram. HALL, S. 2001: 77

Não há como se entender de outra forma. Após anos e anos de pressão por parte da imprensa e de organização de jogadores e ex-jogadores contrários às políticas quase escravocratas em vigor, é muita ingenuidade pensar que finalmente os dirigentes se sensibilizaram com a exploração histórica a que eram submetidos os jogadores brasileiros e decidiram por alforriá-los.

Está claro que os projetos de leis propostos e aprovados no Congresso Nacional, diminuindo paulatinamente a idade em que os jogadores se viam livres dos clubes formadores e aptos para negociarem seus próprios destinos, obedece a nova lei mundial de mercado que incentiva os grandes negócios. E nos parece claro também, que essas fabulosas transações comerciais que viriam a reboque da nova legislação jamais se concretizaram. O que fica para os clubes brasileiros são migalhas. Por todos os sites pesquisados³⁵, na parte relativa à transferência de jogadores, podemos observar a discrepância de valores envolvendo um mesmo jogador quando ele sai de um clube brasileiro e quando ele sai de um clube europeu.

No exemplo que utilizamos acima, citamos o jogador brasileiro Kaká. Só para se ter uma idéia do abismo sobre o qual estamos nos referindo. Kaká foi vendido pelo São Paulo em 2003 por 8,5 milhões de dólares. No ano passado a transferência dele para o Real Madri da Espanha custou aos cofres da equipe merengue 65 milhões de Euros, aproximadamente 111 milhões de dólares na época. Ou seja, a transação entre dois clubes europeus, envolvendo o mesmo jogador, foi aproximadamente 12 vezes maior do que se envolvesse um clube brasileiro e um europeu. Temos a convicção que mesmo mais amadurecido, Kaká não sairia do São Paulo para o Real Madri por mais do que 15 milhões de dólares.

Mas a Fifa, esta sim, continua faturando. As receitas com taxas de transferências só aumentaram nos últimos anos. Há jogadores que mudam de clube,

³⁵ Ver www.cbfnews.org ; www.fifa.com ; www.uefa.com acessados em 11/11/2009.

duas, três, quatro vezes por ano. Processo que jamais seria possível sem a livre circulação que a lei do jeito que se apresentava no início dos anos 90 não permitia.

Entendemos, dessa forma, que o campo político do futebol brasileiro é, atualmente, regulado pelo mercado externo. Pó esta razão, dedicamos boa parte deste quarto capítulo à análise das alterações no futebol mundial provocadas pelo processo de globalização. O capital que estrutura todo o campo político, que define o que é legítimo e o que não é , e todas as possibilidades de ação dos atores dentro do **campo** estão sendo definidos em algum lugar muito longe das mesas de diretorias dos clubes brasileiros, das assembléias das federações estaduais e mesmo nas instâncias legislativas da Confederação Brasileira de Futebol. Nossos clubes, jogadores, torcedores, todos os agentes participantes do campo político do futebol brasileiro são hoje, no nosso entendimento, reféns das práticas comerciais neoliberais e globalizantes que controlam as ações do futebol no mundo.

Entendemos que o futebol brasileiro encontra-se hoje inserido dentro de um contexto de um futebol mundializado, globalizado. Assim, como as identidades e outros traços culturais, a imagem que se tem dos jogadores de futebol de hoje é de profissionais globalizados, sem vínculo afetivo com clube, cidade ou país. São jogadores de passagem, com ligações transitórias, instáveis e flexíveis. Assinam contratos de três, quatro, seis meses, por um jogo, um torneio, uma competição. Tem seus direitos federativos comprados por um clube mais permanecem naquele clube onde estava ou é emprestado a outro que o repassa a outro.

Jogando no Vasco da Gama, clube da cidade do Rio de Janeiro, Carlos Alberto Gomes de Jesus com os seus recém completados 25 anos é considerado um veterano no futebol. Em seis anos de carreira jogou em oito clubes, sendo que em três dos quatro grande clubes do Rio de Janeiro, no Porto de Portugal, para onde foi com apenas 20 anos e no Werder Bremen da Alemanha.

Já o zagueiro do Cruzeiro Luisão, de apenas 22 anos, jogou em cinco clubes, sendo um no Uzbequistão e outro na Suíça. O atacante Souza, 27 anos, que, no tempo em que escrevia essa página do trabalho, continuou no Corinthians, já havia atuado por 10 clubes diferentes, em cinco países distintos: Grécia, Bulgária, Portugal, Rússia, além do Brasil, evidentemente. Isso, sem falar nos jogadores brasileiros que estão no Exterior como Alexandre Pato que, aos 17 anos, foi vendido ao Milan da Itália e Marcelo que, com a mesma idade, foi vendido ao Real Madri.

Uma outra questão que vem sendo colocado é a adequação do calendário brasileiro ao Europeu. O primeiro grande movimento a esse respeito foi feito ainda no início dos anos 90. A idéia naufragou, porém, quando sugeriram também o fim dos campeonatos estaduais.

A própria história do futebol brasileiro, ligeiramente pontuada no início de nosso trabalho dá conta de um processo de popularização do esporte pela representatividade que os bairros ganharam no início do século XX por intermédios dos clubes de futebol. Conforme as equipes iam se formando e começavam a ganhar partidas, passavam a ocupar proporcionalmente espaços nos principais jornais da cidade. Trazendo no peito um escudo e o nome do bairro, logo transformaram o clube num ícone de representatividade, motivo de orgulho e de rivalidade com os outros bairros.

Ao longo dos anos, com o desenvolvimento do futebol no país, esse processo foi se intensificando. Com o aumento das rivalidades, as competições entre os clubes de uma mesma cidade eram entendidas como embates entre os próprios bairros. Por esta razão, ainda hoje, as rivalidades entre os clubes de uma mesma cidade são bem maiores do que aquelas experimentadas com os de outras. Processo que só se iniciou com os torneios de âmbito nacional, concretizados só a partir dos anos 60 e 70, quando o futebol já tinha mais de meio século de desenvolvimento no país.

Na Europa existem outras rivalidades tão grandes, ou até maiores do que as estabelecidas entre clubes de uma mesma cidade no Brasil. Como se trata de países menores, onde muitas cidades possuem apenas um clube, era natural que a rivalidade surgisse entre as cidades e não no interior delas. Outros aspectos importantes dizem respeito aos intensos processos migratórios e as guerras travadas no território europeu, cujas rivalidades continentais são ainda hoje valorizadas e ressignificadas dentro do universo das torcidas organizadas, como os embates entre o Celtics e os Rangers na Irlanda.

Essa diferença cultural mostra-se ainda intransponível, de forma que, de todas as adequações possíveis do futebol brasileiro a nova ordem mundial do futebol Global, a única que ainda não se concretizou foi a união dos calendários, por força, sobretudo, da dimensão social que os campeonatos estaduais possuem no campo simbólico do futebol brasileiro.

O global que modifica imaginários

Foi-se o tempo que o futebol-espetáculo era uma exclusividade brasileira. Na nova ordem mundial, o futebol por si só é um espetáculo. Com a expansão do mercado da bola, o velho esporte bretão teve que se modernizar e se adequar às imposições mercadológicas.

É fato que esse esporte é o que menos modificou a sua estrutura no mundo para se adaptar à televisão, as arenas e a outros imperativos da globalização. Mas, mercadologicamente falando, manter-se fiel às origens, pelo menos no que diz respeito às suas 17 regras, também constitui-se de certo modo na valorização da tradição como elemento apaziguador das contradições impostas pelas novas imposições mercadológicas. Faz-se acreditar num imaginário representativo do verdadeiro futebol, do bom e velho futebol, que apesar das vicissitudes do tempo, mantém-se íntegro e fiel às suas origens. Essa representação ganha contornos épicos sem pensarmos no futebol e suas originais 17 regras como algo que resistiu ao

tempo, ao espaço, às guerras, às crises, às transformações do mundo. Esse imaginário confere ao futebol uma certa aura, um certo charme e uma força inabalável.

Esse imaginário do futebol como algo forte, poderoso é constantemente explorado no plano político. A abertura de diálogo entre as duas coréias, separadas desde o fim da segunda guerra mundial, foi costurado pelos países que se uniram para organizar o mundial de seleções da Fifa em 2002. A presença da Coréia do Sul nas Semi-finais do torneio, após ter eliminado de forma polêmica a tricampeã Itália - teve dois gols supostamente legítimos anulados - a inédita final entre Brasil e Alemanha, as duas seleções com o maior número de títulos no mundo e a presença do Japão, contribuíram para o sucesso da competição e para uma, mesmo que breve, aproximação entre os povos do sul e do norte da Korea.

Evidentemente, não estamos querendo afirmar que o futebol quebra todas as barreiras e é capaz de unir povos que nutrem entre si sentimentos e diferenças históricas. Mas é impossível não mencionar que há o imaginário de que o futebol tem o poder parar guerras e trazer alegria e esperanças à povos que estejam passando por enorme sofrimento e dificuldades³⁶.

Conforme apresentamos no início desse trabalho, ao falar sobre o *campo científico*, Bourdieu deixa claro que é obrigação de todos que participam de um *campo*, seja ele qual for, trabalhar em prol de sua sustentação e de seu desenvolvimento. Não é interessante para ninguém que participa de um *campo* da atividade humana que ele desapareça ou perca o sentido de existir porque isso causaria necessariamente a sua própria extinção.

Os limites da globalização no futebol

³⁶ Vide reportagens sobre o jogo Brasil X Haiti realizado em 18 de agosto de 2004. Acesse <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86739.jhtm> acessado em 11/12/2009.

Dentro das perspectivas que estamos trabalhando nesse capítulo, há certas coisas que são necessárias que aconteçam. Acreditamos que os limites da globalização no futebol são determinados pela própria manutenção das condições que lhe são favoráveis. Nesse pensamento, encaixa-se portanto a idéia de que o fim dos campeonatos estaduais e o conseqüente esvaziamento das paixões dos torcedores por seus clubes da localidade talvez não seja desejável.

Na mesma direção, acreditamos que, embora não acreditemos em manipulação de resultados, alguns resultados em Copas do Mundo não são desejáveis e por esta razão tem levantado muitas suspeitas. No exemplo já citado, a Itália teve dois gols anulados diante da equipe da casa na Copa da Coréia que realmente ninguém entende até hoje, o motivo das anulações. Mas, não acreditamos que fosse desejável a equipe asiática na final.

Hoje, há várias maneiras de se manipular um resultado. Pode-se expulsar o melhor jogador da seleção adversária, marcar um impedimento duvidoso contra e deixar a bola correr em outro que seja a favor, marcar um penalty naquele empurra-empurra dentro da área que sempre acontece, enfim, uma série de recursos. Até a tão polêmica tecnologia hoje existente nas transmissões podem agir para justificar ou condenar uma determinada decisão da arbitragem. Quantas vezes, vimos um lance pela câmera de cima e nos parece falta e quando enxergamos o mesmo lance por baixo, através de outra câmera, vemos que o jogador que caiu na verdade se quer foi atingido pelo suposto faltoso?

Não vejo hipótese de no mundo de hoje, por exemplo, duas seleções sem a mínima expressão no futebol mundial cheguem á uma final. Mesmo que esses países formem a melhor seleção de futebol de todos os tempos, pensamos que a lógica de mercado jamais permitiria. A conciliação entre tradição e modernidade não é uma necessidade exclusiva da sociedade brasileira. Apesar do mundo globalizado e da mundialização das culturas, ninguém quer a destruição total de suas raízes. As

identidades múltiplas e transitórias dos indivíduos pós-modernos, tal como descritas por Hall³⁷, não significam o desaparecimento das formas tradicionais de compreensão e apreensão dos fenômenos. Ter dois países sem tradição no Futebol seria uma tragédia mercadológica difícil de se concretizar.

Entre outros limites da ação globalizada sobre o futebol, enxergamos também a dimensão social que a paixão pelo clube de coração ainda desperta no brasileiro. É bastante comum vermos jovens, principalmente, torcerem e vestirem camisas de clubes estrangeiros como o Arsenal, Liverpool, Inter de Milão, Real Madri, Milan, Barcelona. Alguns vão além e utilizam símbolos de clubes estrangeiros para se identificarem na rede virtual. Isso não significa, porém, o abandono às suas raízes de torcedor. Quando confrontadas, as novas identidades costumam levar a pior diante daquelas estabelecidas através dos meios convencionais de sociabilidade, como as tradições passadas de geração em geração no interior do grupo familiar.

O estudante de Comunicação Social da Uerj, Marcio Cordovez é torcedor do Liverpool. Acompanha tudo o que acontece com o clube pela Internet, através do site oficial e da versão on line do jornal inglês The Sun. Seu e-mail principal se inicia da seguinte forma: Marcio_liverpool@...

Porém, ao prosseguirmos a entrevista com o Márcio, ele revela que no Rio de Janeiro, onde nasceu, torce para o Botafogo. Sem perceber, começa a falar sobre sua paixão pelo clube. Diz que o gosto veio pelas inúmeras vezes em que acompanhou o seu pai ao estádio Caio Martins, em Niterói, cidade onde cresceu, para ver o seu fogão jogar. Quando indagado para quem torceria em caso de uma disputa válida pelo título mundial entre Botafogo e Liverpool, Márcio não titubeou: Botafogo, claro!.

A declaração de Márcio revela que há uma distancia entre a percepção que se tem sobre as coisas e como elas são na realidade. O imaginário quando confrontado

³⁷ HALL, S. Identidade cultural na pós modernidade. 2003.

com a realidade deixa transparecer os esquecimentos e as permanências que formam a memória social de um grupo. É com essas instâncias que o capital simbólico de um campo está a todo instante dialogando e é esta a razão dos embates que se estabelecem entre tradição e modernidade em todas as formas sociais. Lugar, intencionalmente ou não, inalcançável pela globalização.

Globalização: aderindo às tradições.

Outro ponto importante que identificamos na relação dos transformações de ordem estrutural do futebol mundial e os diálogos estabelecidos com a estrutura do futebol brasileiro e seu campo político, diz respeito à reconstrução da memória vencedora do futebol brasileiro centrada na figura de um herói, Ronaldo. Sem dúvida, a Copa de 2002 foi a redenção do atleta e do novo modelo para o futebol brasileiro idealizado por Ricardo Teixeira. Mantendo a mesma linha das preparações vitoriosas de 1994 e 1998, a CBF optou por trazer um técnico disciplinador. Luiz Felipe Scolari baseou o seu trabalho na estruturação da equipe com um forte esquema defensivo, preparando o jogo para atacantes altamente técnicos que, diante de um mínimo de descuido das defesas adversárias, fariam a diferença a favor da seleção brasileira. O esquema, pelo menos na idéia, era idêntico ao implantado por Parreira em 1994.

Porém, o discurso da vitória era outro. Para a imprensa brasileira, quem tinha sido campeão não era a seleção brasileira de futebol, mas a família Scolari:

Um dos dias mais esperados do ano no futebol, tanto para jogadores quanto para torcedores, foi 6 de maio. Neste dia, o técnico Luís Felipe Scolari, 53 anos, anunciou quem seriam os jogadores convocados para disputar a Copa do Mundo de 2002. Contra tudo e contra todos, ele deixou de fora Romário, um dos maiores artilheiros do Brasil. Teimoso, não deu ouvidos aos pedidos insistentes da torcida, dos comentaristas e nem do presidente Fernando Henrique Cardoso, que clamavam pela presença do baixinho. Com Romário ou sem Romário, se eu perder sei que estou acabado, disse na época. Venceu a teimosia. Com a conquista do pentacampeonato do Mundial da Coreia/Japão pela seleção de Scolari, ninguém lembrou de reclamar a ausência do craque do Vasco. O Brasil só tem a agradecer à persistência de Felipão. No jogo da seleção contra a Turquia na semifinal, o técnico teimou em

manter, no segundo tempo, Ronaldo, que não mostrava o brilho das partidas anteriores. Santa teimosia. Logo nos primeiros minutos da etapa final, Ronaldo tascou um gol de bico na Turquia. Foi o tento que levou o Brasil à final contra a Alemanha, vencida por dois a zero.³⁸

De uma maneira ou de outra, com o quinto título mundial, estava definitivamente concluído o processo de retomada da hegemonia brasileira sobre o futebol mundial. O Brasil conseguia se consolidar diante de uma nova realidade, sobre novos símbolos. Isso não significava, porém, que o imaginário do futebol arte, da pátria de chuteiras e de outras apropriações estavam superadas. Mas, ao contrário, fazem parte do folclore do futebol e serão agenciadas a cada vez que se tornarem necessárias.

O fato é que o quinto título aproximava uma vez mais a CBF da Fifa e garantia a seleção brasileira, o jogador brasileiro numa posição privilegiada no cenário mundial do futebol comercial:

O quinto título mundial consolidou o total predomínio do selecionado brasileiro no cenário internacional e chamou a atenção para o criterioso trabalho que vinha sendo desenvolvido pela CBF no departamento de seleções. A conquista dos campeonatos mundiais na categoria sub-20 e sub-17, em 2003, deu ao Brasil a honra de ser o primeiro país a obter a tríplice coroa da FIFA, detendo simultaneamente os títulos das três categorias em que as disputas internacionais são homologadas pela entidade. A esse conjunto de vitórias foram acrescentadas a medalha olímpica de prata do selecionado feminino, conquistada nos Jogos de Atenas, e o título da Copa América de 2004, com a seleção principal novamente sob o comando de Carlos Alberto Parreira.³⁹

Por todas as transformações ocorridas no campo do futebol, somos levados a acreditar que o novo capital simbólico do futebol seja o seu sucesso comercial. A Quebra do monopólio dos clubes na detenção dos direitos federativos, a abertura de

³⁸ Ver em http://www.terra.com.br/istoegente/153/reportagens/penta_felipao.htm acessado em 21 de outubro de 2009.

³⁹ SARMENTO, 2006: 170.

novas frentes de trabalho e a intensificação dos processos de naturalização transformaram os jogadores na principal moeda corrente do futebol globalizado.

O século XXI está experimentando um fluxo contínuo de transações comerciais envolvendo jogadores de futebol nunca antes experimentados. Se considerarmos que Ronaldo, o Fenômeno, melhor jogador do mundo em 97, foi vendido nesse mesmo ano pelo Barcelona à Inter de Milão por 28 milhões de dólares, como podemos consentir que um jogador de valor simbólico semelhante possa valer hoje pelo menos 100 milhões de Euros? Mas vale. Vale. A Cláusula contratual do atacante Thierry Henry com o Barcelona diz que se algum clube quiser tirá-lo do time catalão deverá desembolsar a quantia de 125 milhões de Euros.

Desta forma, os jogadores de futebol se transformaram em verdadeiras celebridades. Não há como não fazer alusões ao Show Business. Desfiles de moda, campanhas humanitárias e promocionais, jogos festivos, eventos para promover patrocinadores, o jogador de futebol faz hoje tantas coisas quanto treinar ou jogar. É possível dizer que essa deixou de ser, inclusive a sua função principal. A impressão que se tem, observando as manchetes que saem dos principais astros dos esportes no jornal é a de que eles só permanecem como jogadores de futebol para não perderem o simbolismo que os transformaram em celebridades.

Não adianta reclamar porque isso faz parte do espetáculo. O futebol de hoje sobrevive das estrelas que enchem os estádios e deixam milhões nos cofres das empresas envolvidas na organização do espetáculo. É claro que para se manter no topo, o jogador precisa estar em forma e corresponder dentro de campo o investimento feito fora dele. Uma vez mais lembrando Bourdieu, as estruturas e os agentes participantes do **campo** tem a função, acima de tudo, de preservá-lo.

O norte americano Franklin Foer em seu livro *como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*⁴⁰ destaca justamente como as torcidas organizadas, a máfia -existente em alguns países – as empresas multinacionais e outras entidades injetam bilhões de dólares ao ano, patrocinando o espetáculo, sem nenhum pudor ou amor por qualquer equipe ou mesmo pelo esporte. Se é lavagem de dinheiro, não importa para esse trabalho, mas nos é caro saber que futebol é esse em que os principais interessados não são clubes ou aqueles apaixonados por esses clubes? Como ancorar em bases sólidas um mercado que movimenta bilhões se nem sabemos de onde vem o dinheiro, quem coloca o dinheiro e com qual intenção?

Em nosso entendimento, o futebol mudou. Em organização, estrutura, naturalmente, mas principalmente seu significado para àqueles que sustentam o espetáculo. O que movimentou o velho esporte bretão durante anos foi a paixão. Hoje, é o capital, são os negócios. As formas e os métodos utilizados necessitariam de um estudo muito mais completo e profundo, que vai muito mais além do universo do futebol, objeto desse trabalho.

Para nós, interessa observar apenas que no embate entre a tradição e a modernidade, está o interesse econômico que movimenta o pêndulo ora para um lado, ora para o outro. Paradoxalmente, o pragmatismo que assola o futebol globalizado o transforma numa caixinha de surpresa, onde os interesses comerciais podem levar a Copa até a Coreia do Sul, como também podem trazê-la de volta ao Brasil depois de meio século.

É preciso ressaltar que a rentabilidade dos negócios está diretamente ligada, como em qualquer negócio, a sua credibilidade. Por sua vez, o crédito está atrelado aos imperativos tradicionais como a manutenção das 17 regras e a não utilização de recursos eletrônicos para a definição de resultados, recurso dialético que pode ser

⁴⁰ FOER, F. *Como o Futebol Explica o Mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Jorge Zahar., 2005.

utilizado também para que erros de arbitragem não façam mal aos negócios. É simplesmente tudo uma questão de saber como manter o futebol em sua dimensão atual e quais são as saídas, ou entradas, possíveis para ele no futuro.

Os defensores das teorias da conspiração defendem que o Brasil deixou a França vencer a Copa de 98 para ter a garantia de voltar a sediar um mundial. Dizem também que a Itália ganhou a Copa de 2006 para não deixar o Brasil **fugir** muito no número de títulos, pois o país já tinha cinco e ela, segunda no ranking, apenas três.

O fato é que o Brasil não foi campeão e acabou escolhido para sede da Copa de 2014. A França, por sua vez, única das grandes nações européias que jamais havia ganho uma Copa, finalmente venceu o seu primeiro mundial.

Mas não nos interessa estabelecer aqui juízo de valor. A este trabalho, não importa saber se o futebol de hoje é manipulado comercialmente ou não. Nos cabe apenas concluir que, de uma maneira ou de outra, o campo político do futebol brasileiro está hoje submetido às forças que estão dispersas na vasta teia de significantes e significados que perambulam pelas interconexões globalizadas e escapam do controle daqueles que dela participam, seja como agente central ou periférico de um sistema em constante movimento.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou entender as transformações ocorridas no futebol ao longo do século XX pela análise de suas estruturas políticas, uma perspectiva ainda pouco explorada. Para este fim, estabeleceu-se que o futebol seria pensado como um *campo*, categoria sociológica desenvolvida pelo francês Pierre Bourdieu e a partir de referenciais teóricos apresentados.

Em nossa busca, partimos de idéias bastante solidificadas acerca dos conceitos de modernidade, alteridade, autoridade, hegemonia, ideologia, imaginário, identidade, memória social apresentados por autores consagrados como Anthony Giddens, Carlos Eduardo Sarmiento, Louis Althusser, Mário Filho, Stuart Hall, Roberto DaMatta, Ronaldo Helal, entre outros.

Partimos da idéia de que em toda atividade humana, organizada e planejada, haverá sempre a disputas entre grupos que dela participam objetivando a dominação sobre os demais grupos e a ascensão como classe dirigente, torna possível a realização desse trabalho tal como foi proposto.

Pesquisas preliminares desenvolvidas por mim nos cursos de graduação e especialização que antecederam a este trabalho, já forneciam indícios de que futebol e política sempre caminharam juntos no Brasil. Meus conhecimentos sobre a história do país e o muito que aprendi nas disciplinas que davam conta dos primeiros anos de república, onde destaco os professores Aluísio Alves Filho (UFRJ) e Antonio Edmilson (UFF), fizeram-me acreditar fielmente que faltava à sociologia do futebol brasileiro uma análise por dentro de suas instituições políticas.

Ao me aventurar por esse Universo, pode constatar que de fato, em muitos momentos da história do futebol brasileiro, a classe dirigente esportiva se confundia com a própria direção política do país. Nesses períodos, o *campo político do futebol brasileiro* se transformava, na verdade, num sub-campo da Política Brasileira.

Pensamos que uma coisa é você sofrer interferências, outra bem mais fácil de se observar, é passar por intervenções. E isto, como pudemos observar, foi o que comumente aconteceu com a classe dirigente do futebol brasileiro ao longo do século passado.

A distância conceitual entre interferência e intervenção dão a exata dimensão do grau de comprometimento que as instâncias esportivas tiveram ao longo da história brasileira com a vida pública e política do país. Para nós, isso ficou evidente quando, após o fim do regime militar, o futebol ficou à deriva, sem perspectivas, sem chão. As entranhas, as amarras eram tão sólidas que a desmobilização das estruturas que tinham em sua base ideológica o futebol provocou um vazio tão grande em seu interior que o futebol brasileiro se viu em crise.

Sabemos que muito consideram aquilo que chamamos de crise como processos de transformações que naturalmente ocorrem em qualquer atividade. Concordamos em parte. O nosso entendimento para o que chamamos de “crise” corresponde à identidade do futebol brasileiro que realmente acreditamos ter passado por um momento delicado ao ficar 24 anos sem conquistar um título mundial.

Foi interessante notar que, ao final dos anos 90, o próprio país estava sem rumo. Foram pouco mais de 20 anos de ditadura e de repente toda uma estrutura havia se rompido. A esperança dos brasileiros num governo democrático naufragou com o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo. A vontade do país em ser novamente campeão do mundo também não vingou.

Acreditamos que as bases que sustentaram uma dinâmica entre o campo político do esporte e da sociedade de uma forma geral ruíram juntos com as estruturas políticas que comandaram o país durante igual período.

Não estamos querendo dizer com isso que as lideranças políticas que estavam no poder durante o período militar saíram de cena. Para nós, havia apenas um

sentimento de reconstrução e que, acima de tudo, o país precisava retornar às suas origens.

Longe dos domínios políticos das esferas políticas de não esportistas, agora mais preocupadas em recolocar o país nos trilhos do que interferir diretamente nos destinos do futebol, a CBF pode enfim cuidar dos seus próprios interesses, planejando um desenvolvimento dentro das novas demandas que surgiam no mercado internacional e tratando também de buscar uma conciliação com os interesses dos clubes preservando uma relação que agora, mais do que nunca lhe daria sustentação.

Pelo que pudemos observar ao longo de nosso trabalho, ao tempo que a CBF buscava ter novamente uma posição privilegiada nas esferas internacionais do futebol, preocupava-se, internamente, em costurar alianças. Com o fim das intervenções governamentais, a entidade buscou uma aproximação com os clubes, entendendo que isso seria fundamental a sua sustentação enquanto classe dirigente.

A criação do Clube dos Treze em 1987 era um indício de que a classe dirigente do esporte no país negligenciou durante muitos anos a importância política dos clubes. Garantindo-se nos governos totalitários e intervencionistas que estiveram no poder por mais de meio século. A instituição máxima do futebol brasileiro chegou, aos anos 90, totalmente distante daqueles para quem ela deveria naturalmente governar.

A opção pela revisão histórica, refazendo toda a trajetória do futebol no país, desde a sua chegada aos tempos atuais, nos permite afirmar três coisas básicas sobre esse momento. A primeira, que já foi dita inclusive, dá conta da sensação de instabilidade e insegurança que a CBF sentiu ao final do período de interferências e intervenções políticas. Uma segunda constatação diz respeito ao diagnóstico de que os dirigentes esportivos não puderam ou não quiseram aproveitar esse momento de fragilidade política da Instituição simplesmente por se mostrarem inaptos e despreparados. Por último, não há vontade política dos clubes também em ascender ao

poder, apenas em garantir que a classe dirigente atue em acordo com seus interesses, numa espécie de troca de favores.

Incapazes de superar suas próprias contradições, presos ao paternalismo, ao clientelismo e à política dos iguais que tanto fazem parte da cultura brasileira, tal como apresentada por Roberto DaMatta, os clubes brasileiros se mostraram, até hoje, incapazes de apresentarem uma alternativa moderna de administração para o esporte no país, algo tão transformador que fosse capaz de sensibilizar a instância superior do futebol, a Fifa para que lhe conferissem mais autonomia.

Os clubes brasileiros preferem esperar pela reestruturação da CBF que foi buscar na própria Fifa apoio para o seu fortalecimento político. O que vimos nos anos que se seguiram ao período de crise, foi uma aproximação sem antecedentes entre as duas instituições. Processo que culminou com a adesão completa da entidade brasileira aos imperativos de um mercado globalizado que aniquila os clubes e ceifa qualquer chance de se manter no Brasil jovens promissores ainda em formação, nas categorias de base. Pensamos que um desafio que se apresenta para o futebol brasileiro num futuro próximo será o de como manter um estilo brasileiro de jogar futebol –se é que ele existe – se os clubes brasileiros não conseguem finalizar o processo de formação dos futuros craques que surgem a todo ano no Brasil.

A CBF é hoje uma das maiores parceiras da Fifa na gerencia do futebol no mundo, se inserindo de vez no processo de transformação do futebol numa das mais lucrativas atividades comerciais do mundo.

Mas, isso não significou grandes lucros para o futebol brasileiro. O que pudemos observar internamente, ao contrário, foi uma *intervenção branca* da entidade máxima do futebol mundial sobre a organização do combalido futebol brasileiro, de forma a facilitar a saída dos jogadores nacionais para os clubes cujas competições dão o maior lucro obtido pela entidade.

Embora a culpa, recorrentemente, recaia sobre os problemas econômicos e sociais do país, a verdade é que a livre circulação de jogadores era peça fundamental na construção do cenário mundial do futebol globalizado. Entre os planos da Fifa estava a de promover as competições entre clubes do velho continente nos moldes da NBA. Para isso, ela precisava que os melhores jogadores do mundo circulassem livremente pelos grandes clubes europeus.

Dessa forma, a Fifa trazia para junto de si sua maior adversária política, a União Européia de Futebol Associados (Uefa) e criava um mercado do futebol altamente lucrativo, não apenas através da cobrança de taxas de transferências, como também ao dividir os lucros da comercialização dos grande campeonatos disputados no velho continente. O sucesso do projeto estava garantido pela a presença nesses campeonatos das principais estrelas do futebol mundial. Assim, a Liga dos Campeões da Uefa arrecada hoje, em uma única edição, mais do que a Copa do Mundo de seleções.

Por essas razões não temos como pensar as profundas transformações ocorridas no futebol brasileiro dissociado das alterações de ordem política, econômicas e sociais promovidas no mundo após a queda do muro de Berlim em 1989.

Sabemos sobre as muitas particularidades que envolvem o universo simbólico do futebol brasileiro. Mas procuramos demonstrar ao longo desse trabalho que as próprias instancias dirigentes dialogam com esses imaginários a todo o instante, de forma a produzir narrativas que viabilizem seus projetos. Dessa foram, promovem lembranças e esquecimentos, realizam agenciamentos que conduzem a um processo de ressignificação como parte dos instrumentos ideológicos de conservação do poder e submissão consentida, tal como defendida por Althusser.

Em nosso entender, nas circunstâncias atuais, o capital simbólico que estrutura todo o futebol brasileiro é o próprio capital, o lucro. Os clubes reclamam das mudanças, a CBF problematiza as alterações, cria o estatuto do torcedor e todos

trabalham no discurso de que estão trabalhando em prol do futebol e de dar o melhor ao torcedor e ao jogador. Acreditamos, porém que haja um cinismo de todas as partes nesses discursos. Trata-se da velha retórica política do governo feito para o povo e pelo povo.

Pelo que foi pesquisado, esse cinismo já começa a tomar forma inclusive entre os jogadores. Alguns considerados craques com David Beckham e Ronaldinho Gaúcho parecem já ter a noção de que não são jogadores de futebol e sim celebridades. E como tal, sabem que um lance bonito aqui, uma jogada de efeito ali, já são suficientes para que os jornais caem as seus pés e os elevem à condição de deuses do futebol.

Todo jogador de futebol hoje em dia sonha em ser uma celebridade e não precisar mais treinar e jogar exaustivamente. A consequência disso são quedas vertiginosas de performance, esquecimentos, depressão, dificuldades de dormir, ansiedade, solidão que levam, em casos mais extremos, ao suicídio.

Só para citar exemplos mais recentes, tivemos as mortes do goleiro alemão Robert Enke em circunstâncias muito similares aos do autor Hollywoodiano Heath Ledger. Jogadores como Zé Roberto do Flamengo, Pedrinho, ex atacante do Vasco e Vagner Love do Palmeiras são outros casos mais recentes de depressão envolvendo atletas que só não ocuparam as páginas policiais como Enke e Ledger porque tiveram a sorte de encontrar profissionais que o recolocaram no caminho da vida.

Pelas razões apresentadas, acredito ter contribuído para a compreensão de muitos fenômenos que hoje assolam o futebol brasileiro. Tenho consciência de que há outros caminhos possíveis. Mas o entendimento sobre as transformações que vem se operando nas estruturas que compõem o Campo Político do Futebol Brasileiro, a meu ver, apresenta-se como um importante campo de pesquisas na busca pelo entendimento de muitos processos que estão em curso no futebol mundial. Dinâmicas que interferem diretamente nos modos de se sentir e se pensar a cerca daquele que é certamente um dos mais importantes baluartes da cultura nacional brasileira.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel [org.]. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Nacional, 1975.
- ADORNO & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Papirus, 2001.
- BOITO JR., Armando. *O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*. São Paulo, 1982
- BOURDIEU, Pierre . *O campo científico*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais
- _____. *Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Contrafagos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BECK, GIDDENS e LASH. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BOTTOMORE, Tom [ed]. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- _____. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP - Dossiê Futebol*, São Paulo, 1990.
- CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- _____. *Culturas Híbridas*. São Paulo, 1997
- DA COSTA, Leda Maria. *A Trajetória da Queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro, 2008.
- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 1999.
- _____. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Nacional, 16ª edição, 2001.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar 2000.
- _____. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (orgs). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Dialética e Hermenêutica – para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. *Teoría de la acción comunicativa - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 1987

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo, SANTORO, Marco Antonio e SOARES, Antonio Jorge. Futebol, Imprensa e Memória. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. Unisinos, vol. 6, nº 1, 2004. Disponível em

www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/view/3081/2891 .

IANNI, Otávio. *A era do globalismo*. 5ª , Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KELLNER, Douglas. *Popular culture and the construction of postmodern identities*. In: LASCH, Scott & FRIEDMAN, Jonathan [orgs.]. *Modernity and identity*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

_____. *A cultura da mídia*. São Paulo: Edusc, 2001.

LOVISOLO, Hugo. Memória e formação dos homens. *Estudos históricos* vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989

MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, vol.1, 1983.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Centauro , 2002.

MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil 1894-1949*. Rio de Janeiro: Olympicus, 1950.

_____. *Ante a vitória: problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, 1939.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo I (Neurose)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo II (Necrose)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS*, v.1, nº 1. Anpocs. São Paulo, junho de 1986.

Piletti, Nelson. *História e Vida Integrada*. vol. 4. 5. São Paulo: Ática, 1999.

ROCHA, Everardo. *A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad , 1995.

ROCHA, Everardo e BARROS, Carla. Cultura, mercado e bens simbólicos: notas para uma interpretação antropológica do consumo. In: TRAVANCAS, Isabel e FARIAS, Patrícia [orgs.]. *Antropologia e comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SARMENTO, Carlos Eduardo. A regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro. CPDOC, 2006. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>

SANTAELLA, Lúcia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. In: ARAUJO, Denize Correa (org). *Imagem [i]realidade. Comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

WAIZBORT, L. (org.) *Dossiê Nobert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 15ª edição. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. volume 1. Brasília: UnB, 2002.

Sites pesquisados na Internet

BBC BRASIL (www.bbcbrasil.com)

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (www.cpdoc.fgv.br)

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL (www.futebolpaulista.com.br),

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (www.cob.org.br)

BBCINTERNACIONAL

(http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/05/060600_copa1978.shtml)

GLOBO ON LINE (www.globo.com/históriadascopas/copade1994.html.asp)

UNIÃO EUROPÉIA DE FUTEBOL

(<http://pt.uefa.com/uefa/aboutuefa/newsid=787495.html>)

SITE DO PORTAL TERRA (<http://www.terra.com.br>)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)